

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO

JUAREZ TESTONI

**EVANGELIZAÇÃO DOS JOVENS NA PASTORAL JUVENIL SALESIANA
NO SUL DO BRASIL**

Orientador: Dr. Rafael Martins Fernandes

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JUAREZ TESTONI

**EVANGELIZAÇÃO DOS JOVENS NA PASTORAL
JUVENIL SALESIANA NO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Porto Alegre
2024

JUAREZ TESTONI

**EVANGELIZAÇÃO DOS JOVENS NA PASTORAL
JUVENIL SALESIANA NO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes

Defendida em ___ de ___ de ___, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes - PUC/RS

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes – PUC/RS

Prof. Dr. Renato Ferreira Machado – Fac. Dom Bosco/RS

Agradecimentos...

A Deus,
pela presença em todos os momentos da minha vida.

Aos professores,
pelos ensinamentos, pelas partilhas, pela amizade e pelas relações construídas durante o percurso dos estudos.

Aos colegas,
pelo companheirismo, pela ajuda mútua, pela amizade construída, pela troca de experiências e pelas partilhas tão enriquecedoras.

À comunidade Salesiana de Viamão,
sobretudo, ao P. Luiz Bazzanella, que, com muita dedicação, fez a leitura e as correções do texto da dissertação.

À Inspetoria São Pio X,
por acreditar e incentivar a formação permanente dos Salesianos, através do estudo e da reflexão.

Ao P. Rafael Martins Fernandes,
pela dedicação e disponibilidade para orientar, corrigir, propor e conduzir o trabalho da dissertação.

Aos jovens,
destinatários primeiros da missão salesiana.

Enfim,
a todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram parte da construção deste trabalho.

RESUMO

A evangelização da juventude é uma árdua missão da Igreja. As Conferências Episcopais Latino-Americanas alertam sobre esta necessidade urgente na ação pastoral. Entretanto não é uma missão fácil. Diante das mudanças culturais e sociais advindas com a modernidade, os jovens em sua grande maioria, afastaram-se da instituição por diversos motivos, seja por não compreender a Igreja, seja por não serem compreendidos por ela. Os jovens sempre estiveram presentes nas reflexões da Igreja, bem como, na Pastoral Juvenil Salesiana. Educar os jovens na fé tem sido um grande desafio, sobretudo diante do contexto em que vivemos, com tantas propostas que o mundo oferece. O processo de evangelização tem se tornado cada vez mais difícil e exigente. Muitos jovens não são atingidos nem pela mensagem e nem pelo testemunho da Igreja. Diante desta problemática, o objetivo desta dissertação, é apresentar um itinerário de evangelização contextual, isto é, direcionado para os jovens que frequentam as obras salesianas no sul do Brasil. Para a realização deste trabalho, utilizaremos a seguinte metodologia: leitura e pesquisa de autores que abordam a temática juvenil; aprofundamento de alguns documentos eclesiais que refletem sobre a evangelização dos jovens e, por fim, os elementos da Espiritualidade Juvenil Salesiana, a partir do carisma deixado pelo fundador, Dom Bosco.

Palavras-chaves: Juventude, evangelização, itinerário, processo.

ABSTRACT

The evangelization of youth is an arduous mission of the Church. The Latin American Episcopal Conferences warn about this urgent need for pastoral action. However, it is not an easy mission. Faced with the cultural and social changes brought about by modernity, the vast majority of young people moved away from the institution for various reasons, either because they did not understand the Church or because they were not understood by it. Young people have always been present in the Church's reflections, as well as in Salesian Youth Ministry. Educating young people in the faith has been a great challenge, especially given the context in which we live, with so many proposals that the world offers. The evangelization process has become increasingly difficult and demanding. Many young people are not reached by either the message or the testimony of the Church. Faced with this problem, the objective of this dissertation is to present an itinerary of contextual evangelization, that is, aimed at young people who attend Salesian works in southern Brazil. To carry out this work, we will use the following methodology: reading and researching authors who present youth themes; deepening of some ecclesiastical documents that reflect on the evangelization of young people, and finally, the elements of Salesian Youth Spirituality, based on the charisma left by its founder, Don Bosco.

Keywords: Youth, evangelization, itinerary, process.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AG – *Decreto Ad Gentes*

AJS – Articulação da Juventude Salesiana

C – Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales

CG – Capítulo Geral dos Salesianos de Dom Bosco

CELAM – Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribe

CV – *Christus Vivit*

CFL – *Cristifideles Laici*

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DM – Documento de Medellín

DP – Documento de Puebla

DSD – Documento de Santo Domingo

DAp – Documento de Aparecida

EN – *Evangelii Nuntiandi*

EG – *Evangelii Gaudium*

GS – *Gaudium et Spes*

LG – *Lumen Gentium*

MB – Memórias Biográficas

NMI – *Novo Millennio Ineunte*

QRPJS – Quadro de referência da pastoral juvenil salesiana

RM – *Redemptoris Missio*

REG - Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales

TDL – Teologia da Libertação

“Em todo jovem, mesmo no mais infeliz, há um ponto acessível ao bem e a primeira obrigação do educador é buscar esse ponto, essa corta sensível do coração e tirar bom proveito” (S. João Bosco).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 DEFINIÇÕES E CENÁRIOS DAS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS	
1.1 Conceito de Juventudes e de Culturas Juvenis.....	13
1.1.1 Conceito de Juventudes.....	13
1.1.2 Culturas Juvenis.....	20
1.2 O Jovem na sua integralidade.....	24
1.2.1 Juventude como lugar teologal.....	27
1.2.2 Juventude e participação social.....	33
1.3 Perfil dos Jovens atendidos nas Obras Salesiana no sul do Brasil.....	43
2 EVANGELIZAÇÃO DOS JOVENS	
2.1 Evangelização dos Jovens na América Latina.....	51
2.1.1 O jovem na Conferência de Medellín.....	51
2.1.2 O jovem na Conferência de Puebla.....	55
2.1.3 O jovem na Conferência de Santo Domingo.....	60
2.1.4 O jovem na Conferência de Aparecida.....	64
2.2 Evangelização na <i>Christus Vivit</i>	73
2.3 Evangelização segundo o Carisma de Dom Bosco.....	83
2.3.1 As origens de Dom Bosco e o seu trabalho com os jovens.....	84
2.3.2 A praxe de Dom Bosco.....	87
2.3.3 A Pastoral Juvenil Salesiana a partir do Quadro de Referência.....	90
3 ITINERÁRIO DA FORMAÇÃO À FÉ DOS JOVENS	
3.1 Dimensões teológico-pastorais do itinerário.....	98
3.1.1 Dimensão antropológica: integralidade e transcendência.....	99
3.1.2 Dimensão cristológica e o discipulado.....	101
3.1.3 O carisma salesiano: a centralidade do acompanhamento espiritual.....	102
3.1.4 Dimensão comunitária e a cultura do encontro.....	107
3.1.4.1 Comunidade e processos intergeracionais.....	108
3.1.4.2 Protagonismo juvenil na comunidade e na sociedade.....	109
3.2 Itinerário à evangelização dos jovens na perspectiva de Dom Bosco.....	111
3.2.1 Acompanhamento em diversos níveis.....	112

3.2.2 Acompanhamento pessoal.....	113
3.2.3 Qualidades do acompanhante	117
3.2.4 Projeto de vida pessoal.....	125
3.2.5 Engajamento eclesial.....	128
3.2.6 Outras pistas práticas	130
CONCLUSÃO.....	136
BIBLIOGRAFIA.....	140

INTRODUÇÃO

A Congregação Salesiana, inspirada no carisma de São João Bosco, tem como missão primordial a evangelização e a educação dos jovens, especialmente dos mais pobres. Sustentada por uma espiritualidade apostólica e pastoral, busca transmitir a mensagem do Evangelho de forma alegre, próxima e respeitosa, promovendo o crescimento integral dos jovens. Esse compromisso se traduz na formação de “bons cristãos e honestos cidadãos,” como sonhava Dom Bosco.

Este trabalho de dissertação de mestrado aborda a *Evangelização dos jovens na pastoral juvenil salesiana no sul do Brasil*, uma temática central para a Congregação e para a Inspeção São Pio X, onde leigos e salesianos compartilham uma missão em prol das juventudes.

A fase da juventude, marcada por decisões que moldam o presente e o futuro, representa tanto um desafio, quanto uma oportunidade para a Igreja, pois combina entusiasmo, criatividade e vulnerabilidade. A busca por uma pedagogia eficaz para evangelizar os jovens é essencial para o crescimento pessoal dos jovens e para a continuidade da missão da Igreja.

A evangelização dos jovens e o acompanhamento no seu processo de educação à fé representam grandes desafios para a Igreja. Como todo ser humano, os jovens têm sede de Deus e esperam da Igreja o serviço do anúncio da Palavra, para conhecer Jesus Cristo, sua vida, sua história e a obra redentora, a fim de concretizar em sua caminhada um projeto de vida e de felicidade.

Em diversos pronunciamentos do Magistério da Igreja, os jovens são lembrados como merecedores de um “cuidado particular,” considerando sua qualidade e, sobretudo, pelos imensos potenciais que podem oferecer à própria Igreja e à sociedade. Sendo a juventude a fase da vida de maior energia, criatividade, generosidade e idealismo, a Igreja, em suas várias instâncias e organizações, olha os jovens como “seu presente e futuro” e chama a atenção para suas riquezas e dificuldades.

No centro da missão salesiana, está o jovem. Juntamente com os leigos, que compartilham dessa missão, os Salesianos, a exemplo de Dom Bosco, são chamados a ser “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens” (Cf. C. n.2). A convivência com os jovens e sua evangelização é um tema que desperta muitas reflexões, dúvidas e

questionamentos. Essa convivência permite um aprendizado contínuo e, principalmente, aprender como evangelizar de modo eficaz.

A relevância do tema está enraizada na necessidade de pensar uma ação pastoral e evangelizadora que se ocupa das mudanças culturais e sociais que afetam a juventude contemporânea. Para apresentar propostas pastorais que dialoguem com os jovens, é necessário compreender as transformações de mentalidade e os anseios das novas gerações. Nesse contexto, a espiritualidade salesiana, baseada no carisma de Dom Bosco, oferece um modelo de evangelização que une formação cristã e compromisso social.

A juventude, com suas características dinâmicas e múltiplas, é desafiada por questões profundas, como o autoconhecimento, a descoberta de um propósito de vida e a integração com a sociedade. Nesse sentido, a presente pesquisa pretende responder à seguinte questão: como a espiritualidade juvenil salesiana pode contribuir para a evangelização dos jovens no sul do Brasil, em diálogo com as transformações culturais contemporâneas?

Diante desta pergunta, a hipótese que norteia este trabalho é que a pastoral juvenil salesiana, ao incorporar elementos da espiritualidade salesiana de Dom Bosco, pode oferecer um itinerário eficaz para a evangelização dos jovens com o intuito de formá-los para assumir um compromisso evangélico e um comprometimento com a fé cristã e com a sociedade.

A escolha do tema é fundamentada na importância que os jovens possuem para o presente e para o futuro da Igreja e da sociedade. Ao refletir sobre a evangelização da juventude, esta dissertação busca não apenas contribuir para o aprimoramento da pastoral juvenil salesiana, mas também, intenta oferecer caminhos que possam ser úteis para outras realidades pastorais. Além disso, a presente pesquisa visa promover a valorização do carisma salesiano, destacando sua relevância em contextos desafiadores.

Este estudo utilizará uma abordagem qualitativa, estruturada em três etapas: 1) Levantamento teórico, através da análise de autores que estudam a juventude e sua relação com a Igreja, além de documentos eclesiais como as Conferências latino-americanas e a Exortação Apostólica *Christus Vivit*; 2) Estudo empírico, mediante o levantamento de dados sobre os jovens atendidos nas obras salesianas no sul do Brasil, tendo como base a pesquisa desenvolvida pelo Observatório de Juventudes da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre; 3) Análise do carisma salesiano, através do aprofundamento dos elementos da espiritualidade juvenil salesiana e sua aplicação prática na evangelização.

A pesquisa divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos algumas definições e cenários das juventudes contemporâneas: conceito de juventudes e de culturas juvenis, o jovem na sua integralidade, como lugar teológico e sua participação na sociedade. Por fim, o perfil dos jovens que frequentam as obras salesianas no sul do Brasil. No segundo capítulo, refletiremos sobre a evangelização, a partir de alguns documentos eclesiais, tendo como referência as Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida e a Exortação Apostólica *Christus Vivit*. No terceiro capítulo, trataremos um itinerário da evangelização, segundo o carisma de Dom Bosco, do Quadro de referência da pastoral juvenil salesiana e do Magistério eclesial latino-americano.

Com a estrutura em três capítulos, espera-se alcançar os seguintes resultados: 1) Contextualizar as juventudes contemporâneas, suas culturas e características, tendo como foco os jovens atendidos pela pastoral juvenil salesiana no sul do Brasil. 2) Refletir sobre a evangelização juvenil à luz dos documentos eclesiais e do carisma salesiano. 3) Propor um itinerário de formação à fé, integrando os elementos da espiritualidade juvenil salesiana.

Em suma, com esta pesquisa, pretende-se contribuir para o fortalecimento da pastoral juvenil salesiana, promovendo um modelo de evangelização que seja relevante, acolhedor e transformador na vida dos jovens.

1 DEFINIÇÕES E CENÁRIOS DAS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS

Nos últimos vinte anos, no Brasil, vem acontecendo uma mudança expressiva na teorização sobre juventudes, desde a sua conceituação até à ênfase na dimensão cultural, como instância que produz as juventudes tais como elas são concebidas atualmente. Isso interessa, sobretudo, pelas repercussões dessa teorização na produção de pesquisas e de conhecimentos acerca das juventudes. Os jovens deixaram de ser apenas compreendidos como se estivessem em transição para a vida adulta, ou então, como se fossem um contingente de indivíduos abrangidos por determinada faixa etária.

Neste capítulo olharemos os jovens a partir do conceito de juventudes e das culturas juvenis onde estão inseridos; o jovem na sua integralidade, como lugar teologal e como sujeito chamado a participar na sociedade, contribuindo com o processo de transformação, tornando-a mais justa, fraterna e solidária.

1.1 Conceito de Juventudes e de Culturas Juvenis

1.1.1 Conceito de Juventudes

Ao longo da história, o conceito de jovens e juventudes expressa diferentes sentidos, expectativas e significados atribuídos a esses dois temas, seja por questões biológicas, seja por diferenças culturais e processos históricos. O conceito de gerações remete ao momento histórico em que cada indivíduo se socializa. Cada geração incorpora novos códigos e valores ao capital cultural da sociedade em que está inserida. Considerando que há diferenças entre jovens, seja por classe social, raça, gênero e outros fatores, é comum dar-se destaque à utilização do termo “juventudes” no plural (Cf. CV, n. 68).

Juventudes no plural porque são muitas e diversas, pela rapidez das mudanças, por causa das diferenças de proveniência, de situação sociocultural e existencial, isto é: jovens de comunidades, juventudes urbanas ou rurais, juventudes favorecidas socialmente, econômica e culturalmente, jovens de tendência intelectual e jovens que já iniciam cedo no mercado de trabalho. Muitas por causa da tipologia diversificada, a geração Z,¹ geração transracional, geração do caos, geração positiva, geração plugada,

¹ Geração Z (também conhecida como *Generation*, Plurais) são as pessoas nascidas na década de 90 até o ano 2010. Essa geração que corresponde à idealização e ao nascimento da criação de aparelhos tecnológicos, isto é, desta vez foram as máquinas modernas que acompanharam de perto o nascimento e o crescimento dos jovens. A grande nuance dessa geração é “zapear,” variando dentre muitas opções tais

geração WI-FI, geração líquida e muito mais. Juventudes pós-modernas vivendo ao lado de juventudes pré-modernas.

Diante da história da construção do termo juventude, não é possível deter-se na juventude apenas como categoria hegemônica, isto é, que se presta a representar todos os jovens.

É importante assumir a reflexão de que:

(...) precisamos falar de juventudes, no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada em situações e significações diferentes.²

A análise semântica do termo juventude nos remete à sua origem, na língua latina, *Juventus, Juvenes*, que significa jovem, novo, recente. É a fase da vida humana que sucede à adolescência e que precede imediatamente a fase adulta.³ Desse modo podemos afirmar que a juventude é um período da vida humana que, quando bem cultivado, pode gerar frutos imensuráveis, na vida pessoal e comunitária de todas as pessoas.

Conforme Àvila:

Do ponto vista psicológico, o jovem já superou a ambiguidade crítica da adolescência e já se definiu um ideal de vida, para cuja consecução mobiliza seus recursos psíquicos e somáticos, dentro das características próprias da idade. (...) Talvez a cultura moderna, na intensidade de seus processos de comunicação, tenha como efeito abreviar os anos de juventude ou antecipar suas características para a adolescência.⁴

A noção geral do termo juventude refere-se a uma faixa etária de idade, uma etapa da vida, em que o desenvolvimento físico se completa e ocorrem mudanças psicológicas e sociais. Contudo, “a noção de juventude é socialmente variável.”⁵ Para Helena Abramo, “juventude é um desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e o assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente,

como, canais de televisão, internet, vídeo game, telefone, MP3 *player etc.* Outra característica essencial dessa geração é o conceito de mundo que possui, desapegado das fronteiras geográficas.

² ABRAMO, H. *Retrato da Juventude Brasileira*, p. 44.

³ Juventude, fase do desenvolvimento da personalidade, está marcada por sonhos que estão se consolidando, de relações que adquirem cada vez mais substância e equilíbrio, de tentativas de experiências, de escolhas que gradualmente delineiam um projeto de vida. SÍNODO DOS BISPOS XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. (Documentos da Igreja, 51)

⁴ ÁVILA, F. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*, p. 253.

⁵ ABRAMO, H. *Cenas Juvenis*, p. 1.

reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas.”⁶ Muitos partilham culturas juvenis, como danças, músicas, gostos, formas de expressar-se, ânsia por uma transformação social, impulso por aventuras, riscos e outros estímulos, pelos quais os jovens aspiram e exaltam a identidade de ser jovem. As novas gerações são influenciadas pela cultura hegemônica vigente e atual, que os impulsiona a serem dependentes e consumidores, utilizando-se da internet, das redes sociais e tecnologias das mídias, para imergir no mundo do mercado e do consumo de massa.

Para Luís Groppo, a juventude é uma categoria social, perpassada pela questão da faixa etária que se transforma de acordo com a classe social, impregnada pela questão da faixa etária que se transforma de acordo com a classe social, o grupo étnico-racial, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional, dentre outros aspectos.⁷

Contudo, construir uma definição da categoria juventudes não é uma tarefa fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais. Vários autores se debruçaram sobre o tema, trazendo importantes contribuições.

Abordar a temática das juventudes é algo que empolga, mas também que desafia. Talvez sua característica oscilante e diversificada é que nos impõe a necessidade de buscarmos, nas suas diferentes formas, parâmetros de discussão para o aprofundamento do tema.

Ao perceber como a juventude é vista socialmente, especialistas como Sposito, tendem a definir a juventude utilizando a imagem do paradoxo, ou seja, ora ela deslumbra com sua empolgação e vibração, ora deixa a muitos temerosos com suas atitudes e anseios em relação ao futuro.

Investigando e aprofundando os diversos autores que abordam a temática da juventude identificamos certo consenso de que não é tão fácil defini-la.

Segundo Sposito:

Produzir um Estado de Conhecimento sobre o tema da Juventude na área da Educação constitui, de certa forma, um desafio (...) A primeira questão que se apresenta é a da própria definição da categoria juventude, considerada “epistemologicamente imprecisa”. (...) os pesquisadores interessados em estudar e realizar balanços sobre o tema da juventude estariam diante de uma situação paradoxal de difícil resolução. De um lado, qualquer investigação em torno da produção de conhecimento exigiria, como pressuposto, a eleição de uma definição, ainda que provisória, do objeto de estudo de modo a orientar os critérios de seleção. De outra parte, como afirma Mauger, para formular essa categorização inicial as dificuldades, não são desprezíveis, pois seria quase

⁶ ABRAMO, H. *Retratos da Juventude Brasileira*, p. 37.

⁷ Cf. GROPPPO, L. *Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*, p. 7.

impossível recorrer ao uso da categoria juventude que se imporia de modo igual a todos os pesquisadores.⁸

Além da dificuldade de definição de conceito, há também uma atualização do próprio termo, ao invés de ser utilizado no singular, passou a ser empregado no plural, designando então “Juventudes.” A terminologia no plural se refere às representações correntes sobre a juventude, onde os jovens são designados como integrantes de uma cultura juvenil heterogênea. Contudo, “já não é possível englobar numa mesma geração, e, por conseguinte, num mesmo grupo, indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes.”⁹ Isso implica em perceber a diversidade dos modos como os jovens experimentam a condição juvenil de um mesmo tempo, de espaço e cultura.

Para Peralva a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação, ou seja,

(...) se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.¹⁰

Peralva, afirma que construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais como presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com a chegada da vida adulta.¹¹

Nessa mesma direção, Melucci, utiliza o termo “juventude” no singular, afirma que é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente se adquire a capacidade

⁸ SPÓSITO, M. *Algumas hipóteses sobre as relações entre os movimentos sociais, juventude e educação*, p. 7.

⁹ PAIS, J. *Culturas Juvenis*, p. 29.

¹⁰ PERALVA, A. *O jovem como modelo cultural*, p. 15.

¹¹ Idem, p. 16.

de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.¹²

Para Melucci, uma sequência temporal não implica necessariamente uma evolução linear, na qual ocorra uma complexidade crescente, com a substituição das fases primitivas pelas fases maduras, de tal forma a cancelar as experiências precedentes. Melucci defende a ideia de que os fenômenos evolutivos presentes nas mudanças dos ciclos vitais são fatos que dizem respeito a cada momento da existência, fazendo das mudanças ou transformações uma característica estável da vida do indivíduo.¹³

Dessa discussão, afirma Melucci, entende-se a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude, portanto, constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo afirma Melucci, é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. O autor, considera a juventude como uma etapa da vida, ou seja, a juventude inicia-se quando a infância é abandonada e dá-se os primeiros passos para a vida adulta.¹⁴

A categoria de juventude, afirma Carrano, encontra-se associada a ideias que vinculam a cronologia etária, ou, por vezes, a imaturidade psicológica. Uma das principais características da juventude é a irresponsabilidade.¹⁵ Muitos estudiosos no campo da sociologia apontam como principais problemas da juventude a delinquência, o abuso de drogas e álcool, associando assim, o conceito de juventude à noção de irresponsabilidade e de problema social.¹⁶

Apesar das inúmeras dificuldades em definir o conceito de juventude, para Silva,

(...) esta surge nas sociedades modernas como categoria fundamental. Ora, em boa verdade a juventude é cada vez mais um tema presente na sociedade contemporânea, quer nos espaços acadêmicos que nas políticas públicas.¹⁷

Segundo Abrantes, as identidades juvenis se encontram em permanente transformação nas sociedades contemporâneas. Para o autor, a identidade juvenil

¹² MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*, p. 5.

¹³ Idem, p. 6.

¹⁴ Idem.

¹⁵ CARRANO, P. *Juventudes: as identidades são múltiplas*, p. 11.

¹⁶ SPOSITO, M. *Algumas hipóteses sobre as relações entre os movimentos sociais, juventude e educação*, p. 7-8.

¹⁷ Cf. SILVA, C. *Resenhas de Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*, p. 396.

consiste, na sua essência, num processo de contínua transformação, quer individual ou coletiva, num jogo de múltiplas experiências.¹⁸

Contudo, existe um consenso relativo à condição de juventude, conforme afirma Ribeiro:

(...) em que a juventude não é apenas uma condição biológica, mas que deriva de dinâmicas com múltiplas origens. Esta diversidade resulta, portanto, da teia de relações que se estabelecem em torno do jovem, que simultaneamente conferem significados e definem a sua inserção nas sociedades. No âmbito das relações dos jovens com as gerações adultas destacam-se as situações de conflito e de solidariedade que se expressam ao longo da vida.¹⁹

Pais reforça a ideia de que a juventude é uma construção recente, ou seja, uma categoria moderna. Correspondendo a uma etapa de excessivas definições de identidade pessoal e social, a condição juvenil requer um grau de elevada experimentação nas diversas esferas da vida. De certo modo, afirma o autor, que a condição juvenil se reporta ao fato de os indivíduos viverem um período específico do ciclo da vida, num determinado momento histórico e cultural. Desta forma, o conceito de geração assume uma particular importância para a compreensão do papel da juventude nas sociedades modernas.²⁰

O termo “geração,” é entendido por Maia, como um conjunto de indivíduos nascidos no mesmo tempo e que detêm uma experiência comum. Segundo o autor, estes indivíduos expressam, simultaneamente, uma determinada maneira de encarar a vida, assim como os seus problemas. Ser jovem, na sociedade contemporânea, não é apenas uma condição biológica, mas sim uma maneira prioritária de definição cultural.²¹ Nesse sentido, Melucci, afirma que a juventude contemporânea deixou de ser uma condição biológica e tornou-se, portanto, numa definição simbólica, ou seja, que as pessoas não são jovens apenas pela idade, mas assumem esta característica juvenil através da mudança cultural.

Para Carvalho, a temática da juventude contemporânea pode ser vista sob duas perspectivas: a primeira caracteriza a juventude como um problema social e a segunda descreve a juventude como uma solução para o futuro da humanidade. Segundo o autor, a juventude só se torna objeto de estudo enquanto representa uma ameaça para a sociedade ou até para si própria. Prevalece, assim, a ideia de que a juventude é uma etapa

¹⁸ Cf. ABRANTES, P. *Identidades Juvenis e Dinâmicas escolares*, p. 109.

¹⁹ RIBEIRO, J. *Os Universitários e a Transcendência*, p. 81.

²⁰ Cf. PAIS, J. *Culturas Juvenis*, p. 48.

²¹ Cf. MAIA, C. *Juventude e ensino médio*, p. 110.

difícil e perturbada, principalmente devido às transformações ocorridas no processo de transição.

Para Carvalho,

(...) o conceito de juventude emerge, pois como uma fase centrada na reivindicação do prazer e da independência, da qual resultam diversos conflitos com os pais, professores, policiais, originando, por vezes, atitudes de violência 'descontrolada'. Como mencionado, a juventude pode ser uma solução para a sociedade moderna, na medida em que, o segmento juvenil emerge, nitidamente, como uma potencialidade dentro de sua sociabilidade.²²

Apesar da dificuldade de definição, algumas concepções estão ultrapassadas. Segundo Green e Bigum, uma das ideias correntes sobre a juventude é de que a mesma constituiria um estágio temporário no movimento em direção à normalidade, a ser superado, na totalidade, na completude da fase adulta.²³ Contudo, tal definição já não se sustenta mais, pois, como afirma Melucci, o modo de ver a juventude como mera transição decorre de uma compreensão da ordem social adulta como estática e rígida em oposição a uma pretensa "instabilidade juvenil", sendo que aquilo que denominamos de condições contemporâneas da vida se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade de toda a população e não apenas entre a juventude.

Diante desses primeiros esclarecimentos sobre as abordagens do conceito de juventudes, define-se a perspectiva conceitual adotada. Dentre as várias abordagens, podemos citar a do sociólogo português José Machado Pais, que desenvolveu um amplo estudo e uma pesquisa sobre culturas juvenis.

Segundo o autor,

(...) não há um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. Há diferentes juventudes e às diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, necessariamente, diferentes teorias. Em sua concepção, é possível agrupar essas teorias em duas correntes principais: a corrente geracional e a corrente classista.²⁴

A corrente geracional toma como ponto de partida a noção de juventude, entendida no sentido de *fase de vida*, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude.

²² CARVALHO, G. *Os jovens nas Políticas Municipais de Florianópolis*, 2002.

²³ Cf. GREEN, B; BIGUM, C. *Alienígenas da sala de aula*, p. 212.

²⁴ PAIS, J. *Culturas Juvenis*, p. 52.

A corrente classista, afirma o autor, também se preocupa com a problemática da reprodução social, embora seja pensada em moldes diferentes. De acordo com esta corrente, a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais, quer a nível da divisão sexual do trabalho, quer, principalmente, a nível da condição social.

Diante das várias reflexões apresentadas, há unanimidade entre os autores no conceito de “juventudes” no plural. As duas correntes, *geracional e classista*, são fundamentais para compreendermos o conceito de juventudes, pois, hoje fala-se de juventude rural, juventude urbana, juventude do centro, juventude da periferia, juventude moderna, pós-moderna, tradicional, há jovens brancos e jovens negros, há jovens estudantes secundários e universitários.

1.1.2 Culturas Juvenis

Segundo o sociólogo José Machado Pais, o conceito de cultura, na expressão “culturas juvenis,” é utilizado com o objetivo de discernir os diferentes significados e valores dos comportamentos juvenis, analisados ao nível das representações sociais dominantes, das culturas dominantes.²⁵ Nessa perspectiva, os epifenômenos da juventude, como música, estilos, modas, consumos, entre outros, são tomados como sistemas de valores atribuídos aos jovens, constituindo processos de socialização, no sentido de configurarem ordenamentos sociais possíveis de internalização, transmissão de normas e valores (normas de gerações; normas de classes sociais etc).²⁶

Nesse sentido, a noção de “culturas juvenis” contribui para a reflexão sobre o modo como os jovens são compreendidos na sua relação com as culturas hegemônicas e parentais. Ao conceber os jovens como produtores de uma cultura própria, consideramos que eles são sujeitos ativos, dotados de capacidade de ação. Suas ações podem ganhar espaço nos mais diversos âmbitos, inclusive em coletivos de atuação social.

A partir da década de 1990, afirmam os autores Dayrell, Carrano e Maia, assistimos no Brasil, a uma nova forma de visibilidade dos jovens em que a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada por eles e elas como forma de comunicação, expressas nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmo e da sociedade. Para os autores, a música, a dança, o vídeo, o corpo e seu

²⁵ PAIS, J. *Culturas Juvenis*, p. 54.

²⁶ Cf. FEIXA, P. *De jóvenes, bandas y tribus*, p. 104.

visual, dentre outras linguagens culturais, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar ideias, ouvir um som, dançar*, dentre outras diferentes formas de lazer e de expressividade pública. Mas também, segundo os autores,

(...) se tem ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças ou mesmo programas em rádios comunitárias. Nas periferias dos grandes centros urbanos, mas não só, podemos constatar essa efervescência, com jovens pobres vivenciando formas próprias de lazer, muitos deles se colocando como trabalhadores da cultura, inserindo-se em um circuito cultural alternativo que envolve produtores culturais, produtores musicais e seus pequenos estúdios, inúmeras rádios comunitárias, shows e eventos, dentre outros.²⁷

Os autores Dayrell, Carrano e Maia, afirmam que o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais onde os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil, ajudando-os a construir determinados olhares sobre si próprios e sobre o mundo que os cerca.

A maneira plural como os jovens vivem suas vidas depende de diversos fatores, como por exemplo, as condições sociais, as relações que estabelecem e as oportunidades que lhes são oferecidas. Por mais que existam “diferentes juventudes,” os jovens não vivem este momento de forma isolada, mas sim, através de aproximações com seus coetâneos, que buscam respostas semelhantes às suas, ocasionando deste modo, o surgimento das culturas juvenis.

Para Feixa, estas culturas podem ser compreendidas em sentido amplo e em sentido restrito:

Num sentido amplo, as culturas juvenis referem-se à forma como as experiências sociais dos jovens se expressam coletivamente através da construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional. Num sentido mais restrito, definem a emergência de 'microsociedades juvenis,' com graus significativos de autonomia em relação às 'instituições adultas', dotadas de espaços e tempos específicos, e que se configuram historicamente nos países ocidentais após a Segunda Guerra Mundial, coincidindo com grandes processos de mudança social nos campos econômico, educacional, laboral e ideológico.²⁸

O sentido amplo apontado por Feixa remete às experiências sociais que os jovens expressam coletivamente a partir da construção de estilos de vida e maneiras de conviver,

²⁷ DAYRELL, J.; CARRANO, P. E MAIA. *Juventude e Ensino Médio: quem é esse aluno que chega à escola*, p. 115.

²⁸ FEIXA, P. *De jóvenes, bandas y tribus*, p. 105.

que acontecem especialmente no tempo livre e nos espaços intersticiais das instituições de que participam.

Feixa refere-se ainda ao surgimento de “microsociedades juvenis,” que se caracterizam por certo grau de autonomia em relação às instituições adultas. Estas microsociedades se expressam através de diferentes agrupamentos juvenis com seus processos de idealização, de singularização e de relações entre seus membros. Apesar de serem constituídas por participantes com diferentes experiências, apresentam elementos afins, que são capazes de mobilizar a participação de tais jovens em uma determinada microsociedade.²⁹

Feixa, utiliza o termo “cultura” em detrimento à expressão “subculturas” a fim de evitar compreensões indevidas que são atribuídas ao segundo termo. Igualmente, adota o termo culturas juvenis no plural para destacar a heterogeneidade delas, diferentemente do que é difundido na literatura que privilegia a expressão no singular, isto é, cultura juvenil. A mudança na terminologia implica numa mudança no modo de focar o problema que transfere a ênfase da marginalização para a identidade, ou seja, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o tempo livre, das imagens para os atores.³⁰

Segundo José Machado Pais, entende-se “por cultura juvenil o sistema de valores socialmente atribuído à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), ou seja, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais.”³¹ Embora o autor utilize o termo “cultura juvenil” no singular, ao longo da sua produção é possível perceber que ele trabalha com um conceito plural das “culturas juvenis.”

Para Feixa, a noção de cultura juvenil, remete ao conceito de culturas subalternas. A falta de integração total ou parcial nas estruturas produtivas e reprodutivas é uma das características essenciais da juventude. Os jovens, sobretudo os que provêm de classes dominantes, têm pouco controle sobre a maior parte dos principais aspectos de sua vida e estão submetidos à tutela das instituições adultas.³²

Conforme o autor, o que diferencia a condição juvenil de outras condições sociais subalternas, como por exemplo, a das minorias étnicas, é que se trata de uma condição transitória, visto que, posteriormente, os jovens passam a ser adultos. Este caráter

²⁹ FEIXA, P. *De jóvenes, bandas y tribus*, p. 106.

³⁰ Idem.

³¹ PAIS, J. *Culturas Juvenis*, p. 69.

³² Cf. FEIXA, P. *De jóvenes, bandas y tribus*, p. 107.

transitório da juventude tem sido utilizado em muitas ocasiões para menosprezar os discursos culturais dos jovens.

A articulação social das culturas juvenis é aprofundada por Feixa, a partir de três cenários:

Culturas hegemônicas: representa a distribuição do poder cultural no âmbito da sociedade mais ampla, isto é, a relação dos jovens com a cultura dominante é mediada por diversas instâncias nas quais este poder se transmite e negocia, tais como a escola, o trabalho, os meios de comunicação. Diante destes, os jovens estabelecem relações contraditórias de integração e conflito, que se modificam com o tempo.

Culturas parentais: podem ser consideradas como as grandes redes culturais, definidas fundamentalmente por identidades étnicas e de classe, a partir das quais se desenvolvem as culturas juvenis, constituindo subconjuntos. Referem-se às normas de conduta e aos valores vigentes no meio social de origem dos jovens. Não se limitam a uma relação direta entre pais e filhos, mas a um conjunto mais amplo de interações cotidianas entre membros de gerações diferentes dentro da própria família, dos vizinhos, da escola, das redes e amizade, das associações etc. Diante desta socialização primária, o jovem interioriza elementos culturais básicos, como por exemplo, o uso da língua, papéis sexuais, formas de sociabilidade, critérios estéticos etc.) que posteriormente utiliza na elaboração de estilos de vida próprios.

Culturas geracionais: referem-se às experiências específicas que os jovens adquirem dos espaços parentais (família, vizinhança) e, sobretudo, dos espaços de ócio (a rua, as festas, os locais de diversão). Nestes espaços circunscritos, os jovens se encontram com outros jovens e começam a se identificar com determinados comportamentos e valores, diferentes daqueles vigentes no mundo adulto. Além dos três cenários descritos, Feixa destaca outros fatores importantes na estruturação das culturas juvenis: a geração, o gênero, a classe, a etnicidade, o território e o estilo.

Para Garbin, a partir de inúmeros investimentos de práticas culturais e discursivas, os jovens modificam, transformam e constituem diferentes maneiras de ‘ser’ e ‘estar,’ no mundo. A condição de ‘ser’ jovem está ligada a uma multiplicidade de possibilidades que tem em comum a busca constante, mas nunca plena, de identidades de pertencimento, de comunidades de estilos presentes num contexto fluido e em perpétua transformação. O autor explica o conceito de cultura juvenil a partir das reflexões feitas por Feixa, considerando que se trata das formas como as experiências dos jovens que se expressam coletivamente, através da produção de estilos de vida distintos. São as

“microsociedades,” isto é, as tribos, as galeras e as agregações em seus diferentes estilos.³³ As culturas juvenis, afirma Oliveira, se articulam a partir desses estilos³⁴ que, conforme Garbin, são criados e recriados pelos meios de comunicação massivos e pelo mercado. Feixa, acrescenta que ocorrem, sobretudo, nos espaços intersticiais da vida institucional, ou seja, fora da família, da escola, do trabalho, da igreja. Os estilos envolvem escolhas complexas do que pode ser entendido como consumo simbólico, cultural, pois são construções que envolvem imagens, territórios, objetos, referências, linguagens e práticas sociais e culturais.³⁵

1.2 O jovem na sua integralidade

Refletir sobre o jovem na sua integralidade, corpo, alma e espírito, é essencial para compreender e apoiar seu desenvolvimento saudável e equilibrado. O período da juventude é marcado por transformações e sobretudo, pela passagem para a vida adulta. Considerar todos os aspectos do jovem pode oferecer *insights* valiosos e promover o desenvolvimento mais harmonioso. Nesta seção, refletiremos sobre a importância de integrar as dimensões, corpo, alma e espírito na vida dos jovens, ajudando-os a tornarem-se adultos mais equilibrados e realizados.

Em sua dissertação,³⁶ Patrícia Espíndola de Lima Teixeira afirma que o ser humano é uma unidade e totalidade corpo-alma, integrado ao gênero humano e cada vivência o faz possuidor de conteúdo vivencial. “Cada vivência lhe pertence; o eu é quem vive em cada vivência; a corrente do qual se formam novas unidades de vivências é sua vida.”³⁷

A pessoa humana possui a especificidade corpo-alma-espírito. Diferente dos outros seres vivos, o ser humano é pessoa enquanto alguém que diz de si mesmo como um “eu” sensível, vital e espiritual.³⁸ Sede de consciência e da liberdade, o espírito humano acentua a potência do ser pessoa com o que há de mais perfeito na natureza.³⁹

A pessoa humana possui estrutura de abertura “para dentro” e “para fora”, interioridade e exterioridade. Como ser singular e unidade de sentido indissociável, a

³³ Cf. GARBIN, E. *Cenas juvenis em Porto Alegre*, p. 12.

³⁴ OLIVEIRA, R. *Culturas juvenis na metrópole*, p. 264.

³⁵ FEIXA, P. *De jóvenes, bandas y tribos*, p. 99.

³⁶ Cf. TEIXEIRA, P. *A formação integral da pessoa em Edhit Stein*, 2017.

³⁷ STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*, p. 65.

³⁸ STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

³⁹ TEIXEIRA, P. *Op. Cit.*

pessoa humana também possui dimensão relacional. Enquanto análise da especificidade do sentido de ser pessoa, encontra-se presente a capacidade humana de abrir à relacionalidade e ao conhecimento das coisas, de si, do outro e do próprio Deus, assim como, voltar-se para si mesmo em um ato consciente reflexivo-espiritual, sentindo a necessidade de transcender a si mesmo e de se relacionar com os demais.⁴⁰

Por sua característica transcendental, a pessoa humana possui potência em si, mas é também incompletude. Ao se reconhecer finita, a pessoa é alguém que busca um sentido para além de si em evoluir ser mais, conviver mais, conhecer mais, aspirar mais. É essa essência transcendente que desperta o humano para a atualização das potências. A educação, torna-se, portanto, a vida do desenvolvimento humano em seu fluxo vivencial desde a tenra idade. A educação seria assim, como a ação que põe em marcha, fazendo acontecer a edificação da pessoa em todo o seu desenvolvimento, em um dinâmico desvelamento desde a interioridade, potencializando, assim, a manifestação do sentido do ser.⁴¹

Pensando a formação com os jovens, há um projeto educativo que visa à formação do valor individual da personalidade,⁴² observando a pessoalidade de cada ser, sem considerá-lo “como um exemplar ou um simples repetidor da espécie.”⁴³ A formação acontece através de entrelaçamentos multifatoriais que constituem a pessoa humana: suas inclinações, disposições genéticas, potências originárias, valores, afetos, tradições, concepções e influências do meio sociocultural. Sem a análise das partes e do todo, a ação formativa torna-se fragmentada.⁴⁴

Retomando o significado da alma e sua raiz na interioridade, e do princípio de abertura em acolher, ou não o que vem de fora e responder através da atitude proveniente do interior,⁴⁵ o ser humano não se limita a estímulo-resposta. Na busca pela verdade do humano, captando suas essências específicas, a pessoa é vista como um ser espiritual. O espírito une as faculdades do intelecto, da razão e da vontade livre. “O espírito é, antes, uma dimensão humana, a qualidade específica e ser relacional, numa dualidade com o corpo físico, mas não no dualismo que cinde a unidade do indivíduo.”⁴⁶

⁴⁰ STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

⁴¹ RUS, E. *Uma visão educativa de Edith Stein: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral*, 2015.

⁴² Cf. ALFIERI, F. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, 2014.

⁴³ Idem, p. 95.

⁴⁴ TEIXEIRA, P. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017.

⁴⁵ STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*, 2003.

⁴⁶ ALFIERI, F. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, p. 32.

Se reconhecermos esse corpo vivenciado na pessoa jovem, poder-se-á atuar em integralidade e acompanhamento para que este se reconheça como alguém único, potente e capaz.

A formação para ser integral não pode se furtar de ir ao encontro da essência humana, no núcleo de personalidade dos jovens, visto que “tudo que a pessoa vive carrega em si a marca de sua personalidade.”⁴⁷ As ações impessoais, superficiais e mecanicistas se caracterizam por não adentrar na profundidade da alma humana. Profundidade e superficialidade configuram-se como centro e periferia e revelam-se nas atitudes em diferentes graus da interioridade da vida atual.⁴⁸ A pessoa jovem possui a sede do genuíno. Muitas vezes assume o que o outro espera de si, para se sentir aceito. Mas essa busca interior e exterior não parece eliminar a necessidade de autoaceitação interior, de se sentir “em casa” em si mesmo. Sem a formação da interioridade, o ser parece não habitar em si, por isso, difuso. Formar é formar “desde dentro,” mas sem que este se feche dentro de si.

O núcleo interior é essencialmente bom. Porém, processos formativos difusos, superficiais e fragmentados ofuscam e impedem a positividade contida no núcleo interior humano de se revelar ao mundo exterior em forma de ato.⁴⁹ A formação deve atingir essa “alma da alma,”⁵⁰ possibilitando o despertar e irradiar da potência, assumindo a consciência da integração do ser em um processo de orquestragem harmônica entre pensamentos, afetos, escolhas e atitudes condizentes com a originalidade positiva. Tocar a interioridade da personalidade, no núcleo, “alma da alma,” configura-se como uma pedagogia progressiva, visto que a atualização da potência ao ato positivo desenvolve-se em uma extensão temporal ao longo de toda a vida. Fato que muitos jovens trazem pontos focais em sua história juvenil de se sentirem profundamente tocados por vivências significativas a ponto de traçarem novas rotas de vida, assumirem conscientemente escolhas profissionais, vocacionais, familiares, acadêmicas que os formam em personalidade e caráter, isto é, na forma de ser e agir no mundo.

As juventudes por suas características próprias traz à tona muitos afetos. Desde a adolescência emerge um olhar menos idealizado do universo adulto, de seus familiares e

⁴⁷ ALFIERI, F. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*, p. 81.

⁴⁸ STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*, p. 656.

⁴⁹ SBERGA, A.; MASSIMI, M. *A formação da pessoa em Edith Stein*, 2013.

⁵⁰ Cf. TEIXEIRA, P. *A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*, 2017.

da própria condição de transformação da vida. Muitos jovens enfrentam dramas de toda a ordem, relacionados à instabilidade e frustração nos afetos. O jovem sente necessidade de existir no coração de alguém. O vínculo afetivo hoje salva a vida de muitos que se encontram em dúvida quanto ao seu valor e sua existência.⁵¹

A atuação com juventudes exige a abertura empática para uma formação afetiva e efetiva. Jovem normalmente se vincula e se relaciona normalmente com quem se sente identificado. Contudo, nem sempre consegue ter clareza do que fazer diante da ausência do outro, sobretudo quando esse outro trata-se de um adulto responsável por ele. Ao duvidar da presença real do outro, o jovem acaba por duvidar de si mesmo. Acreditar e vincular com um jovem remete à empatia que lhe assegura o direito de se conscientizar do ser e do conviver.

Após termos visto a importância de entender o jovem na sua integralidade, na sessão seguinte, apresentaremos o jovem como lugar teologal, isto é, como um espaço ou condição em que se realiza ou se manifesta uma experiência de Deus, ou onde há a possibilidade de uma vivência teológica profunda.

1.2.1 Juventude como lugar teologal.

Um dos pontos mais refletidos, debatidos e polêmicos da Teologia da Libertação (TdL) segundo Francisco de Aquino Júnior, refere-se à compreensão e determinação do “lugar teológico.” Autores como Melchior Cano, Jon Sobrino e Ignacio Ellacuria possuem duas compreensões distintas sobre o conceito “lugar teológico.”

Para Melchior Cano, seria na argumentação teológica referir-se às “fontes”, isto é, dez lugares ou moradas de onde se pode extrair os mais diversos fundamentos teológicos: autoridade da Sagrada Escritura; autoridade das Tradições de Cristo e dos Apóstolos; autoridade da Igreja Católica; autoridade dos Concílios; autoridade da Igreja Romana; autoridade dos Santos Padres; autoridade dos Teólogos Escolásticos e dos Canonistas; Razão Natural; autoridade dos Filósofos e autoridade da História. Para Jon Sobrino e Ignacio Ellacuria a compreensão de “lugar teológico” considera o caráter histórico-social, ou seja, o lugar social, local privilegiado da Revelação divina: o mundo dos pobres, dos jovens, dos excluídos e, conseqüentemente, da fé e da sua teologia.⁵²

⁵¹ OBSERVATÓRIO JUVENTUDES PUCRS/REDE MARISTA. *Saúde mental de adolescentes e jovens em contextos educativos: relações de cuidado humano*, 2020.

⁵² Cf. AQUINO J. F. *Sobre o conceito “lugar teológico.”* Revista eclesialística Brasileira, p. 452.

O lugar social em que nos situamos exerce papel fundamental e decisivo na configuração de nossa vida prática e teórica. O ponto de vista teológico difere ao analisar ricos e pobres, a divisão de classes, pois precisamos sempre partir do contexto. Nesse sentido, precisamos distinguir, ao menos metodologicamente entre “lugar” e “fonte” da teologia. Por “fonte” da Teologia, entende-se o “depósito da fé,” isto é, aquilo que, de uma ou outra forma, mantém os conteúdos da fé. Por “lugar” da Teologia, entende-se a partir de onde se tem acesso às “fontes” da fé e da Teologia e o a partir de onde essas mesmas “fontes” dão mais ou menos de si.”⁵³

Para a cristologia latino-americana, o lugar teológico é, antes de tudo, algo real, uma determinada realidade histórica no qual se crê que Deus e Cristo continuam fazendo-se presentes; por isso é lugar teológico antes que lugar teológico e lugar a partir do qual se pode reler mais adequadamente os textos do passado.⁵⁴

Conforme Aquino, se é verdade que não se pode fazer teologia sem as “fontes,” também comprovamos que o acesso às fontes da Teologia não se reduz aos textos do passado, mas também se dá em um “lugar social” determinado pelo próprio contexto. Pensar uma teologia encarnada é pensar a fé em Cristo no contexto dos povos crucificados. Portanto, “lugar teológico” revela-o a partir de onde, o horizonte, o ponto de vista ou a perspectiva social em que o teólogo se situa, lê e interpreta as próprias “fontes” da Teologia.⁵⁵

O Concílio Vaticano II trouxe para a Igreja novos ares e caracterizou-se pela abertura e pelo desejo de diálogo e reconciliação com o mundo e suas realidades complexas. O desafio da Igreja é ampliar sua visão sobre os “lugares teológicos”, tendo um papel mais positivo e participativo da fé católica na sociedade, além de debater definições teológicas e dogmáticas, com uma atenção especial para os problemas econômicos e sociais, vendo-os não como ameaça, mas como autênticos desafios pastorais que exigem cada vez mais uma resposta da Igreja.⁵⁶

Em sua dissertação, Gislene Danielski afirma que “João XXIII convida a Igreja a inserir-se na realidade e convoca toda a comunidade eclesial a portar-se de maneira diferente também diante dos jovens, a lançar sobre eles um olhar do acolhimento e não

⁵³ Cf. AQUINO J., F. *Sobre o conceito “lugar teológico.”* Revista eclesiástica Brasileira, p. 451-452.

⁵⁴ SOBRINO, J. *Jesu Cristo Libertador*, p. 58.

⁵⁵ Cf. AQUINO, J., F. *Sobre o conceito de “lugar teológico.”* Revista eclesiástica Brasileira, p. 453.

⁵⁶ BINGEMER, M., C. *El concilio y la emergencia del laicato*, p. 408.

de mero interesse como fazem muitas instâncias sociais.”⁵⁷ A Igreja vê nos jovens um espelho de si mesma, não por estratégia, mas por vocação. Observa-os com esperança não por simples interesse de perpetuação, mas por ser o jovem um lugar teológico⁵⁸ de encontro com Cristo e também um espaço da ação do Espírito Santo que continua fazendo novas todas as coisas (cf. Ap, 21,6).

Assim, a Igreja caminha com os jovens, pois estes são a Igreja de Jesus Cristo, são também povo de Deus peregrino, objeto e sujeito de evangelização, para isso, é necessário que a própria Igreja saiba transmitir às novas gerações as razões de viver e esperar (cf. GS, n. 31).

Para compreender a importância dos jovens para a Igreja, assim se expressou o papa Bento XVI: “sem o jovem o rosto da igreja está desfigurado.”⁵⁹ Significa olhar para a juventude e ver nela Deus que se manifesta de diversas maneiras e em diferentes momentos e situações. Nas diversas situações da juventude Deus comunica-se com a humanidade.

(...) jovem significa mais do que viver um estado biológico. É também, um estado teológico que carrega em si a necessidade de uma compreensão teológica e de um linguajar teológico. O jovem é como o profeta Isaías, dizendo coisas novas... Como diz o profeta: As primeiras coisas já aconteceram; coisas novas é que eu agora anuncio; antes que elas comecem, eu as comunico a vocês. (Is 49,9). A juventude é um sacramento que anuncia novidade.⁶⁰

Quando tivermos uma Igreja capaz de olhar para a juventude e ver nela o rosto de Deus, teremos uma Igreja jovem, uma juventude que quer transformá-la e apresentá-la como novidade para o mundo. Ninguém melhor que a juventude pode comunicar ao mundo a novidade da Igreja que mantém viva a mística de tantos empobrecidos no continente latino-americano.

Segundo Pâmela Karina dos Santos, em sua dissertação “Juventude e Puebla: aspectos teológicos pastorais na evangelização da juventude,” conhecer a cultura juvenil é para a comunidade cristã reconhecer que, no segmento da sociedade chamado Juventude, encontram-se as “sementes do Verbo.”⁶¹

⁵⁷ Cf. DANIELSKI, G. *Esperança cristã e juventudes: um encontro e esperanças para a vida da Igreja*, p. 24.

⁵⁸ Cf. CONSEJO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Civilización del amor*, n. 357.

⁵⁹ BENTO XVI, *em discurso no encontro com os jovens no Estádio Municipal do Pacaembu*, São Paulo, 2007.

⁶⁰ DICK, H. *O Divino no jovem*, p. 27.

⁶¹ Cf. SANTOS, Pâmela K. *Juventude e Puebla*, p. 89.

O que faz necessário reconhecer, aprofundar e estimular o divino que há na juventude. Desconsiderar esse divino e sagrado que há no universo juvenil é deixar de lado o que é específico da evangelização da juventude. O Deus da juventude tem um rosto de jovem e tudo o que isso significa. Nesse sentido, será necessário reconhecer a juventude como uma realidade teológica, fazendo-se o exercício de ler e desvendar toda a realidade que consigo ela traz.⁶²

Quando a Igreja afirma que a juventude é uma prioridade, ela deseja abrir-se para o novo e que ama os jovens não só porque eles representam a revitalização de qualquer sociedade, mas porque admira a realidade teológica revelada neles em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade.⁶³

Para Hilário Dick, a evangelização dos jovens se constitui para a Igreja, um problema central. Se quisermos ser portadores de uma Boa Nova, precisamos ser especialistas, também, na Boa Nova que a realidade juvenil carrega em si.⁶⁴ Conhecer a cultura juvenil, para um evangelizador, é reconhecer que no segmento da sociedade chamado “juventude,” se encontram as sementes ocultas do Verbo, como fala o Decreto “*Ad Gentes*,” do Vaticano II (cf. AG, n.11). Segundo o autor, precisamos aprender a escutar, reconhecer, aprofundar e estimular o divino que há no jovem. “Entrar em contato com o divino da juventude é entender sua Psicologia, sua Biologia, sua Sociologia e sua Antropologia, com o olhar de Deus.”⁶⁵

Como se fala na Psicologia do jovem, afirma Dick, precisamos aprender a falar da Teologia do Jovem, isto é, do discurso divino proferido pelo jovem. Trata-se de uma visão do mundo banhada na fé e fundada na revelação do divino através do jovem. O jovem, nessa perspectiva, é uma realidade teológica que é preciso aprender a ler e desvelar. Trata-se de uma Teologia que nasce e cai em terra nova (jovem), a ser cultivada; não em terra antiga, já cultivada, mas em terreno inexplorado.

Numa época em que se fala tanto de “inculturação” ou como em outros termos, de encarnar-se na realidade, de aceitar o novo, o plural e o diferente, na evangelização da juventude todo esse discurso toma feições muito concretas e imprevisíveis. Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade, mas porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade.⁶⁶

⁶² SANTOS, P., K. *Juventude e Puebla*, p. 90.

⁶³ DICK, H. *O Divino no jovem*, p. 15.

⁶⁴ Idem, p. 28.

⁶⁵ CNBB, *Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas Pastorais*, 2007, n. 81.

⁶⁶ Idem.

Hilário Dick se utiliza da expressão “*Teologia do jovem*” que, para ele, é mais do que uma mudança de postura didática. É preciso descobrir um novo campo teológico.

É nessa geografia que se fundamenta a importância do conhecimento cada vez mais científico da juventude, em todos os aspectos, não só pedagógica ou psicologicamente. O jovem como uma realidade que nos revela Deus. (...) precisamos aprender a revelar ao jovem a riqueza infinita que mora nele. Ele precisa e sonha descobrir e aprender o que é Deus, Jesus Cristo, a Igreja etc. mas aprender, igualmente, o que ele é, teologicamente, numa concepção de liberdade e de vida.⁶⁷

Se a Igreja vê na juventude um símbolo dela mesma, ela diz isso não por *tática*, mas por *vocação*. É muito difícil uma Igreja jovem ser verdadeira e real sem uma Teologia jovem.⁶⁸

A juventude afirma Dick, é uma novidade emergente na sociedade, na Igreja e na Teologia. Ela sempre existiu, mas foi e vai-se afirmando progressivamente na história.⁶⁹ É emergente porque vai conquistando, progressivamente, condições de começar a ser mais “reconhecida,” isto é, capaz de afirmar-se na realidade que vive.

“(...) vivemos num tempo onde iniciamos ser capazes de ver, pela primeira vez, o jovem como novidade também teológica. O novo não é idêntico ao conhecido; ele se coloca o espaço do desvelado. Até podemos afirmar que a novidade da juventude é emergente porque já tem poder de provar sua novidade. Uma novidade que é passada (submersa), mas também é futuro que depende das descobertas do presente. A novidade (a juventude) irrompe e assusta.”⁷⁰

De acordo com Hilário Dick a amizade, a festa, o viver em grupo são elementos teológicos da juventude, por isso, conseguir ver em sua ânsia por amizades a possibilidade de uma amizade mais profunda pela qual suspiram, é ver em cada um o espaço para uma verdadeira amizade com o Senhor, é compreender que Deus para a juventude é esse Deus que se revela buscando a amizade do ser humano e que diz: “Já não os chamo de servos, mas amigos” (cf. Jo 15,15).⁷¹

A juventude é notícia em todas as mídias, ícone de propaganda de qualquer produto e alvo, muitas vezes, dos apelos publicitários, causa de diversos sentimentos, muitas vezes contraditórios. Causa admiração e ao mesmo tempo, desprezo, desejo e repúdio. Existe na sociedade uma exaltação da juventude, que quer ser eternamente

⁶⁷ DICK, H. *O divino no jovem*, p. 32.

⁶⁸ Idem, p. 34.

⁶⁹ DICK, H. *Gritos silenciados, mas evidentes*. Jovens construindo Juventude na História, 2003.

⁷⁰ DICK, H. *O divino no jovem*, p. 35.

⁷¹ Idem, p. 41.

jovem, tornando o comportamento das novas gerações parâmetro e influência para toda a sociedade.

O Documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) admite que:

Um grande desafio é reconhecermos que também no segmento da sociedade chamado juventude se encontram as sementes ocultas do Verbo (...) Entrar em contato com o “divino” da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora, mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado.⁷²

O referido documento segue afirmando que a Igreja precisa achar meios para demonstrar ao jovem toda beleza, dinamismo e sacralidade que emanam da juventude, através de uma evangelização que torne possível ao jovem reencontrar o tesouro escondido no campo de sua alma e dialogar com o Deus que nele habita. Nos tempos atuais é preciso ver o jovem como um lugar teológico, isto é, interpretar a ação de Deus no mundo contemporâneo através de um ponto de vista juvenil.

O documento afirma ainda, que a juventude é encarada como uma fonte teológica até nos erros cometidos, pois nos permite aprender com eles e nos humaniza a ponto de causar transformações em nossas ações pastorais; essas mudanças são boas, não somente para os mais jovens, mas para toda a Igreja.

Considerar o jovem como um lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de culturas juvenis.⁷³

A juventude tem um jeito próprio de refletir sobre a fé e expressar Deus eternamente jovem que nele vive, de acordo com sua experiência de vida, cultura, horizonte de sentido e ambiente em que está inserido. Colocar o jovem como lugar teológico é uma tentativa de presumir a juventude contemporânea em sua acelerada transformação.

⁷² CNBB, *Evangelização da Juventude* – Desafios e perspectivas Pastorais, 2007.

⁷³ Idem, p. 28.

(...) Deus sonha que vivamos com criatividade, personalidade e autonomia o protagonismo de nossa história. Através de Jesus Cristo nunca deixa de dizer-nos, a cada um de nós, “levanta-te e anda” (cf. Mc 5,41), convidando-nos a cultivar a imagem de Cristo em nós.⁷⁴

Os jovens nunca estão sós, a Igreja confia neles, acompanha-os, incentiva-os e deseja oferecer-lhes o que tem de mais valor, isto é, a possibilidade de encontrar Jesus Cristo. No próprio ser do/a jovem encontramos a razão para a sua importância.

Com efeito,

(...) a contemplação dos jovens nos revela, neles, um ícone da Trindade, no qual podemos descobrir uma teologia da criação, uma teologia da alteridade, porque em cada jovem se revela Cristo como o Outro, que plenifica a existência juvenil; uma teologia dos valores, porque no Espírito Santo, guia do/a jovem, vamos descobrir e viver os valores humanos e cristãos, dando significado para a própria vida.⁷⁵

O Deus da juventude tem um rosto jovem com tudo o que isso significa. Nesse sentido será necessário reconhecer a juventude como uma “realidade teológica”, em que é preciso ler e desvelar.

1.2.2 Juventude e participação social

As diversas mudanças decorrentes das transformações experimentadas pela sociedade contemporânea, segundo Nazzari, fizeram com que aparecesse um conjunto de desafios aos jovens, em meio às incertezas e às expectativas de melhores condições de vida. Segundo o autor, ainda hoje, em grande parte das mobilizações de massa, a participação sempre está comprometida.⁷⁶

De acordo com Brenner, a participação social dos jovens não é uma questão nova na história da sociedade brasileira, ela tem se desenvolvido conforme o contexto histórico e econômico em que vivemos. A juventude dos anos 1960 e 1970, por exemplo, ficou conhecida principalmente pela sua participação social e política, na qual os estudantes foram os protagonistas, faziam manifestações nas ruas para mostrar a insatisfação não apenas com assuntos estudantis da época, mas com questões nacionais e também

⁷⁴ CNBB, *Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas Pastorais*, 2007.

⁷⁵ Cf. CONSEJO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Civilización del amor*, p. 34.

⁷⁶ NAZZARI, R. *Juventude brasileira: capital social, cultural e socialização política*, p. 91.

mundiais.⁷⁷ Carrano, menciona que as manifestações estudantis têm capacidade de colaborar para melhorar as relações democráticas na sociedade do nosso país.⁷⁸

De acordo com Nogueira,

(...) entendemos, pois, que a juventude brasileira, que historicamente participa de embates políticos através de sua organização nos movimentos sociais, sendo um deles o movimento estudantil, vem a contribuir com o processo de edificação de uma nova hegemonia. A participação do jovem nestas disputas sociais o torna um indivíduo consciente, fazendo com que, além de atuar politicamente no presente, futuramente será um ser humano fundamental na constituição deste projeto hegemônico no Brasil.⁷⁹

Problematizar a participação social da juventude implica pensar um futuro democrático das sociedades latino-americanas. De acordo com Novaes e Vidal, os jovens são herdeiros dos símbolos, dos valores e códigos de funcionamento que a sociedade produz. Em grande parte, eles definirão os padrões de reprodução ou de mudanças das sociedades e de suas instituições.⁸⁰ Para as autoras, “compreender a juventude de hoje é compreender o mundo de hoje.”⁸¹ Tal ideia aponta para a relação histórico-cultural da juventude, ou seja, está intimamente ligada ao período histórico e ao contexto cultural em que é inserida.

Segundo Krauskopf, “a construção da juventude na América Latina e no Caribe ocorre em meio a transições históricas e políticas, a contextos de desigualdades econômicas e a um forte influxo da globalização.”⁸² Diante desta afirmação, é preciso considerar que as percepções sobre os jovens não podem ser homogêneas, ou seja, implica analisar os fenômenos que marcam as identidades dos jovens, a partir de suas diferentes desigualdades. O autor afirma que a realidade das novas tecnologias é outro fator que integra o panorama das mudanças culturais acentuando diferenças e construindo com o surgimento de novos códigos, condições de experiências para os processos de construção identitária dos jovens.

Tendo em vista a importância de se analisar a realidade a fim de se compreender a participação dos jovens na sociedade, traremos algumas indicações sobre a contemporaneidade.

Segundo Melucci,

⁷⁷ BRENNER, B. *Jovens em cena*, p. 38.

⁷⁸ CARRANO, P. *Juventude e participação no Brasil*, p. 91.

⁷⁹ NOGUEIRA, P. *Juventude construção de uma hegemonia*, p. 4.

⁸⁰ NOVAES, R; VIDAL, C. *Juventude hoje: reinvenções da participação social*, p. 109.

⁸¹ *Idem*.

⁸² KRAUSKOPF, D. *Juventude na América Latina e Caribe*, p. 151.

Habitamos um planeta que se transformou em uma sociedade global. O ritmo acelerado da mudança, a multiplicidade de papéis que desempenhamos, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. [...] A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo deve construir e reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações. [...] Um mundo que vive a complexidade e a diferença não pode fugir da incerteza e exige que os indivíduos saibam moldar-se às necessidades sem alterar a própria essência.⁸³

O principal desafio é dar-se conta do mundo global e de todas as adversidades que ele apresenta. Torna-se primordial o processo de construção da identidade e, assim, situar-se diante das múltiplas possibilidades que lhe são oferecidas. Para o autor, sem a abertura de si mesmo para o outro, sem o envolvimento com os desafios de uma sociedade planetária, cheia de potencialidades e de riscos, o percurso interior corre o risco de tornar-se fuga ilusória ou prisão.

Compreender o momento presente tornou-se uma tarefa complexa e exigente. Ficher e Sposito, inspirados por Melucci, apontam que “diante das dificuldades de compreensão dos fenômenos que caracterizam a sociedade atual, recorreremos apenas a definições alusivas, designando-a como complexa, globalizada, planetária, pós-industrial, de modernidade lenta ou pós-moderna.”⁸⁴

Na visão de Ficher e Sposito, este esforço em nomear o momento vivido tem o intuito de perceber os processos de mutação social inacabado, nos quais nos faltam um distanciamento histórico que permita explicá-los em sua totalidade. Mesmo com essa dificuldade de definição, Melucci aponta para três traços básicos que caracterizam a sociedade contemporânea:

Diferenciação: traduzida pela multiplicação dos âmbitos da vida e forma de estruturas específicas para responder a tarefa que anteriormente eram desenvolvidas por estruturas mais simples e homogêneas; **variabilidade:** percebida pelo conjunto de alterações na dimensão temporal em função da intensidade e do ritmo contínuo da mudança; **excedente cultural:** que exprime o fato de que as possibilidades simbolicamente disponíveis à ação dos indivíduos são muito mais amplas do que sua própria capacidade de ação.⁸⁵

Esses traços exercem grande influência sobre a vida dos jovens e sobre as suas relações cotidianas. Inspirado em Melucci, Almeida afirma que,

(...) para melhor entender as tendências emergentes da cultura e da ação juvenil temos que considerá-las mediante a combinação de uma perspectiva

⁸³ MELUCCI, A. *O jogo do eu*, p. 15.

⁸⁴ FICHER, N; SPOSITO, M. *A invenção do presente*, p. 15.

⁸⁵ MELUCCI, A. *O jogo do eu*, p. 15.

macrossociológica entrelaçada às experiências individuais na vida diária, pois a juventude, em decorrência de suas condições culturais e biológicas, é o conjunto social mais diretamente exposto aos dilemas da construção histórica do tempo e da realidade social na contemporaneidade, o grupo que os torna visíveis para a sociedade como um todo.⁸⁶

Esta afirmação aponta para a necessária vinculação dos jovens com a sociedade em que estão inseridos. Por sua condição, eles tornam visíveis problemas e contradições que são produzidos no interior da mesma sociedade. Por esse motivo, a juventude é apontada como “espelho retrovisor da sociedade,”⁸⁷ ou seja, ela vive e expressa aquilo que lhe cerca no seu cotidiano.

Esta sociedade, que está refletida na expressão jovem, é chamada por Melucci de “sociedade complexa.” Na perspectiva do autor, a partir dos anos 1980, a sociedade passa por uma profunda transformação em seus diversos aspectos, inclusive nas formas de participação dos movimentos sociais e na atuação dos indivíduos que buscam mudanças.

Se os jovens constituem o espelho da sociedade, refletindo as últimas tendências, contudo eles são em muitos casos tidos como uma categoria à parte do conjunto social. E isso se deve ao seu caráter de transitoriedade.

Segundo Dayrell, uma das visões mais arraigadas que se tem sobre a juventude é a sua condição de transitoriedade, o jovem é como um “vir a ser,” em que o sentido das suas ações no presente está voltado para o futuro e para a passagem para a vida adulta. Nesta perspectiva, o jovem não se configura como um sujeito de direitos e a noção de juventude não pode ser tomada como categoria social.⁸⁸ Abramo, identifica esta realidade com a seguinte afirmação:

(...) parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los.⁸⁹

Para Abramo, há uma dificuldade em considerar os jovens como sujeitos e não como “problema social”. Este fenômeno acontece tanto no âmbito dos estudos sobre

⁸⁶ ALMEIDA, M. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, p. 121.

⁸⁷ NOVAES, R.; VIDAL, C. *A juventude hoje: reinvenções da participação social*, 2005.

⁸⁸ DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*, p. 42.

⁸⁹ ABRAMO, H. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*, p. 28.

juventude, como também em projetos voltados para os jovens. Nesse sentido, achamos importante aprofundar mais a ideia dos jovens como sujeitos.

Segundo Dayrell, “a noção de sujeito é tomada com um sentido em si mesma, sem a preocupação de defini-la como se fosse consensual a compreensão do seu significado.”⁹⁰ Tal reflexão do autor mostra que muitas vezes a ideia de sujeito é empregada de modo natural, sem questionar quem é o jovem que está representado neste sujeito. Desde modo, os jovens são tomados pelo lugar de sujeito que ocupam na sociedade, como “o estudante,” o “rapper,” o “delinquente,” o “músico” etc. Quem são, o que pensam, o que fazem estes sujeitos?

Charlot afirma que o sujeito é um ser humano, aberto a um mundo que possui historicidade, não se reduzindo ao aqui e agora. É portador de desejos e é movido por eles; um ser em relação com outros seres humanos, que também são sujeitos. É ao mesmo tempo, um ser social, que tem origem numa determinada família ou numa estrutura substitutiva, que ocupa um lugar no espaço social e que está imerso em certas relações sociais. Por fim, o sujeito é um ser singular, exemplar único da espécie humana, possui uma história, interpreta o mundo, dando sentido a este mundo, à posição que ocupa nele e às suas relações com os outros seres humanos.⁹¹

Ainda para o autor, o sujeito é ativo e age *no* e *sobre* o mundo. Nesta ação o sujeito se produz e também é produzido no emaranhado das relações sociais em que está inserido

Dayrell, relaciona a noção de sujeito

As características que definem a própria condição antropologia que constitui o ser humano, ou seja, o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de todos como um ser singular. Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui com sujeito à medida que se constitui como humano, com desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie.⁹²

Nesta perspectiva, o sujeito mantém sua singularidade, o que não significa que seja isolado em seu próprio mundo, pois está diretamente relacionado com a realidade que o cerca e com o conjunto de pessoas com quem mantém contato.

Charlot completa esse pensamento, ao afirmar que

⁹⁰ DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*, p. 42.

⁹¹ CHARLOT, B. *Da relação com o saber*, p. 43.

⁹² DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*, p. 42.

A essência originária do indivíduo humano não está dentro de si mesmo, mas sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais. Trata-se da outra face da condição humana a ser desenvolvida: a sua natureza social. Dizer que a essência humana é antes de tudo social é o mesmo que afirmar que o homem se constitui na relação com o outro.⁹³

Nesta perspectiva, podemos interrogar sobre a importância da participação dos jovens na sociedade como forma de se constituírem como sujeitos e como forma de se estabelecerem em sua própria condição humana.

A participação remete-se às relações que os jovens estabelecem nas instituições formais de que fazem parte, tais como, família, escola, trabalho, associações, e nos espaços informais compartilhados com seus pares, como a rua, as áreas de lazer, os grupos dos quais participam. Entretanto, é possível também pensar sobre os espaços específicos de atuação social nos quais muitos jovens dedicam parte do tempo. Tais participações são importantes para a constituição destes sujeitos, pois como afirma Melucci, os jovens vivem intensamente o tempo presente, isto é, o aqui e o agora.

Esse mesmo autor, continua afirmando que a condição juvenil pode ser suporte de uma mobilização antagonista desde que exista a identificação de um campo de conflitos e a presença de fatores conjunturais de ativação da ação. Quando isso acontece, as mobilizações juvenis funcionam como reveladoras, pois fazem desabrochar as questões profundas, os problemas e as tensões que perpassam toda a sociedade. Para compreender tal processo, afirma Melucci, são necessários dois procedimentos: a) separar no plano metodológico a análise de uma condição social da ação coletiva; e b) inverter os termos do problema: antes a ação se deduzia pela condição social, em que ser jovem era sinônimo de ser sujeito da ação social. Agora, faz-se necessário, identificar, em nível de sistema, os problemas que estão no centro dos conflitos sociais, os campos sobre os quais se joga e o confronto para o controle de recursos decisivos.

Nesse sentido Melucci afirma que

A participação em ações de mobilização e em movimentos sociais, o engajamento em atividades de inovação cultural e ações voluntárias de cunho altruísta assentam seus alicerces sobre essa necessidade de identidade e contribuem para respondê-la.⁹⁴

⁹³ CHARLOT, B. *Da relação com o saber*, p. 43.

⁹⁴ MELUCCI, A. *O jogo do eu*, p. 49.

O referido autor demonstra a importância das mobilizações coletivas para a construção das identidades. Nelas os participantes encontram perspectivas que contribuem para responder às necessidades que eles apresentam a respeito de si mesmo.

Diante deste contexto de possibilidades de participação dos jovens em projetos e ações concretas, é preciso pensar o sujeito que está realizando tais ações, visto que, na sociedade contemporânea ele não é massificado pelo grupo em quem participa, ou seja, ele exercita uma identidade, tem desejos, uma história, uma compreensão da realidade que precisa ser considerada.

Para Charlot,

Todo sujeito pertence a um grupo, mas não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber.⁹⁵

Note-se que este autor mostra que todo sujeito tem pertencimentos variados em grupos e redes de relações e que, no entanto, tais participações não se restringem às características destes grupos, pois cada sujeito possui seu próprio modo de se ver no grupo, de atuar e de atribuir sentidos que são formas singulares de perceber a realidade em relação a outros membros destes grupos.

Tais reflexões revelam a importância que pode ter a participação dos jovens nos diversos espaços da sociedade. Além de contribuir para a construção da democracia das sociedades contemporâneas, eles aprendem a participarem destes espaços e isso lhes ajuda a se constituírem com sujeitos.

A relação dos jovens com as questões sociais é de suma importância para o processo de formação pessoal e comunitária deles. Por isso, dedicaremos mais algumas páginas desta dissertação, com o intuito de aprofundar mais o tema, a partir das reflexões de alguns autores.

A preocupação dos jovens em relação às questões sociais não cessou, contrariando em muitos casos o senso comum e a grande mídia. Autores como Abramo, Novaes, Vidal e Melucci, afirmam que aconteceu uma mudança na participação dos jovens. Esta mudança se deu a partir das práticas que eram desenvolvidas por jovens em outros períodos históricos.

Esta perspectiva é destacada por Castro e Abramovay com a seguinte afirmação,

⁹⁵ CHARLOT, B. *Da relação com o saber*, p. 38.

É diagnosticado em diversas pesquisas sobre a juventude no Brasil, que o interesse e a participação dos jovens na vida pública não se esvaziou (BRENNER; CARRANO, 2008), ainda que os contextos sociais e econômicos estejam cada vez mais cedo encurralando jovens para o precário mercado de trabalho, tomando o tempo livre para agrupamentos; ainda que a mídia comercial tenda a manipular as muitas formas de resistência num disfarçado teatro de felicidade obtida simplesmente pelo consumo de apetrechos, os jovens vêm se mostrando bastante adaptáveis e adaptadores dessas condições. Ou seja, novas são as motivações objetivas que inibem o processo de participação juvenil, porém, muitas são as adaptações, engendradas pelos jovens, que favorecem os processos de participação.⁹⁶

Para Castro e Abramavay, os jovens reinventam formas, fazem adaptações, extrapolam as forças que dificultam a sua participação. Deste modo, não deixam de atuar em diversos coletivos de mobilização com os quais se identificam.

As novas formas e temas de participação da juventude apontam para um quadro de crise e mutação na esfera política, que segundo Dayrell, “a ação coletiva dos jovens, bem como dos movimentos sociais, podem estar ocorrendo de formas múltiplas, variáveis e com níveis diversos de intervenção no social, muitas vezes de forma fluida e pouco estruturadas.”⁹⁷

Além das diversas formas de participação dos jovens, é possível enfatizar que as ações podem acontecer em dois âmbitos, o individual e o coletivo. Para Dallari, no sentido individual “cada um participa falando, escrevendo, discutindo, denunciando, cobrando responsabilidades, encorajando tímidos e indecisos e aproveitando todas as oportunidades para acordar as consciências adormecidas.”⁹⁸ No âmbito coletivo a participação é produzida por meio de grupos com objetivos definidos, ou seja, ecológicos, político-partidários, culturais, educacionais, racionais, humanitários, entre outros e disposição para trabalharem em favor de determinada situação social.

Novaes e Vidal, afirmam que as diversas formas de participação social juvenil, coletivas ou individuais, evidenciam a emergência de um campo novo de participação dos jovens, onde se percebe diversidade nos objetivos e nas formas. Para as autoras, as relações entre os participantes nem sempre são convergentes e pacíficas, pois muitos jovens encontram divergências e falta de aceitação da parte de outros nos grupos, gerando assim conflitos. Também existe o fenômeno contrário, em que vários jovens migram de um grupo para outro, ou então, têm participações simultâneas em diferentes organizações, pelas afinidades que encontram em tais experiências.

⁹⁶ CASTRO, J.; ABRAMOVAY, M. *Quebrando mitos: juventude, participação e política*, p. 39.

⁹⁷ Cf. DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*, p. 18.

⁹⁸ DALLARI, D. *O que é participação política*, p. 44.

As referidas autoras fazem uma diferenciação quanto aos diferentes grupos e movimentos de juventude. No primeiro grupo, designado como “lugares usuais de participação política,” são destacados os seguintes segmentos: movimentos de representação estudantil universitária e secundarista; juventudes partidárias; juventudes ligadas a movimentos e organizações sindicais rurais e urbanas e grupos de jovens cristãos engajados. No segundo grupo, definido como “novos lugares, objetos e formas de participação cidadã” aparecem os grupos e redes de jovens de projetos sociais; grupos de jovens que atuam para transformar o espaço local, nos bairros, favelas e periferias; grupos de jovens que agregam jovens em torno de identidades específicas (indígenas, negros, orientação sexual, ambientalistas etc); grupos que atuam nos espaços de lazer e cultura (grafiteiros, grupos musicais, teatro, dança e associações esportivas); grupos de jovens religiosamente motivados; grupos, movimentos e redes de juventude organizados a partir das políticas de/com/ para a juventude.

Para Novaes e Vidal, tais formas de participação social não acontecem de forma espontânea, tampouco abrangem todos os jovens, pois dependem de determinadas condições que os mobilizem. Segundo Melucci, “a agregação não é possível se não existe certa coincidência entre os objetos coletivos e as necessidades afetivas, comunicativas e de solidariedade dos seus membros.”⁹⁹ Também são características desta agregação, o horizonte das ações realizadas no presente, de caráter imediato, com curta duração, pontuais em com objetivos determinados.

Estas características das agregações, afirma Melucci, constituem ao, mesmo tempo, a força e a fraqueza de atores coletivos, tais como os movimentos juvenis, feministas, ecológicos, étnico-raciais e pacifistas. A força destes movimentos diz o autor, reside

No mobilizar solidariedades primárias que nenhuma organização complexa poderia estavelmente tem em conjunto; no permitir uma flexibilidade, uma maleabilidade e uma imediaticidade que organizações mais estruturadas não podem assegurar; no fornecer, enfim, canais de expressão direta a questões conflituais e a necessidade de participação, difíceis de agregar de outra forma.¹⁰⁰

Flexibilidade, imediaticidade e maleabilidade, segundo o autor, são características que organizações tradicionais não possibilitam deliberadamente aos seus participantes, o que pode explicar o fato de muitos jovens se afastarem de tais instituições. Entre as

⁹⁹ MELUCCI, A. *O jogo do eu*, p. 98.

¹⁰⁰ Idem.

características positivas dos novos movimentos sociais, o autor destaca a existência de canais diretos de expressão, onde os membros podem participar da resolução de conflitos e a oportunidade de participação social de seus integrantes.

Melucci aponta fraquezas destes movimentos, que segundo ele se encontram

Nos riscos permanentes de fragmentação; na dificuldade de manter objetivos gerais de longo prazo; na facilidade da fuga expressiva; na dificuldade de envolver-se com problemas da política em sentido próprio, isto é, com a complexidade das decisões e das mediações, com os problemas de eficácia e eficiência, em geral com os vínculos de um sistema no qual se confrontam interesses diversos.¹⁰¹

Na análise do autor, tais fraquezas podem dificultar a relação dos atores sociais com a política de modo mais amplo, principalmente pela sua fragmentação e pela dificuldade em manter os objetivos e o rumo das ações a que se propõe. Ao pensar na atuação dos jovens nestes coletivos, pode-se supor que tais fraquezas também os atingem de modo direto, pois o momento presente é vivido por eles de maneira intensa.

Para Castro e Abramovay, ainda que determinadas ações desenvolvidas pelos jovens não tenham relação com os problemas da política em seu sentido próprio, os jovens rejeitam o estigma de ingênuos e alienados políticos. Quando indagados se têm interesse e disponibilidade para a política, demonstram que sim, embora revelem certa desconfiança nos políticos eleitos e nas instituições oficiais. Esta descrença na política não se reflete somente no meio dos jovens, mas na população em geral.¹⁰²

Os preconceitos em relação às questões política, afirma Hanna Arendt, são tão antigos quanto a democracia dos partidos. Contudo, por mais que haja desinteresse frente às formas políticas adotadas no presente, o desejo de participação e de atuação se sobrepõem às perspectivas de dominação e de cerceamento da ação das pessoas e dos grupos sociais em que estão engajadas.¹⁰³ Segundo Sposito, no Brasil este desejo de participação surge com maior intensidade durante o período de lutas contra a ditadura e na busca de caminhos para a transição rumo à democracia. A autora destaca que “a partir do final da década de 1970, nasce a ideia de participação da sociedade civil, sobretudo dos grupos e movimentos organizados, na formulação, na implantação e no acompanhamento das políticas públicas, em especial na área social.”¹⁰⁴

¹⁰¹ MELUCCI, A. *O jogo do eu*, p. 98.

¹⁰² Cf. CASTRO, J., ABRAMOVAY, M. *Quebrando mitos: juventude, participação e política*, p. 39.

¹⁰³ ARENDT, H. *O que é política*, 2000.

¹⁰⁴ SPOSITO, M. *Algumas hipóteses sobre as relações entre os movimentos sociais, juventude e educação*, p. 74.

Para Melucci e Novaes, são diversas as formas de participação dos jovens na política do mundo ocidental contemporâneo. Tal repercussão afirmam os autores, repercute nos modos de atuação dos jovens na sociedade.

A dimensão política torna-se fundamental para os jovens, em seu sentido amplo, pois através dela têm possibilidade de exercerem sua autonomia e de se afirmarem diante das pessoas com as quais se relacionam.

Terminamos essa seção com a convicção de que os jovens estão cada vez mais inseridos e preocupados com as questões políticas, lutando para que na sociedade cresça a justiça, a igualdade, a paz, o respeito, onde ninguém se sinta excluído.

Na próxima sessão, apresentaremos algumas estatísticas dos jovens que frequentam as obras salesianas no sul do Brasil. São muitas as realidades vivenciadas pelos Salesianos no contado diário com os jovens, pois os contextos juvenis são diversificados: paróquias, obras sociais, escolas e universidade. Contudo, veremos que algumas realidades estão presentes em ambas as classes, ricas e pobres.

1.3 Perfil dos Jovens atendidos nas Obras Salesianas

Até agora desenvolvemos uma parte conceitual da juventude, apresentando algumas dimensões e características próprias da vida dos jovens. Nesta seção, apresentaremos através de dados coletados pelo Observatório Salesiano de Juventudes da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre, algumas estatísticas e conclusões sobre temas próprios da vida dos jovens que frequentam as obras salesianas.

A Inspeção Salesiana São Pio X, com sede na cidade de Porto Alegre, RS, está presente nos três Estados que compreendem a região Sul do Brasil. A atuação da Inspeção se dá por meio do trabalho realizado em oito colégios, dez paróquias, cinco obras sociais e uma faculdade, distribuídos em treze cidades.

A faculdade Dom Bosco, situada na cidade de Porto Alegre, conta com o Observatório Salesiano de Juventudes, que tem como grande objetivo, lançar um olhar contemporâneo para a realidade juvenil da Inspeção, visando conhecer o chão onde pisa e os sujeitos que são os interlocutores e destinatários da missão e qualificar as ações empreendidas junto às juventudes, por meio do conhecimento acadêmico, da investigação e da formação continuada.

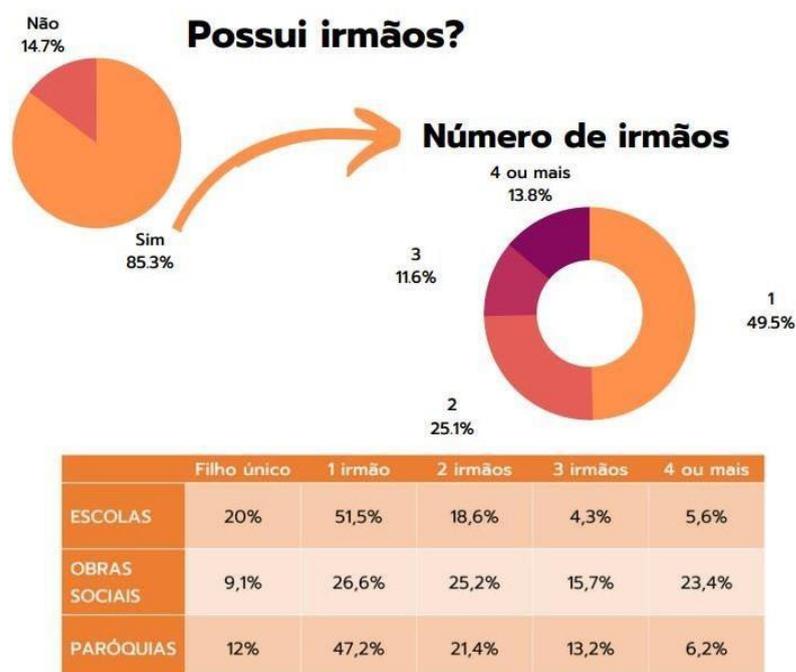
Com a finalidade de conhecer o perfil dos jovens atendidos nas obras da Inspeção, o Observatório Salesiano de Juventudes dirigiu uma pesquisa para oitocentos

jovens. O relatório abordou temas que apresentam as áreas de interesse e aproximação com as juventudes. Vários assuntos foram aprofundados na pesquisa, por isso, não temos a pretensão de apresentar todos. Seleccionamos alguns temas que julgamos ser importantes para ter uma visão de quem são esses jovens que frequentam nossas Obras. Dentre os temas, destacamos: a família, o perfil socioemocional, a visão de mundo e da realidade que os cerca e o projeto de vida pessoal.

1º) Família

O contexto familiar exerce grande influência na vida dos jovens em diversos aspectos. A família é o primeiro ambiente em que os jovens observam e aprendem comportamentos, observam atitudes, valores e maneiras de interagir com os outros, através de seus pais e outros membros da família. Muitas vezes ela é a principal fonte de transmissão de valores e crenças culturais, éticas e religiosas. O contexto familiar estável e seguro desempenha um papel crucial na vida dos jovens, moldando seu desenvolvimento emocional, social e comportamental, fornecendo a base para o futuro.

Através do gráfico, veremos em que contexto familiar se encontram os jovens entrevistados que frequentam as obras salesianas.



(cf. Observatório Salesiano de Juventudes, p. 14)

Segundo a pesquisa, o número maior de pessoas morando na mesma casa, são dos adolescentes e jovens que frequentam as obras sociais, ou seja, seis ou mais pessoas. Mais da metade dos adolescentes e jovens moram com o pai e a mãe e um número menor, com o pai ou a mãe.

Quase a metade daqueles que têm irmãos, 49,5%, possui apenas um irmão. Já os que frequentam as obras sociais, tendem a possuir quatro ou mais irmãos. Outro dado importante se refere ao público que frequenta as escolas e paróquias, eles compõem a Classe C, enquanto os que frequentam as obras sociais, a Classe E. As Escolas são as únicas obras que acolhem os públicos de todas as classes, de A até E.¹⁰⁵

2º) Perfil Socioemocional

A dimensão socioemocional é uma parte essencial no desenvolvimento dos jovens, influenciando significativamente na sua capacidade de interagir com os outros, lidar com as emoções e enfrentar os desafios da vida. A capacidade de reconhecer, compreender e gerenciar as emoções é fundamental para o crescimento e desenvolvimento dos jovens. Ela desempenha um papel crucial no desenvolvimento da resiliência, a capacidade de se recuperar de adversidades e enfrentar os desafios de forma mais saudável.

O Quadro referencial da Pastoral Juvenil Salesiana afirma que

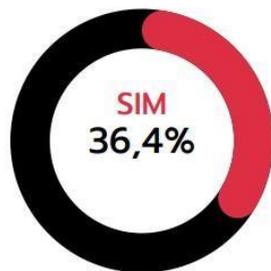
A experiência educativa de Dom Bosco tende a ser ‘sistema de assistência, educação e socialização. Educar significa *prevenir*, em todas as suas possíveis acepções. Educar exprime-se no *acolher*, no *dar novamente a palavra* e no *compreender*’. Educar significa ajudar os indivíduos a reencontrarem a si mesmos, acompanhá-los com paciência no caminho da recuperação de valores e da confiança em si; comporta a reconstrução das razões de viver, descobrindo a beleza da vida.¹⁰⁶

Cada vez mais tem crescido no meio dos jovens, transtornos psicológicos que interferem diretamente nos relacionamentos, na convivência, na aprendizagem e na socialização. Dentre os transtornos psicológicos que mais aparecem, está a ansiedade, conforme a ilustração abaixo.

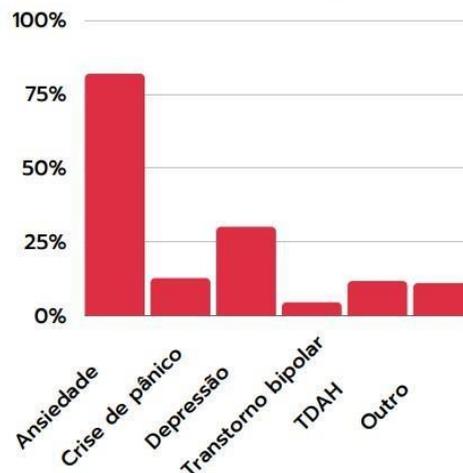
¹⁰⁵ Segundo a pesquisa feita pelo Observatório Salesiano de Juventudes da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre, com dados do IBGE, 2020, as classes sociais no Brasil são definidas como: Classe A (acima de vinte salários mínimos); Classe B (de dez a vinte salários mínimos); Classe C (de quatro a dez salários mínimos) e Classe D (de dois a quatro salários mínimos) e Classe E (recebe até dois salários mínimos).

¹⁰⁶ DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL. Quadro referencial. *A Pastoral Juvenil Salesiana*, p. 84.

Já foi diagnosticado com algum transtorno ou questão de saúde mental?



Se sim, indique qual.



(cf. Observatório Salesiano de Juventudes, p. 17)

Dentre os jovens que responderam ao questionário, mais de 36% sofrem de algum tipo de transtorno mental. O número maior está entre os adolescentes e jovens que sofrem de ansiedade, chegando a quase 82%; seguido de algum tipo de depressão, em torno de 30%. Na tentativa de solucionar os problemas, muitos manifestaram que procuram amigos para conversar, bem como, o sacerdote ou religioso que trabalha na obra e a equipe de Pastoral. Contudo, a maior procura é por um profissional da área, normalmente um Psicólogo (a).

3º) Visão de mundo e leitura da realidade

Desenvolver na vida dos jovens a visão do mundo de uma maneira ampla permitirá que eles compreendam melhor a diversidade de perspectivas, culturas e experiências ao seu redor. Isso os ajudará a desenvolver empatia, tolerância e respeito pela pluralidade na sociedade. Uma visão de mundo dinâmica e uma compreensão sólida da realidade capacitam os jovens a se adaptarem às mudanças e desafios constantes em que vivemos.

Para Melucci

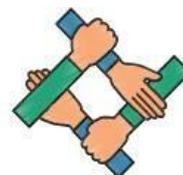
Nas sociedades do passado, a incerteza quanto ao futuro podia ser o resultado de eventos aleatórios e incontroláveis (epidemia, guerra, colapso econômico),

mas raramente envolvia a posição de cada um na vida, a qual era determinada pelo nascimento e se tornava previsível pela história da família e o contexto social. Para o adolescente moderno, por outro lado, a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incerteza que derivam simplesmente dessa ampliação de perspectiva: a disponibilidade de possibilidades sociais, a variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas.¹⁰⁷

A expressão “os jovens são alienados, não querem nada”... ou, “não estão preocupados com o mundo, com a transformação da sociedade, vivendo completamente fora da realidade,” tem se tornado uma rotina por parte dos adultos. Esse “pré-conceito” em relação à participação dos jovens, encontramos também no seio da Igreja. A falta de abertura de algumas lideranças, impede o protagonismo juvenil. A pesquisa, vai mostrar que eles estão muito preocupados com questões como, sustentabilidade, meio ambiente, solidariedade, com o transcendente, enfim, com a construção de um mundo mais justo e fraterno. Dentre as várias dimensões que foram abordadas na pesquisa, apresentaremos aquelas que julgamos serem as mais significativas, conforme estão representadas nos gráficos abaixo.



Desenvolvo relações éticas e solidárias.



Demonstro compromisso com a construção de uma sociedade justa e fraterna.



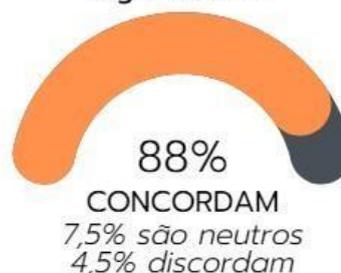
¹⁰⁷ MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*, p. 35.



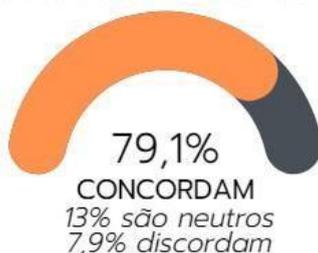
Demonstro compromisso com a consciência ambiental e questões de sustentabilidade.



Acredito que é possível transformar o mundo em um lugar melhor.



Tenho fé na existência de Deus ou outro ser Transcendente.



(cf. Observatório Salesiano de Juventudes, p. 32)

Em relação às questões relacionadas à ética e à solidariedade, percebe-se que dentre os jovens entrevistados, a grande maioria, 80%, demonstraram interesse e preocupação. Apenas 1,9%, não demonstraram interesse e preocupação. Outro grupo dos entrevistados, 17,1%, mantiveram-se neutros.

Sobre o compromisso com a construção de uma sociedade justa e fraterna, 86% dos jovens, responderam positivamente. Um grupo menor, 1,7%, são indiferentes, e outro grupo, 12,3% não se manifestaram.

Outro tema importante da pesquisa, é sobre a sustentabilidade e o meio ambiente. Mais de 80% dos jovens, manifestaram grande preocupação com o assunto. Outro grupo,

17,5%, mantiveram-se neutros e um grupo menor, 1,7%, não demonstraram nenhuma preocupação.

Em relação ao mundo em que vivemos, isto é, sobre a possibilidade de cada um lutar para que ele seja um lugar cada vez melhor para viver, 88%, afirmaram que acreditam sim, que é possível contribuir com a transformação do mundo. Outro grupo, 4,5%, não acreditam numa mudança, e 7,5%, não se manifestaram.

Por fim, outro tema pertinente no ambiente juvenil, é sobre a existência de Deus. Entre os entrevistados, 79,1%, responderam que acreditam na existência de Deus, ou de outro ser transcendente. Entre os que não se manifestaram, o percentual foi de 13%, e um grupo menor, 7,9%, não acreditam em Deus.

Olhando para a pesquisa, percebe-se que a grande maioria dos jovens entrevistados, respondeu positivamente aos vários temas. Isso nos dá uma grande esperança, pois percebemos uma terra boa para continuar lançando a semente.

4º) Projeto de vida pessoal

Ajudar e orientar os jovens que frequentam as obras salesianas na construção do projeto de vida pessoal, é uma ferramenta indispensável para que eles possam definir metas e tomada de decisões, visando a construção de um futuro significativo. O projeto de vida pessoal ajudará os jovens a terem objetivos claros e específicos em diversas áreas da vida, como educação, profissão, relacionamentos, saúde, bem-estar etc. O projeto de vida ajudará os jovens a desenvolverem um senso de propósito e significado em suas vidas.

Segundo Abramo

A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade, nesse sentido, condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a confirmação social futura.¹⁰⁸

O binômio, “educar-evangelizando e evangelizar-educando,” faz parte do processo de educação e formação dos adolescentes e jovens que frequentam as obras salesianas. Dentre as várias dimensões trabalhadas com os adolescentes e jovens que frequentam as obras salesianas, o “projeto de vida pessoal,” é fundamental. Dom Bosco

¹⁰⁸ ABRAMO, H. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*, p. 79.

no trabalho com os jovens, queria formar o “bom cristão e o honesto cidadão,” ou seja, que os valores adquiridos no oratório,¹⁰⁹ pudessem ajudá-los a construir o próprio projeto de vida, visando a construção de uma sociedade mais humana, fraterna e solidária.

A preocupação em construir o próprio projeto de vida é muito significativa entre os entrevistados. Conforme o gráfico abaixo, 90% manifestaram a preocupação em refletir sobre o próprio futuro.



(cf. Observatório Salesiano de Juventudes, p. 35)

Com esta pesquisa, concluímos o primeiro capítulo da dissertação, que teve como objetivo principal, definir conceitos; refletir sobre a participação dos jovens na sociedade; o tipo de cultura que estão inseridos, com as mais variadas manifestações; a presença de Deus no cotidiano da vida e a compreensão do jovem na sua integralidade.

No próximo capítulo, a partir dos Documentos Eclesiais de Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida, da Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit*, do carisma deixado por Dom Bosco e do Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana, apresentaremos as reflexões da Igreja e da Congregação Salesiana, em relação à evangelização dos jovens.

¹⁰⁹ O “*Oratório festivo*,” era a “paróquia” dos meninos abandonados, onde recebiam instrução religiosa, alimentação e aprendiam uma profissão. Dom Bosco quis que onde houvesse uma obra salesiana, houvesse um oratório festivo.

2 EVANGELIZAÇÃO DOS JOVENS

A Igreja tem experimentado em nossos tempos grandes dificuldades em transmitir a fé às novas gerações. J. Moingt diz que essa dificuldade é concreta e precisa ser superada, pois “a única tarefa que importa é deixar passar o Reino de Deus empurrado para frente pelo sopro do Evangelho.”¹¹⁰ Esse quadro preocupa a Igreja desde tempos anteriores, como poderemos perceber se recorrermos a textos de Paulo VI, como por exemplo, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, ou mesmo a Encíclica *Redemptoris Missio* de João Paulo II, dentre outros documentos do magistério. As conferências episcopais latino-americanas, posteriores ao Concílio Vaticano II, trouxeram grandes reflexões em relação à evangelização dos jovens.

Neste capítulo, apresentaremos as reflexões das Conferências do Episcopado Latino-americano: Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida; da Exortação Apostólica Pós Sinodal *Christus Vivit*, do carisma salesiano herdado do seu fundador, São João Bosco e, do Quadro de referência da Pastoral Juvenil Salesiana, sobre a evangelização da juventude.

2.1 Evangelização dos Jovens na América Latina

2.1.1 O jovem na Conferência de Medellín

A II Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe aconteceu na Colômbia, na cidade de Medellín no período de 24 de agosto a 06 de setembro de 1968, com o tema: “A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio.” Essa Conferência “marcou claramente um antes e um depois na história da Igreja latino-americana, expressão de uma recepção criativa e seletiva do Concílio, conscientemente considerando a realidade presente e concreta da América Latina daquela conjuntura.”¹¹¹

Seguindo o que fora proposto pelo Concílio Vaticano II, aquela Assembleia olhou para a realidade da América Latina, sacudida por tantas transformações, e tentou discernir, nos sinais dos tempos, os caminhos que precisavam ser trilhados para que ela, Igreja, permanecesse fiel ao ensinamento de Jesus e

¹¹⁰ MOINGT, J. *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento*, p.9.

¹¹¹ BRIGHENTI A.; PASSOS, J. *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*, p. 71.

continuasse a ser sua testemunha naquele contexto marcado por uma realidade tão específica.¹¹²

O Concílio Vaticano II significou um reencontro da Igreja com ela mesma, principalmente com o Evangelho e com todo o gênero humano. A sua realização foi uma grande oportunidade para desenvolver novas formas e ações pastorais e eclesiais em diversos lugares do mundo. Na América Latina não foi diferente, ou seja, ela também não só teve oportunidade de encontrar-se com ela mesma, com o Evangelho e com toda a humanidade, mas abraçou todas elas e procurou aplicá-las em seu próprio solo, levando em consideração a sua história e cultura. Foi um grande marco na história da Igreja Católica e, sobretudo para a Igreja latino-americana, pois através das discussões realizadas no Concílio, tornaram-na diferente sem comprometer com a sua essência e a sua forma própria de ser, proporcionando um profundo impulso na renovação. Pode-se dizer que a II Conferência do Episcopado Latino-Americano, foi um evento eclesial visando a aplicação dos ensinamentos propostos pelo Concílio Vaticano II, em vista das urgências da Igreja latino-americana, como apresentou o historiador Ney de Souza:

Diante do quadro histórico será possível perguntar se a Igreja Católica mudou a compreensão que tinha de si mesma e construiu uma recepção criativa do território latino-americano e caribenho diante do evento Vaticano II. Na América Latina, a recepção criativa e dinâmica do Vaticano II foi acontecendo a partir dos diversos níveis eclesiais. Em certos momentos, com dinamicidade maior; em outros, com passos lentos.¹¹³

A temática da evangelização da juventude torna-se mais explícita nessa conferência, conforme aparece na sua declaração: “a juventude tema digno do máximo interesse e de grandíssima atualidade” (cf. DM, 1,1) e como “uma grande força nova de pressão” (cf. DM, 1,1). Tais expressões mais tarde servirão como base para as conferências latino-americanas seguintes. Este tema, foi abordado, inclusive, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nos documentos 93: “Evangelização da Juventude, desafios e perspectivas pastorais” e 85, conclusão dos estudos realizados anteriormente.¹¹⁴

¹¹² SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe*, p. 452.

¹¹³ SOUZA, N. *História da Igreja na América Latina*, p. 406-407.

¹¹⁴ A Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade. A juventude é o símbolo da Igreja chamada a uma constante renovação de si mesmas. Por isso ela quer desenvolver, dentro da pastoral de conjunto, uma autêntica Pastoral da Juventude, educando os jovens a partir de sua vida, permitindo-lhes plena participação na comunidade eclesial.

A Juventude para Medellín foi definida como aquela que age energeticamente admitindo novas responsabilidades e tarefas, principalmente na realidade latino-americana. As dificuldades enfrentadas pela juventude, decorrente da sua pouca idade, compromete a participação na vida da sociedade em que estão inseridas, levando-as a uma “marginalização forçada,” termo utilizado pela conferência. Isso significa que, inserida em um momento de crises e de transformações, quando levam seus questionamentos aos adultos, nem sempre são compreendidos, ocasionando muitas vezes um conflito de pensamentos. É por isso que a Igreja se esforça para buscar maneiras para compreender os anseios dos jovens e dialogar com eles sem deixar de ser Igreja. A atenção da Igreja é fundamental para que os jovens se sintam inseridos nela, através da participação, fazendo-se compreender por ela.

Medellín refere-se à juventude como aquela que está atenta à dimensão social, que não é indiferente com o que acontece em sua volta. Existe na juventude um desejo radical de mudança, que pode ser manipulado por grupos que possuem disposições radicais:

A juventude, particularmente sensível aos problemas sociais, reclama as mudanças profundas e rápidas que assegurem uma sociedade mais justa: exigência que, constantemente, sente tentação de expressar por meio da violência. É um fato constatável que o excessivo idealismo dos jovens os coloca facilmente sob a ação de grupos de diversas tendências extremistas (DM, 1,3).

Incentivada pela jovialidade, a juventude tem um olhar voltado para o social e procura lutar pelas devidas mudanças. Contudo, sem um acompanhamento, uma orientação, os jovens podem agir de maneira extremista, tomando decisões muitas vezes equivocadas. Eles lutam por uma sociedade cada vez mais solidária. São mais abertos, acolhedores e possuem uma compreensão mais ampla do conceito de fraternidade. A juventude latino-americana exige “ser mais” do que “ter mais.”

Além da preocupação com as questões sociais, a não identificação da juventude com a Igreja é um grande problema, salientado pela Conferência de Medellín. Tal problema foi abordado quando a conferência afirmou que a Igreja não é composta apenas por diáconos, padres e bispos, mas por todos os que foram batizados e incorporados ao Corpo Místico de Cristo. (cf. DM, 1,5). Todavia, no entendimento de muitos jovens, apenas os clérigos seriam os responsáveis para agirem integralmente na comunidade dos fiéis, pois eles (os jovens), não receberam um chamado característico para participar ativamente na vida da comunidade.

A incoerência entre o conteúdo anunciado, a prática dos pregadores e o estilo de linguagem utilizado no anúncio da Palavra, dificulta a compreensão dos jovens, gerando muitas vezes uma imagem desfigurada do próprio Deus.

A linguagem é destacada nesse contexto, como um fator de grande importância para que a Palavra proclamada nas igrejas alcance o coração dos jovens. Faz-se necessário, portanto, um trabalho de escuta e conhecimento da realidade em que os jovens estão inseridos, para depois realizar o anúncio. Conquistar e escutar os jovens sobre seus anseios e carências será um grande passo para sentirem-se membros ativos na Igreja.

A Igreja tem feito um grande esforço para estabelecer o diálogo com a juventude, tema que tem aparecido com frequência nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano.

Tudo isso demonstra a sincera vontade da Igreja de adotar uma atitude de diálogo com a juventude. Dentro desta linha pastoral a II Conferência do Episcopado Latino-americano, reconhecendo na juventude não somente a força numérica, mas ainda seu papel cada vez mais decisivo no processo de transformação do continente, bem como sua importância insubstituível na missão profética da Igreja (DM, 3,1).

Medellín lançou muitas bases para uma maior abertura ao diálogo com a juventude, destacando que, esta etapa da vida, é possuidora de muitos anseios, desejos, senso crítico, aspiração por mudanças e, sobretudo, a necessidade de expor todas essas realidades.

O diálogo com os jovens será possível, a partir do momento que lhes for dado um espaço para expressarem aquilo que querem comunicar, para que se sintam cada vez mais integrados na vida da Igreja.

Concluimos este tópico com a firme convicção de que Medellín nos revela uma Igreja aberta às novas realidades, aos sinais dos tempos, disposta a permitir que a Revelação continue sendo compreendida em um contexto real onde toda a humanidade, e em nosso olhar, especialmente os jovens, possam ser os sujeitos no anúncio da esperança cristã, e, ao mesmo tempo, objetos dessa esperança que move a Igreja desde os seus primórdios. Os jovens representam uma força excepcional e o mesmo tempo um grande desafio para o futuro da Igreja. Na sequência veremos como a conferência episcopal de Puebla direciona-se aos jovens.

2.1.2 O jovem na Conferência de Puebla

Dez anos após Medellín, a cidade de Puebla de Los Angeles sediou a III Conferência Geral do CELAM, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, com o tema: “A evangelização no presente e no futuro da América Latina.”

Dirigindo-se aos participantes, João Paulo II assim se referiu as juventudes:

Quanta esperança a Igreja nela coloca! Quantas energias circulam na juventude da América Latina, de que a Igreja necessita. Como devemos estar próximos dela, nós pastores, para que Cristo e a Igreja, para que o amor do irmão cale profundamente em seu coração.¹¹⁵

As palavras do Pontífice nos abrem horizontes de esperança diante das realidades juvenis e seu entrosamento com o cristianismo. A Igreja sabe da importância para com essa porção da humanidade, portanto, jamais a deixará desamparada, pois ela constitui as bases de seu próprio futuro, seja em sua dimensão de acolhimento ou de expansão. O Pontífice lança um apelo aos bispos, para que estejam inseridos nas realidades juvenis, pois somente assim poderão conhecer verdadeiramente as situações que envolvem as juventudes e pensar concretamente em alternativas a serem propostas para que o encontro com Jesus Cristo aconteça na vida dos jovens, sobretudo, daqueles que pelos mais diversificados motivos encontram-se distantes do cristianismo. O testemunho cristão é fundamental para despertar nas juventudes o desejo do encontro com Jesus Cristo.

A Conferência de Puebla apresentou duas questões que singularizaram a sua realização: a opção preferencial pela evangelização dos pobres e da juventude. A definição desta juventude tem sua base em Medellín, apresentando características dos jovens latino-americanos, bem como, os reais motivos que levaram um evento tão importante na vida da Igreja, a olhar com muita atenção para a juventude. Para a conferência de Puebla, o conceito de juventudes ultrapassa um momento cronológico, trata-se de uma atitude frente à vida, e possui muitos traços característicos, como o inconformismo, o espírito de aventura, a capacidade criadora com novas respostas para o mundo apontando para novas esperanças, a busca pela liberdade, a alegria, a felicidade, muito sensíveis aos problemas sociais, exigindo dos demais autenticidade e simplicidade, rejeitando, muitas vezes com rebeldia, as hipocrisias e contra valores.

¹¹⁵ JOÃO PAULO II. *Discurso inaugural pronunciado no seminário de Puebla de Los Angeles*, p. 33.

Segundo Puebla, a ausência do diálogo entre adultos e jovens faz parecer a sociedade, pois ao perceberem que não são levados a sério, os jovens se lançam por caminhos, nem sempre promissores para si e para os outros. Reconhece ainda que grande parte dos adultos se apresentam aos jovens como hipócritas e manipuladores, desorientando os jovens e deixando-os à mercê de muitos perigos que a sociedade lhes impõe. (cf. DP, n. 1175). Diversos outros aspectos da realidade juvenil foram tratados pela conferência, apontando para suas fragilidades e necessidades de cuidado e fortalecimento. Com veemência afirma: “A juventude da América Latina não pode ser considerada em abstrato. Há diversidade de jovens, caracterizados por sua situação social ou pelas experiências sociopolíticas que vivem” (DP, n. 1117). Deparamo-nos novamente com a percepção da Igreja em relação à diversidade dos grupos juvenis, o que é fator fundamental para sua proximidade com eles, diminuindo assim o risco de totalitarismos e legalismos que muitas vezes distanciam a Igreja dos jovens (cf. DP, n.1176-1177).

Em diversos momentos a Igreja afirma ver nos jovens uma enorme força renovadora, que é símbolo da própria Igreja. Puebla afirma que “(...) um serviço prestado com humildade à juventude deve fazer com que mude na Igreja qualquer atitude de desconfiança ou incoerência para com os jovens” (DP, n. 1178), trazendo-os para o centro das discussões e preocupações dos nossos espaços eclesiais, dando-lhes possibilidades de exercerem o protagonismo na vida da Igreja.

Muitos jovens amam a Igreja e querem fazer parte de sua trajetória, contudo, muitos outros não apresentam interesse por estarem inseridos na vida eclesial, e tampouco estão interessados em assumir uma ou outra religião. Esta tomada de consciência nos alerta para o fato que “os jovens desejosos de se realizar na Igreja podem ficar frustrados por não encontrarem uma boa planificação e programação pastoral que corresponda à realidade histórica em que vivem” (DP, n. 1181), tornando-se um grande desafio para toda a comunidade eclesial.

Puebla veio com o intuito de dar uma resposta à situação das juventudes, embasada nos critérios de verdade propostos por João Paulo II e mencionados em seu discurso inaugural:

Com a vivacidade que é própria dos vossos anos, com o entusiasmo generoso do vosso coração, caminhai ao encontro de Cristo: só Ele é a solução de todos

os vossos problemas; só Ele é o caminho, a verdade e a vida; só Ele é a verdadeira salvação do mundo; só Ele é a esperança da humanidade.¹¹⁶

Trata-se de apresentar aos jovens a verdade sobre Jesus Cristo, a verdade sobre a missão da Igreja e a verdade sobre o homem (cf. DP, n. 1182). É o próprio Cristo que caminha em direção aos jovens, como aponta João Paulo II:

Procurai Jesus, esforçando-vos por conseguir uma fé pessoal e profunda que informe e oriente a vossa vida; mas, sobretudo, que o vosso compromisso e o vosso programa sejam amar a Jesus, com um amor sincero, autêntico e pessoal. Ele deve ser vosso amigo e vosso apoio no caminho da vida. Só Ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6, 68).¹¹⁷

A preocupação do papa está em apresentar aos jovens aquele que pode ser o fundamento de suas vidas, sem lhes tirar a responsabilidade em buscar Jesus, e assim como ele veio ao encontro de cada um, também os jovens caminham em sua direção: “embora não se dê conta disso, a juventude vai ao encontro de um Messias, Cristo, o qual caminha em direção dos jovens. Somente ele torna o jovem verdadeiramente livre” (DP, n. 1183). João Paulo II propõe aos jovens a amizade de Cristo, uma amizade segura, que abre perspectivas de futuro, pois na terra aponta para a plenitude, conduz por caminhos que levam a eternidade. O Pontífice alimenta nos jovens, esperança da Igreja, um caminho de esperança, ou seja, uma esperança ativa, onde a trajetória do encontro se dá na iniciativa do Cristo que vem, mas que se realiza de fato no querer daquele que o espera, pois este querer, pela graça de Deus, torna-se uma espera ativa, desejosa, que por todas as possibilidades quer antecipar a experiência do encontro ainda que não em sua plenitude.

Dirigindo-se aos jovens de Puebla, João Paulo II assim se expressou:

A vossa sede do absoluto não pode ser saciada pelos resultados de ideologias que levam ao ódio, à violência e ao desespero. Só Cristo, procurado e amado com amor sincero, é fonte de alegria, de serenidade e de paz. Mas, depois de se haver encontrado a Cristo, depois de se ter descoberto quem Ele é, não se pode deixar de sentir a necessidade de o anunciar. Sabei ser testemunhas autênticas de Cristo; sabei viver e proclamar, com atos e com palavras, a vossa fé. Vós, queridíssimos jovens, deveis ter a ânsia e o desejo de serdes portadores de Cristo a esta sociedade atual, mais do que nunca necessitada d’Ele, mais do que nunca à procura d’Ele, apesar das aparências poderem talvez fazer crer o contrário.¹¹⁸

¹¹⁶ JOÃO PAULO II. *Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de “Miguel Angel” na cidade do México*, n. 3.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Idem.

Para João Paulo II, é esse encontro com Cristo, do experimentar sua vida, que os jovens poderão abrir-se às moções do Espírito e continuarem a evangelização em meio a toda a sociedade. Tendo como fundamento Jesus Cristo e os valores evangélicos que ultrapassam inclusive os ditames da religião, os jovens poderão corresponder à esperança que a Igreja lhes deposita. Puebla não deixa de acenar para essa realidade ao afirmar:

Este é o Cristo que deve ser apresentado aos jovens como libertador integral que, pelo espírito das bem-aventuranças, oferece a todo o jovem a inserção num processo de constante conversão; compreende suas fraquezas e oferece-lhe um encontro muito especial com Ele e com a comunidade. (...) O jovem deve experimentar Cristo como amigo pessoal que nunca falha, caminho de total realização. Com ele e pela lei do amor, o jovem caminha em direção do Pai comum e dos irmãos. Com isto, sente-se verdadeiramente feliz (DP, n. 1183).

Seguindo Puebla, podemos afirmar que os jovens devem sentir que são Igreja, que pertencem ao Corpo de Cristo enquanto membros amados e necessários, encontrando nela um lugar de comunhão e participação. A Igreja precisa abrir suas portas para acolher o novo que chega e deixar que a Revelação nesses que são o futuro, a sua esperança. É na Igreja que os jovens devem encontrar o espaço para ser o povo das bem-aventuranças, o povo que se encontra com Cristo, que o experimenta e o segue na entrega pelo futuro prometido que tem seu início na história. Experimentando Cristo e assumindo suas atitudes, os jovens promovem e defendem a dignidade de toda a humanidade, não apenas por ideologias, mas pela certeza de uma experiência que diariamente torna-se mais próxima de seu êxtase (cf. DP, n.1185-1185).

Esses mesmos jovens, tão necessitados de cuidados são aqueles que permitem a Igreja dar continuidade a sua missão. A Igreja espera e incentiva os jovens a serem evangelizadores dos jovens, que propagem e deixem na sociedade as sementes do cristianismo, as marcas do Evangelho, que se sentindo Igreja assumam as atitudes de Cristo, promovam e defendam a dignidade humana, contribuindo para a edificação da Igreja, em vista da construção de um mundo semelhante com o Reino esperado. Retomamos as palavras de Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, para dizer da esperança que Igreja deposita nos jovens: “(...) os jovens, bem formados na fé e na oração, tornam-se sempre mais os apóstolos da juventude. A Igreja conta muito com sua contribuição, e nós mesmos, muitas vezes manifestamos a nossa plena confiança neles” (cf. EN, n. 72). As palavras do Pontífice encontram-se com as afirmações de Puebla, que tem a juventude como a opção preferencial da Igreja.

A conferência de Puebla, bem como outros documentos eclesiais, é clara em afirmar a esperança que a Igreja deposita nos jovens. A Igreja latino-americana vê nos jovens um grande potencial para o presente e o futuro de sua evangelização, porém, Puebla apresenta um diferencial em sua reflexão sobre os jovens, quando coloca sua “opção preferencial pelos jovens com vistas a sua missão evangelizadora no Continente” (DP, n. 1186). É uma afirmação ousada e desafiadora, tanto quanto as juventudes, que são ousadas e nos desafiam a sairmos do comodismo. Entendemos que optar pelos jovens significa abrir-se a todas as suas realidades, estar presentes em todos os locais onde possam ser encontrados, sobretudo, desenvolver o papel de Mãe que educa no amor e na misericórdia promovendo a liberdade oferecida por Cristo (cf. Gl 5,1). A proposta de Puebla, mesmo tendo em vista a aproximação dos jovens por conta do seu empenho na evangelização, apresenta o grande desafio de ir ao encontro dos jovens nas diversas realidades que se encontram, seja através de outros jovens, ou através de outros que respondem a vocação de evangelizar.

Não estamos diante de uma Igreja que quer impor a fé a tantos jovens que se encontram pelas periferias de tantas cidades, desrespeitando sua trajetória, sua cultura, sua história e sua própria identidade. Cremos que estamos diante de uma Igreja disposta a abrir suas portas para o novo que vem, disposta a ir ao encontro dos jovens nos locais onde se encontram, reconhecendo-as como local de encontro com Deus, chamada a vida plena em Cristo. A Igreja é apresentada em Puebla como possibilidade de encontro entre criatura e Criador: “(...) que os jovens nela [Igreja] busquem o lugar de sua comunhão com Deus e os homens, a fim de construir ‘a civilização do amor’ e edificar a justiça e a paz” (DP. n. 1188).

A Igreja deposita nos jovens a esperança de um futuro comprometido com Cristo. Um futuro aberto ao conhecimento e à experiência com Jesus Cristo e opção preferencial pelos mais pobres, pois vê nos jovens um grande potencial para a construção da “civilização do amor,” onde a paz, fruto da justiça, brotará das atitudes dos homens e mulheres comprometidos com a causa do Reino de Deus. A Igreja tem por missão apresentar aos jovens Cristo vivo, modelo de autenticidade, simplicidade e fraternidade; libertador de todo pecado e de suas consequências e que compromete a todos na libertação ativa dos irmãos por meios não violentos (cf. DP, n. 1194).

Por fim, Puebla nos aponta uma Igreja que seja repleta de alegria e esperança, que saiba transmitir a mensagem do Evangelho de maneira alegre e jovial a um mundo muitas vezes triste, oprimido, sem esperança. Puebla chama-nos a ter uma atenção cada vez

maior diante das realidades juvenis e o esforço para buscar alternativas para comunicar-se com elas, de forma que a Igreja não se limite em proferir discursos de profundo teor teológico, cuja linguagem nem sempre é compreendida pelos jovens, muitas vezes preocupados com o hoje e com a sua sobrevivência (cf. DP, n. 1205). Se os jovens são a sua esperança, necessitam ser alimentados por essa esperança cristã. Essa missão Puebla assumiu como Igreja latino-americana.

Na sequência nos deteremos no estudo da Conferência de Santo Domingo, especialmente acerca dos jovens e da esperança que a Igreja deposita neles.

2.1.3 O jovem na Conferência de Santo Domingo

A IV Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe realizada na cidade de Santo Domingo, República Dominicana, aconteceu entre os dias 12 e 28 de outubro de 1992, com o tema: “Nova evangelização. Promoção humana. Cultura Cristã.”

A nova evangelização proposta em Santo Domingo certamente foi dirigida aos jovens de outrora e pode ser repensada em nossos tempos, pois a mudança de época é real na contemporaneidade e os jovens estão no centro de todos os acontecimentos, na maioria das vezes como vítimas de um sistema econômico que visa somente o lucro e não a dignidade das pessoas. Em seu discurso inaugural, João Paulo II referiu-se aos jovens como sendo aqueles a quem se deve anunciar Jesus Cristo, e libertar das ilusões do consumismo, oferecendo-lhes ideais nobres que possam ser apoio na conquista de seus ideais de uma sociedade mais justa e fraterna.¹¹⁹ O Pontífice coloca novamente como necessidade para a evangelização o encontro com o jovem em sua realidade, em suas aspirações profundas, em suas necessidades de salvação na concretude da história.

Essas afirmações do Magistério da Igreja por ocasião da conferência de Santo Domingo nos permitem ir ao encontro da esperança que a Igreja pode depositar nos jovens. Trata-se de uma esperança verdadeira, pois a Igreja sabe das necessidades e dos direitos dos jovens, que nem sempre estão prontos e aptos para abraçar a fé, mas que nem por isso deixam de trazer em si os valores do Reino que podem ser desenvolvidos em suas realidades pessoais e grupais, permitindo que Deus continue se comunicando à humanidade através de grupos e culturas diversificadas.

¹¹⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso inaugural da IV conferência geral do episcopado latino-americano de Santo Domingo*, p. 27.

No decurso dos apontamentos referente à esperança da Igreja nos jovens, no contexto da conferência de Santo Domingo, queremos aprofundar a reflexão acerca de uma nova evangelização com vistas ao anúncio dos valores evangélicos entre todos os povos, sobretudo entre os grupos juvenis, superando a mentalidade do “arrebanhamento”, isto é, de atrair os jovens simplesmente como peças necessárias para a continuidade da instituição. No centro da nossa reflexão está a nova evangelização pautada no encontro de Jesus Cristo, a revelação do Pai, que se dá na história de todos os tempos, sem enfatizar adesões religiosas, mas sempre a pessoa e a sua dignidade.

Para Santo Domingo é missão da Igreja ser semeadora da esperança, que se apoia nas promessas de Deus, na fidelidade à sua palavra e que tem como certeza a ressurreição de Cristo que é o fundamento de toda promoção humana,¹²⁰ de tal forma que essa esperança fomenta no mundo, principalmente nos jovens, o desejo e o empenho em fazer visíveis os valores evangélicos em toda a sociedade. Pela força do Espírito, a Igreja pode empenhar-se na nova evangelização, estando em contínuo processo de conversão, buscando testemunhar a unidade na diversidade dos ministérios e carismas, vivendo intensamente seu compromisso missionário. Somente uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar, de sair de si mesma e de ir ao encontro do mundo (cf. DSD, n. 23), é o testemunho de uma Igreja evangelizada que poderá contribuir para que muitos jovens deem sentido a própria vida. As palavras do papa João Paulo II, permitem entender a importância e a missão da Igreja na evangelização da Juventude.

Para o Pontífice:

(...) a missão da Igreja será prepará-los para serem homens e mulheres do futuro, responsáveis e ativos nas estruturas sociais, econômicas, culturais, políticas e eclesiais do vosso país para que, formados pelo espírito de Cristo e por sua inspiração consigam soluções originais, contribuindo para alcançar um desenvolvimento cada vez mais humano e cristão.¹²¹

O Papa dirige-se aos jovens, afirmando-lhes que a fé cristã ensina que vale a pena trabalhar por uma sociedade mais justa, que vale a pena defender os inocentes, os oprimidos e os pobres. Vemos nas palavras de João Paulo II uma Igreja verdadeiramente interessada na construção da civilização do amor, colocando nos jovens a esperança de um amanhã invadido pela vida digna e pelo desabrochar do Reino de Deus. Ao referir-se aos jovens como “jovens do continente da esperança,” João Paulo II motiva a Igreja

¹²⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso inaugural na IV conferência geral do episcopado latino-americano de Santo Domingo*, n. 25.

¹²¹ JOÃO PAULO II, *Santa missa em el Santuário de Nuestra Señora de la Altigracia*, n. 4.

latino-americana da época a compreender que na diversidade dos rostos juvenis encontra-se a possibilidade de uma Igreja sempre mais inserida no mundo, dedicando à construção do Reino junto aos mais necessitados. A Igreja acredita nos jovens, por isso os exorta a fim de que estejam à frente da civilização do amor.

João Paulo II pede aos jovens que:

(...) as dificuldades que os toca viver não sejam um obstáculo ao amor, à generosidade, mas sim um desafio a vossa vontade de servir. Deveis ser fortes e valentes, lúcidos e perseverantes. Não vos deixem seduzir pelo hedonismo, a evasão, a droga, a violência e as mil razões que se aparentam justificáveis.¹²²

A partir das reflexões do papa João Paulo II, sobre a diversidade dos jovens, Santo Domingo também reconhece que nem todos os jovens são iguais, que está diante de uma diversidade de grupos com características bem distintas (cf. DSD, n. 112), mas nem por isso deixa de acreditar e confiar neles, de reafirmá-los como sua opção preferencial (cf. DSD, n. 114), assim como o fez a conferência de Puebla. Esse fim é proposto por Santo Domingo de maneira afetiva e efetiva, promovendo a proximidade com os jovens através do diálogo entre esses, seus pastores e a comunidade, dando ênfase à dimensão vocacional, como um chamado de Deus à vida, à cocriação, à participação do homem na obra criadora de Deus, ao acompanhamento dos adolescentes e jovens, no intuito de colaborar com seu amadurecimento afetivo, com sua formação humana e até mesmo com o seu crescimento na fé. Na pauta dessa opção, entra o esforço por capacitar os jovens para que possam conhecer e responder aos impactos culturais e sociais de suas realidades, ajudando-os a comprometerem-se não apenas com as pastorais da Igreja, mas, sobretudo, com as necessárias transformações da sociedade (cf. DSD, n. 115).

Que os jovens sejam evangelizadores dos outros jovens, esse é o desejo da conferência e vê no sacramento da confirmação um momento importante para levá-los a essa missão, (cf. DSD, n. 115) contudo, não está fechada a promover os jovens simplesmente para tê-los como membros da Igreja, mas para que sejam agentes de transformação da sociedade como um todo por meio das vivências dos valores evangélicos, como podemos perceber na citação: “que dinamize uma espiritualidade do seguimento de Jesus que propicie o encontro entre a fé e a vida, que seja promotora da justiça, da solidariedade e que anime um projeto promissor e gerador de uma nova cultura de vida” (DSD, n. 116). Ainda na direção de uma evangelização pautada no respeito à

¹²² JOÃO PAULO II, *Santa missa en el Santuario de Nuestra Señora de la Altagracia*, n. 4.

diversidade juvenil, a conferência aponta para a importância de valorizar as novas formas celebrativas da fé que são próprias das culturas juvenis, não obstruindo a criatividade e a pedagogia dos sinais, incentivando esses espaços, sem deixar obviamente de respeitar a essência da liturgia (cf. DSD, n. 117).

A missão da Igreja é anunciar aos jovens que o Deus da vida os ama e tem esperança em cada um, que o futuro seja diferente, sem opressão e marginalizações onde a vida plena seja um caminho acessível a todos. Portanto, cabe a Igreja, apresentar aos jovens, Jesus Cristo, como caminho, verdade e vida, como aquele pode responder aos anseios de realização pessoal e a sua necessidade de encontrar o verdadeiro sentido para a vida (cf. DSD, n. 118-119). A Igreja deposita nos jovens sua esperança e acredita que no meio de tantos que encontrará poderá ver despontar aqueles que também abraçarão a fé e a estes entrega o seu legado, conforme as palavras apresentadas na conferência de Santo Domingo:

Para responder à realidade cultural atual, a pastoral juvenil deverá apresentar, com força e de um modo atraente e acessível à vida dos jovens, os ideais evangélicos. Deverá favorecer a criação e animação de grupos e comunidades juvenis vigorosas e evangélicas, que assegurem a continuidade e a perseveranças dos processos educativos dos adolescentes e jovens, e os sensibilizem e comprometam a responder aos desafios da promoção humana, da solidariedade e da construção da civilização do amor (DSD, n. 120).

A conferência enfim, convida os jovens para que sejam força renovadora da Igreja e esperança do mundo (cf. DSD, n. 293), pois a Igreja reconhece que:

A sensibilidade dos jovens intui profundamente os valores da justiça, da não-violência e da paz. O seu coração está aberto à fraternidade, à amizade e à solidariedade. Deixam-se mobilizar ao máximo em favor das causas que concernem à qualidade da vida e a conservação da natureza. Mas, estão eles também cheios de inquietações, de desilusões, angústias e receios do mundo, para além das tentações próprias do seu estado (CFL, n. 46).

Concluimos a quarta conferência episcopal latino-americana, compreendendo que os jovens ocupam o espaço preferencial da vida da Igreja, portanto, devem ser compreendidos de maneira afetiva e efetiva, que desafiam a Igreja a sair de suas dependências para ir ao encontro dos mais diversos grupos juvenis, levando-lhes vida digna, conforme a boa nova anunciada por Jesus Cristo. Esses jovens que a Igreja os encontrará muitas vezes, nas periferias do mundo, poderão ser os protagonistas da verdadeira civilização do amor, abraçando não apenas a fé, mas vivenciando os valores evangélicos na vida de toda a comunidade humana.

Continuaremos nossa reflexão nos permitindo dar um novo passo e olhar a quinta conferência latino-americana, que aconteceu na cidade de Aparecida/SP.

2.1.4 O jovem na Conferência de Aparecida

A Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe, realizada na cidade Aparecida/SP, aconteceu entre os dias 13 a 31 de maio de 2007, com o tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que todos os povos nele tenham vida – ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida’ (Jo 14,6).” A realização da quinta conferência havia sido cogitada pelo CELAM em outros lugares: Quito, no Equador, Santiago, no Chile e na Argentina, contudo, o Papa Bento XVI “fez uma escolha inesperada, indicando a cidade de Aparecida. Sugere, desta forma, um encontro da Igreja na América Latina e Caribe com a sua tradição católica, presente na religiosidade popular e em sua enraizada devoção mariana.”¹²³

A conferência de Aparecida se realizou inserida no mover do Espírito Santo por uma recepção do Concílio Vaticano II e referiu-se a moldura eclesial de cada uma das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho,¹²⁴ como afirma o Documento de Aparecida:

Fizemos isso como pastores que querem seguir estimulando a evangelização da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que todos tenham vida n’Ele (DAP, n.1).

A conferência esteve em comunhão com as demais Conferências Gerais anteriores, manifestando, assim, a continuidade dos trabalhos, bem como, a comunhão entre os bispos, para uma maior eficácia na aplicação da pastoral.

Segundo C. Castillo, em sua obra *La opción por los jóvenes en Aparecida*, o documento apresenta o claro objetivo evangelizador, isto é, uma Igreja que testemunha Jesus em meio aos povos, contribuindo para que tenham vida plena em todos os seus aspectos e manifestações, desde a satisfação das necessidades básicas até as mais profundas e sutis.¹²⁵ Mediante a afirmação, entendemos que os jovens pertencem ao campo de interesse da Igreja, uma vez que estão aí, pertencentes as mais variadas culturas,

¹²³ BEOZZO, J. *Aparecida à luz das Conferências do Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo*, p. 34.

¹²⁴ BRIGHENTI A. *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*, p. 13.

¹²⁵ Cf. CASTILLO, C. *La Opción por los jóvenes en Aparecida*, p. 13.

sendo apontadas pelas demais conferências episcopais latino-americanas como sujeitos da evangelização.

A conferência fala aos jovens direta e indiretamente. Ela o faz diretamente nos números em que os aponta com o objeto central da reflexão, e indiretamente quando os trata como discípulos e missionários do presente e do futuro. Os termos jovens, jovem, juventude, adolescentes e novas gerações, segundo Castillo, aparecem em 51 parágrafos do documento, correspondendo a pouco menos de 10%. Os jovens estão presentes no horizonte de Aparecida e representam parte de todo o desafio lançado na Igreja na América Latina, afirmando Jesus como vida plena para todos, conforme nos diz o documento: “Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários” (DAp, n. 11).

Para Aparecida, precisamos ter em Jesus Cristo o recomeço, ou seja, esse recomeçar em Cristo é uma proposta de vida para todos os jovens do continente e do mundo. A Igreja deve possibilitá-los a fazer sua experiência com Cristo, por meio do testemunho de tantas pessoas, seja de ontem e de hoje. Um recomeçar que vai além de medíocres pragmatismos da vida cotidiana da Igreja aonde a fé vai se desgastando e se degenerando em mesquinhez, mas um recomeçar que permita aos jovens um encontro com o Senhor da vida.

No DAp apresenta-se a realidade da globalização sob a ótica da pobreza e da exclusão, trazendo uma crise de sentido para a vida de todos, inclusive para os jovens (cf. DAP, n.37). A Igreja não pode ignorar toda essa situação, se de fato está interessada em estar com os jovens, acolhê-los, a fim de promover-lhes uma vida plena oferecida por Jesus Cristo, que ultrapassa regras morais e religiosas, mas que se traduz nas mais diversas culturas por meio da vivência dos valores evangélicos, como o amor, a solidariedade, a fraternidade, a paz, a igualdade, a justiça e a vida abundante para todos.

Continuaremos apresentando o DAp em continuidade com as conferências gerais anteriores, renovando de maneira eficaz e realista a opção preferencial pelos jovens, com o desejo de dar um novo impulso à Pastoral Juvenil na vida da Igreja. Para Castillo trata-se de uma opção pastoral, não desmerecendo em nada a opção pelos jovens, contudo, salienta seu caráter dogmático-teológico dependente da opção preferencial pelos

pobres.¹²⁶ Tal vinculação nos permite pensar que os jovens, sobretudo os mais pobres, são sujeitos de predileção da Igreja.

A realidade dos jovens é apresentada pelo DAp como um conjunto de desafios que pedem a Igreja uma resposta. Em sua grande maioria são identificados com os pobres do continente e do mundo, por isso são a opção central da Igreja. No DAp apresenta-se como aqueles que representam o rosto sofredor de Cristo, como podemos ver na citação:

Isso nos deveria levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles, estão (...) jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; (...) meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual (DAp, n. 65).

O documento continua apontando outros rostos do Cristo sofredor, ainda identificados nos jovens, que em sua maioria são as vítimas do desemprego, das drogas, dos encarceramentos, da escravidão trabalhista e sexual e sobretudo das mortes não naturais (DAp, n. 65.). O documento falará especialmente desses sofrimentos enfrentados pelos jovens entre os números 407 a 430. Segundo o documento, inúmeros jovens passam por situações que os afetam significativamente, desenvolvendo neles profundas carências afetivas e conflitos emocionais (cf. DAp, n. 444). Tudo isso nos mostra novamente as juventudes formando-se a partir das grandes influências que lhes vêm das gerações precedentes. Não é dissociado de uma história real que vemos nossos jovens imersos no hedonismo, na busca do prazer imediato, na alienação mediante as grandes problemáticas mundiais.

A Conferência nos diz que:

A avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos. A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo desejo pode ser satisfeito pelos produtos que têm caráter eficaz até messiânico. Legitima-se que os desejos se tornem felicidade. Como se necessita do imediato, a felicidade se pretende alcançar através do bem-estar econômico e da satisfação hedonista (DAp, n. 50).

Para a Igreja “os jovens são vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna, trazendo consigo a fragmentação da personalidade” (DAp, n. 318). É a esses jovens que a Igreja é chamada a ir ao encontro, a não abandonar, a estar com eles testemunhando Jesus Cristo e o seu projeto. São nesses jovens reais que a Igreja deposita

¹²⁶ Cf. CASTILLO, J. *La Opción por los jóvenes en Aparecida*, p.24.

sua esperança, nesses jovens que lutam, a sua maneira, pela sobrevivência, e pela graça de se manterem vivos numa sociedade, que pouco ou nada se importa com os pobres e marginalizados. São para esses jovens que a Igreja é chamada a anunciar a verdadeira esperança, que nos vem do Cristo ressuscitado que vive e dá vida a toda humanidade.

A Igreja quer ver nos jovens todas as suas qualidades, bem como, aquelas que podem desenvolver a partir do encontro com Jesus Cristo. Vê em cada um a possibilidade da amizade com Cristo, capazes de enfrentar tudo aquilo que não contribui para a construção do Reino de Deus. Assim nos fala a Conferência:

Os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe. Representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos e missionários do Senhor Jesus. Os jovens são sensíveis a descobrir a própria vocação a ser amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser “sentinelas do amanhã” (João Paulo II), comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus. Não teme o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim, uma vida sem sentido. Por sua generosidade, são chamados a servir a seus irmãos, especialmente aos mais necessitados, com todo o seu tempo e vida. Tem capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganados das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência. Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz. Como discípulos missionários, as novas gerações são chamadas a transmitir a seus irmãos jovens, sem distinção alguma, a corrente de vida que procede de Cristo e a compartilhá-la em comunidade, construindo a Igreja e a sociedade (DAp, n. 443).

É gratificante perceber que a Igreja, mesmo conhecendo as mazelas que afligem a juventude e as suas necessidades de cuidados, confia-lhes o seu próprio futuro, ao reconhecê-los como agentes de evangelização capazes de lutar contra tudo o que se manifesta contrário a própria vida e a vida da humanidade. A Igreja os reconhece como novos sujeitos que emergem em meio à realidade da mudança cultural, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, sentir, de perceber, e com novas formas de se relacionar, como produtores e atores de uma nova cultura (cf. DAp, n. 51). Os jovens para a Igreja podem inculturar a Boa Nova neste mundo, onde emergem às vezes valores tão contrários aos que Igreja prega. Em suas mãos está a possibilidade de dar vida a Palavra diante das reais situações que afligem a humanidade.

A partir da conferência de Aparecida, a Igreja tem demonstrado grande esclarecimento até mesmo diante da situação educacional que pouco colabora com a formação integral das novas gerações. O DAp afirma que:

(...) as novas formas educacionais de nosso continente, impulsionadas para se adaptar às novas exigências que se vão criando com a mudança global, aparecem

centradas prioritariamente na aquisição de conhecimentos e habilidades que denotam claro reducionismo antropológico, visto que concebem a educação preponderantemente em função da produção, da competitividade e do mercado. Por outro lado, com frequência, elas propiciam a inclusão de fatores contrários à vida, à família e a uma sadia sexualidade (DAp, n. 328).

Entendemos que estamos diante de uma educação que não colabora com a busca pela verdadeira felicidade na vida dos jovens, bem como, em suas escolhas diante das ofertas apresentadas pelo mundo. A formação humana é deixada de lado, a qualidade de vida dos jovens é relativizada, seu compromisso com a vida é esquecido. São esses jovens, pobres, esquecidos, abandonados, que pedem à Igreja os cuidados. A Igreja é chamada a promover uma educação de qualidade para todos, sobretudo, para os mais pobres. É missão da Igreja promover uma educação “que ofereça às crianças, aos jovens e aos adultos, o encontro com os valores culturais do próprio país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente” (DAp, n. 334).

São esses jovens, com toda a sua realidade, que alentam a esperança da Igreja apesar das crescentes dificuldades aos quais estão submetidos (cf. DAp, n. 127). Contudo, o problema da linguagem, isto é, a forma como a Igreja se comunica com os jovens, tem se tornado uma grande dificuldade, conforme nos fala a própria conferência.

Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagem pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por um amplo pluralismo social e cultural (DAp, 100d).

Para a conferência a linguagem eclesial parece não evoluir juntamente com a realidade social e cultural, por isso, é insuficiente para atingir os homens, as mulheres e sendo principalmente para os jovens de pouca significação. Para Castillo parece tratar-se da falta de comunicação de sentido mediante as novas situações vividas na atualidade, como se a Igreja não conseguisse estabelecer um diálogo mais amplo com as novas gerações devido a esta falta de linguagem. A Igreja mais uma vez se vê desafiada em sua missão de levar a diante a esperança cristã, e fazê-la conhecida em sua verdade em meio aos povos, e aqui em especial, os jovens. Não se trata de excluir a dinâmica do Reino, mas esforçar-se em buscar novos caminhos, novas linguagens, para manter viva o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo.¹²⁷

¹²⁷ CASTILLO, J. *La Opción por los jóvenes en Aparecida*, p. 37.

Diante das realidades juvenis, com o DAp, reafirmamos a importância de que é Jesus Cristo que deve ser comunicado ao povo e os jovens. Neste anúncio recordamos que Jesus Cristo é vida plena para todos e assim é a resposta para as necessidades de toda a humanidade (DAp, n. 347-349). A vida em Cristo se manifesta também no cuidado com a vida dos irmãos e irmãs mais necessitados. Os jovens também formam o Corpo de Cristo que queremos honrar, juntamente com todos os mais pobres que necessitam serem revestidos de dignidade e vida plena em Cristo.

No que se refere aos jovens, afirma Castillo, o DAp trata de comunicar concretamente Jesus tendo em conta cinco critérios de ação: a) a opção preferencial pelos jovens, b) as exigências que a sociedade impõe sobre os jovens, c) a cultura e a Igreja, d) a pastoral da juventude e suas prioridades inclusive as pedagógicas e e) o problema dos movimentos nas pastorais das Igrejas locais.¹²⁸

O interesse da conferência de Aparecida na pastoral juvenil, provavelmente se deu porque a Igreja não se dedicou suficientemente aos jovens. Segundo Castillo há uma carência na formação dos agentes envolvidos com os jovens, bem como a falta de apoio dos presbíteros e até mesmo dos bispos, deixando que as pastorais juvenis se mantenham com muito esforço e muitas vezes com poucos recursos. A decisão de Aparecida de dar maior impulso as pastorais juvenis levam a Igreja a reassumir esse campo de atuação entre os jovens de dentro e de fora do catolicismo.¹²⁹

A Conferência recorda que a atuação entre os jovens deve partir das exigências reais que os afligem, que são muito duras. Não podemos desmerecer as experiências de anos anteriores, contudo, que sejam ressignificadas à luz dos apelos de Aparecida e principalmente a partir das realidades juvenis.

A Igreja local deve anunciar aos jovens o amor incondicional de Deus manifestado em Jesus Cristo. Essa Igreja, segundo Castillo renova sua opção preferencial pelos jovens junto às famílias (cf. DAp, n. 446a), expressando seu desejo de que elas também façam sua opção pelos jovens, sem ter que, desde muito cedo, direcioná-los ao trabalho, ao pouco estudo, e a luta voraz pela sobrevivência. Uma opção que seja possível, em que os jovens possam estudar e amadurecer a própria vocação, dentro de um contexto de dignas condições de vida e podendo se realizar nas diversas dimensões de sua existência.”¹³⁰

¹²⁸ Cf. CASTILLO, C. *La Opción por los jóvenes en Aparecida*, p. 81.

¹²⁹ Idem, p. 83.

¹³⁰ Idem, p. 86.

No discurso aos jovens de São Paulo, por ocasião da conferência, Bento XVI, assim se expressou em relação ao futuro das juventudes:

Muitas vezes sentimos trepidar nossos corações de pastores, constatando a situação de nosso tempo. Ouvimos falar dos medos da juventude de hoje. Revelam-nos um enorme déficit de esperança: medo de morrer, num momento em que a vida está desabrochando e procura encontrar o próprio caminho da realização; medo de sobrar, por não descobrir o sentido da vida; o medo de ficar desconectado diante da estonteante rapidez dos acontecimentos e das comunicações. Registramos o auto índice de morte entre os jovens, a ameaça de violência, a deplorável proliferação das drogas que sacode até a raiz mais profunda da juventude hoje. Fala-se por isso, seguidamente, de uma juventude perdida.¹³¹

Não devemos afirmar que estamos diante de uma juventude perdida, mas de jovens que necessitam de verdadeiros testemunhos que os encorajem na luta por um presente que seja digno e um futuro em que lutem pelos seus sonhos sem perder as esperanças. A Igreja precisa acolher os jovens sem fazer distinção e muito menos discriminação: negros, homoafetivos, pobres, indígenas, dependentes químicos, em situação de rua, e tantos outros. Eles precisam de espaços onde suas vidas sejam valorizadas, onde sua história seja considerada local teológico de encontro com Deus.

Segundo Sobrino, pensar nos pobres como sacramento de Deus¹³² é também pensar nos jovens como sacramento de Deus, como manifestação constante do Mistério, sempre novo, sempre por ser mais compreendido em sua revelação. O DAp surge como um novo impulso, uma nova forma de ver os jovens, de acolhê-los, de dedicar-nos a eles, como sujeitos e objetos de nossa esperança, de nossa caminhada eclesial ao encontro do Senhor Ressuscitado que se deixa encontrar no rosto sofrido de cada ser humano e de cada jovem que carrega sobre si o peso da pobreza e de todas as injustiças sociais.

Para Bento XVI, os jovens que de alguma forma pertencem à Igreja devem se sentir responsáveis pela acolhida e evangelização dos demais jovens que, segundo o então Pontífice, perambulam por este mundo como “ovelhas sem pastor.”

Vejamos as palavras do papa:

Mas olhando para vós, jovens aqui presentes, que irradiais alegria e entusiasmo, assumo o olhar de Jesus: um olhar de amor e confiança, na certeza de que vós encontrastes o verdadeiro caminho. Sois jovens da Igreja. Por isso eu vos envio para a grande missão de evangelizar os jovens e as jovens, que andam por este mundo, errantes, como ovelhas sem pastor. *Sede os apóstolos dos jovens*. Convidai-os para que venham convosco, façam a mesma experiência de fé, de esperança e de amor; encontrem-se com Jesus, para se

¹³¹ BENTO XVI, *Encontro com os jovens*, n. 5.

¹³² Cf. SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*, p. 98.

sentirem realmente amados, acolhidos, com plena possibilidade de realizar-se.¹³³

Essas palavras expressam o desejo da Igreja de acolher esses jovens que estão fora dos seus cuidados, apresentando-lhes a pessoa de Jesus Cristo, sua Boa Nova, seu desejo de vida para toda a humanidade. A Igreja vai ao seu encontro, para que em suas realidades, muitas vezes feridas e maltratadas, possa reconhecer o Cristo sofrido, em com cada um lutar pela vida, pelos seus direitos, pelos seus sonhos, por um mundo mais justo e fraterno para todos.

As palavras do Pontífice em Aparecida, oferecem um norte para a evangelização dos jovens na América Latina. Suas palavras estão cheias de esperança diante das juventudes; esperança na Igreja, em uma Igreja jovem que reconhece no semblante de cada jovem o rosto sofrido de Cristo, que os ama onde estão e como estão. A Igreja jovem que vai ao encontro dos jovens é desafiada a acolher Cristo que já está presente na vida de cada um, em cada uma. A Igreja, ao levar Cristo aos jovens é surpreendida ao já encontrá-lo nos jovens. E os jovens, ao aproximarem-se da Igreja, são agraciados pela Palavra, pelos Sacramentos. Enfim, há um enriquecimento mútuo. Cabe à Igreja a humildade de reconhecer a presença de Deus nas juventudes, pois lembramos que essas são espelho retrovisor da sociedade de onde provém, são o espelho retrovisor das testemunhas de fé que os antecederam.

As palavras proferidas por Bento XVI no discurso aos jovens, nos permite compreender que esses são o presente e o futuro da Igreja.

O Pontífice afirma:

Vos, jovens, não sois apenas o futuro da humanidade, como uma espécie de fuga do presente. Pelo contrário: vós sois o presente jovem da Igreja e da humanidade. Sois seu rosto jovem. A Igreja precisa de vós, como jovens, para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada.¹³⁴

São esses rostos que a Igreja precisa cuidar, ajudá-los a alicerçar a própria fé, contudo, precisam ser vistos pela Igreja como protagonistas de um mundo novo, de um caminhar com passos mais firmes e rápidos rumo à nova humanidade, onde o Reino de Deus estará sempre mais próximo de sua plenitude. A Igreja entrega às juventudes uma árdua missão, ao mesmo tempo que se preocupa em cuidar de todo tipo de sofrimento que as aflige. Esse encontro de gerações, da Igreja com os mais diversificados grupos juvenis

¹³³ BENTO XVI. *Encontro com os jovens*, n. 5.

¹³⁴ *Idem*, n. 7.

para Castillo, tem suas exigências: “O DAp quer que se empreendam ações que repercutam nas raízes dos sistemas e estruturas criados pelos interesses econômicos de alguns.”¹³⁵

Com relação às responsabilidades do Estado, Aparecida posiciona-se no pedido por política públicas inclusivas e o não extermínio de crianças e jovens (cf. DAp, n. 410), na formação para o trabalho digno (cf. DAp, n. 446), em uma nova cultura baseada no discernimento de valores mediante os meios de comunicação (cf. DAp, n. 486) e na formação integral incluindo os valores transcendentais como compromisso também do Estado (cf. DAp, n. 481-482). Com relação à Igreja, o documento pede que se posicione diante do problema das drogas que atingem principalmente aqueles mais feridos em suas histórias pessoais e coletivas (cf. DAp, n. 422), propondo inclusive a criação de centros eclesiais para a acolhida dos jovens em situações difíceis (cf. DAp, n. 437).

Em relação às pastorais da juventude, o documento lembra algumas prioridades dos tempos atuais. A importância de uma pastoral própria para adolescentes, diferente da que abrange os jovens (cf. DAp, n. 442). Para a conferência a pastoral da juventude deve privilegiar os processos educativos e o amadurecimento na fé dos jovens (cf. DAp, n. 446d), e dar atenção especial ao discernimento vocacional propondo o encontro com Jesus Cristo vivo (cf. DAp, n. 446c). Outra prioridade apontada pela conferência é a formação e o compromisso social e político como ação da pastoral da juventude (cf. DAp, n. 446e). A Conferência, apresentará algumas prioridades pedagógicas da pastoral da juventude, como a arte e a comunicação (cf. DAp, n. 449), buscar uma maior sintonia entre o mundo adulto e o mundo juvenil nas metodologias pastorais (cf. DAp, n. 446g) e a participação em iniciativas pastorais amplas (cf. DAp, n. 446h). A Conferência, pede aos movimentos eclesiais que estimulem e convidem os jovens a colocarem suas riquezas a serviço da Igreja (cf. DAp, n. 446b).

O DAp, nos traz uma riqueza de oportunidades para repensarmos a nossa atuação diante dessa parcela tão importante na vida da Igreja e da sociedade, que são os jovens. Dentre as várias questões que Aparecida aprofundou sobre a evangelização dos jovens, destacamos: a centralidade de Jesus Cristo na vida dos jovens e a importância da Igreja como comunidade que oferece o encontro com Ele; os desafios que a modernidade e a globalização trazem para os jovens, como a busca de sentido e identidade, a influência das mídias e a pressão para formar padrões culturais diversos; a necessidade de envolver

¹³⁵ CASTILLO, C. *La Opción por los jóvenes en Aparecida*, p. 87.

os jovens ativamente na vida da Igreja, incentivando sua participação em atividades e serviços comunitários; a importância de uma sólida formação cristã para os jovens; a necessidade de um acompanhamento pessoal e pastoral dos jovens; a influência das novas mídias e das tecnologias digitais na vida dos jovens, sugerindo que a evangelização também deve se adaptar a esses meios. O DAp enfatizou a importância de acolher a diversidade entre os jovens, incluindo aqueles que estão em situação de vulnerabilidade ou marginalização; incentivou uma renovação espiritual e comunitária que possa atrair os jovens para uma vivência mais profunda da fé.

Essas convicções refletem o grande desejo de fazer com que a evangelização seja mais eficaz e relevante para os jovens, ajudando-os a encontrar um lugar significativo na vida da Igreja e a crescer na fé.

Através dos documentos eclesiais do Episcopado Latino-americano, percebemos o quanto a Igreja tem se preocupado com a evangelização da juventude. Os jovens, sem dúvidas, estão entre as grandes prioridades da Igreja. Na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, o Papa Francisco fala aos jovens com uma linguagem “simples” e paterna.

No ponto seguinte, refletiremos sobre as preocupações que o Pontífice tem em relação aos jovens e como suas palavras servem de estímulo para que eles construam um caminho sólido, não se deixando levar pelas ilusões que o mundo apresenta.

2.2 Evangelização na *Christus Vivit*

Os documentos eclesiais do Episcopado Latino-americano nos deram uma visão do quanto a Igreja tem se preocupado em refletir e apresentar caminhos, para que a evangelização chegue até os jovens. Através da Exortação Apostólica *Christus Vivit*, o Papa Francisco, apresenta sobretudo aos jovens uma mensagem de esperança e de fé, isto é, o papa conclama os jovens para que acolham Jesus Cristo e anunciem o Evangelho onde quer que estejam.

A Exortação Apostólica, tem um impacto significativo na evangelização dos jovens no continente latino-americano, pois oferece um caminho claro para revitalizar a evangelização entre os jovens, propondo uma abordagem sobre acolhida, formação, participação e ação social.

O Papa Francisco mantém uma relação de proximidade com a Congregação Salesiana, marcada por um profundo respeito. No dia 25 de dezembro de 1936, na Basílica Nossa Senhora Auxiliadora, em Buenos Aires, Argentina, foi batizando pelo P. Enrico

Pozzoli, Salesiano de Dom Bosco. Francisco é também ex-aluno salesiano, juntamente com seu irmão menor, frequentou o Colégio Salesiano “Wilfrid Baron” de Ramos Mejia, Argentina. Mais tarde, P. Enrico tornou-se seu Diretor espiritual, ajudando-o no processo de discernimento vocacional.

A relação entre o Papa Francisco e os Salesianos é caracterizada por um reconhecimento mútuo e uma sintonia nas prioridades pastorais e educacionais. Francisco valoriza muito a abordagem de São João Bosco e o trabalho da Congregação Salesiana, enquanto os Salesianos apreciam e apoiam as diretrizes e iniciativas do Papa. Essa relação demonstra uma colaboração frutífera que contribui para a missão comum de evangelizar e educar os jovens em um mundo em constante mudança.

Na proposta educativa e pastoral desenvolvida pelos Salesianos, a mensagem do Papa Francisco vem iluminar o trabalho de evangelização junto com os jovens que atendemos nas obras. Esta relação de proximidade com os Salesianos é essencial para entender a importância das suas palavras na evangelização dos jovens que frequentam nossas obras.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* é um documento pontifício, escrito pelo Papa Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus, a partir das reflexões do Sínodo sobre “Os jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional,” realizado em 2018. É o terceiro documento desenvolvido no processo sinodal. O primeiro elaborado foi o *Instrumentum Laboris*, que reúne as escutas dos jovens feito no período preparatório. O segundo foi o *Decreto Final*, com as conclusões da XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos.

Sobre a *Christus Vivit* o Papa Francisco explica:

Escrevo a todos os jovens cristãos com carinho esta Exortação apostólica, isto é, uma carta que recorda algumas convicções de nossa fé e que ao mesmo tempo nos encoraja a crescer em santidade e no compromisso com a própria vocação. Mas como se trata de um marco dentro de um caminho sinodal, dirijo-me ao mesmo tempo a todo o povo de Deus, a seus pastores e fiéis, porque a reflexão sobre os jovens e para os jovens convoca e estimula a todos nós. Por isso, em alguns parágrafos falarei diretamente para os jovens e em outros oferecerei abordagens mais gerais para o discernimento eclesial (CV, n. 3).

Olhando para a Exortação Apostólica *Christus Vivit* encontramos a preocupação paterna do Papa Francisco frente aos desafios constantes enfrentados pelos jovens.

Para Passos,

Os ensinamentos do Papa Francisco têm uma melodia original. Assim como ele, seus discursos não somente assumem um tom popular, mas também, e certamente por uma coerente decorrência, um vocabulário próprio e diferente que agrada a muitos e repele a outros. Esse discurso está afinado em novo diapásão; foge com nitidez da melodia clássica dos discursos regulares dos papas anteriores e dos documentos anteriores. Os que se sentem atraídos, afirmam entender o que o papa diz, bem como, captam a profundidade de suas palavras ditas, ora em metáforas, ora em linguagem direta e sem meias-palavras; entendem seu discurso ao mesmo tempo leve e duro como expressão de uma autenticidade que brota diretamente de sua pessoa.¹³⁶

Francisco inicia a Exortação conclamando os jovens a crescerem na fé e olharem para Jesus Cristo. A vida de Cristo é motivo de renovação para os jovens, pois Cristo faz novas todas as coisas. O jovem deve percorrer o caminho em sintonia com Cristo, pois a juventude de Cristo é contagiante. Ele chama o jovem a estar com ele, pois o ressuscitado é garantia de vida e força para todos. Percebendo e reconhecendo Cristo jovem, todas as dificuldades e as tristezas da juventude são superadas na esperança do querer viver com Cristo.

Falando especialmente aos jovens, Francisco assim se expressou:

Cristo Vive: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. Por isso as primeiras palavras, que quero dirigir a cada jovem cristão, são estas: Ele vive e quer-te vivo! Está em ti, está contigo e jamais te deixa. Por mais que te possas afastar, junto de ti está o Ressuscitado, que te chama e espera por ti para recomeçar. Quando te sentires envelhecido pela tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos, Jesus estará a teu lado para te devolver a força e a esperança (CV, n. 1e 2).

1º) O olhar paterno de Francisco aos jovens

No capítulo I da *Christus Vivit* o Papa Francisco revela aos jovens todo o carinho de um pai que procura fundamentar seu amor, revelado pela Sagrada Escritura que Deus nos ama e convida-nos ao seu encontro. Para falar da importância do carinho e da paternidade para com os jovens, Francisco aborda várias passagens bíblicas em que a juventude aparece como participante e até como protagonistas. Acreditamos que isso dá proximidade do jovem com a Sagrada Escritura, pois recorda que a esperança de todos os tempos é depositada na juventude. Ao ver que a Sagrada Escritura é um tesouro de experiências juvenis, Francisco deixa claro aos jovens, a acolhida do texto sagrado como fundamento da fé, tendo como finalidade executar uma catequese que tem Tradição, mas que permite ser jovem.

¹³⁶ PASSOS, J, *Método Teológico*, p. 13.

O Papa Francisco é um renovador inédito, na condição de líder tradicional de uma instituição tradicional e burocrática. Do fundo do carisma cristão, retira o vigor, os conteúdos e os rumos de uma renovação desafiante e urgente. Seu carisma busca incessantemente meios de expor de modo renovado a tradição da fé; com ele, a fé continua buscando inteligência em um mundo marcado por imensos desafios e uma Igreja carente de mudanças urgentes. Nesse sentido, trata-se de um método teológico a serviço de uma teologia da Igreja sempre em reforma.¹³⁷

Por meio dos exemplos de juventude que a Bíblia apresenta, Francisco lança seu olhar amoroso, pois faz com que o jovem procure ter intimidade com Deus e sinta-se jovem “por ter um coração capaz de amar” (CV, n. 13). O amor é renovador, jovem, esperançoso. Mesmo diante de um mundo com tantas mudanças e desigualdades, o jovem pode encontrar no amor a chave de leitura cristã para olhar o mundo com altivez, paciência e desejo de transformação. O amor é sempre jovem e busca renovar-se sempre. O amor projeta a pessoa para o amanhã, dando-lhe fé e esperança. Através dos textos bíblicos, Francisco convida os jovens para que nunca deixem de ter esperança. A esperança permite olhar para a realidade desafiadora e lançar-se na construção de um mundo cada vez melhor.

Um jovem não pode estar desanimado: é próprio dele sonhar coisas grandes, buscar horizontes amplos, ousar mais, ter vontade de conquistar o mundo, ser capaz de aceitar propostas desafiadoras e desejar contribuir com o melhor de si mesmo para construir algo superior. Por isso, insisto com os jovens para não deixar que lhes roubem a esperança, repetindo a cada um: ‘Ninguém escarneça da tua juventude’ (cf. Tm 4, 12). (CV, n. 15).

Um pai sempre se preocupa com seus filhos. O relacionamento entre pais e filhos gera confiança e segurança. Como pai espiritual, Francisco apresenta-se como uma figura que transmite liderança, confiança e apoio para os seus filhos. É um pai presente que se preocupa com a educação, com a vida social, com todas as áreas da vida do jovem. Na Exortação Francisco deixa bem evidente o cuidado e a diligência que tem com os jovens, animando-os a olharem a vida e o mundo de outro modo. Na acolhida, no diálogo e na valorização da vida, notamos a proximidade de Francisco com a juventude.

O Evangelho fala-nos também de algumas jovens prudentes que estavam prontas e vigilantes, enquanto outras viviam distraídas e atormentadas (cf. Mt 25, 1-13). Com efeito, é possível transcorrer a própria juventude distraído, planando a superfície da vida, dormindo, incapaz de cultivar relações profundas e entrar no coração da vida; deste modo, porém, prepara-se um futuro pobre, sem substância. Ou, pelo contrário, pode-se gastar a juventude cultivando coisas nobres e grandes e, assim, preparar um futuro cheio de vida e riqueza interior (CV, n. 19).

¹³⁷ PASSOS, J. *Método Teológico*, p. 108.

Os jovens são chamados a ser jovens no “coração do evangelho que é sempre o núcleo em torno do qual tudo se fundamenta e tudo se estreita;”¹³⁸ são chamados ao encontro com outros jovens. O reconhecimento da juventude no outro, proporciona ao jovem fazer um caminho de aceitação e de abertura, a fim de que ele seja acolhido e possa acolher. Na convivência, o jovem se abre para a dimensão social e afetiva; aprende que o reconhecimento do outro é parte importante no caminho da própria realização. O evangelho tem que gerar no jovem uma inquietude diante da própria realidade. Ele trilha um caminho que vise retirá-lo da zona de conforto, abraçando o mundo que pede e clama por mais humanidade. O esforço do Papa Francisco em fazer com que as palavras do evangelho abracem a vida social é de fato, um olhar amoroso.

Segundo Passos,

essa síntese do Evangelho e vida social oferece o parâmetro metodológico fundamental para a reflexão da fé, como superação de todos os dualismos que dicotomizam o individual e o coletivo, o espiritual e o material, o escatológico e o histórico, o eclesial e o sociopolítico. No caso, já não se trata de uma teologia do social, mas de uma teologia social, cuja fonte não advém de uma opção teórico-metodológica, mas, antes de tudo, da própria fonte de fé.¹³⁹

Ao colocar o jovem diante do amor que Deus tem por cada um, Francisco aproxima tanto a Igreja do jovem, como o jovem da Igreja. O cuidado que o papa tem em fazer com que o jovem se sinta amado e valorizado por Deus está presente em toda a Exortação. Esta preocupação é fundamental para que o jovem abrace a fase da vida em que vive com responsabilidade. Os jovens estão no coração de Deus afirma o papa.

No capítulo II da Exortação, Francisco apresenta Jesus que se revela como aquele que é sempre jovem. Esta síntese de Cristo com a juventude, inspira os jovens a dar uma resposta à vida cristã e à santidade. Para Francisco, ao abordar os aspectos da vida e da juventude de Jesus, o jovem olha com mais proximidade e reconhecimento o rosto de Cristo, enxergando-se nele. O jovem é convidado para um encontro íntimo e pessoal com Jesus Cristo. Os evangelhos nos convidam a ver Cristo jovem e percebermos suas características; sua profunda acolhida a todos e a intimidade com Deus. O rosto de Cristo é rosto jovem.

Para Francisco,

(...) não é de longe nem de fora que Jesus vos ilumina, a vós jovens, mas a partir da própria juventude que partilha convosco. É muito importante

¹³⁸ PASSOS, J. *Método Teológico*, p. 37.

¹³⁹ Idem, p. 100.

contemplar o Jesus jovem que os Evangelhos nos mostram, porque foi verdadeiramente um de vós e, n'Ele, é possível reconhecer muitos traços dos corações jovens. Vemo-lo, por exemplo, nas seguintes características: Jesus teve uma confiança incondicional no Pai, cuidou da amizade com os seus discípulos e, até nos momentos de crise, permaneceu fiel a eles. Manifestou uma profunda compaixão pelos mais fracos, especialmente os pobres, os doentes, os pecadores e os excluídos. Teve a coragem de enfrentar as autoridades religiosas e políticas do seu tempo; viveu a experiência de Se sentir incompreendido e descartado; experimentou o medo do sofrimento e conheceu a fragilidade da Paixão; dirigiu o seu olhar para o futuro, colocando-se nas mãos seguras do Pai e confiando na força do Espírito. Em Jesus, todos os jovens se podem rever (CV, n. 31).

Francisco demonstra grande preocupação para que os jovens se sintam amados e valorizados pela Igreja. Para o Pontífice a presença deles na Igreja é uma renovação. A Igreja acolhe a todos! Os jovens são chamados a viver o protagonismo juvenil e colaborar para que a Igreja se torne sempre mais jovem, participativa e atenta aos sinais do Reino.

Francisco afirma que,

(...) ser jovem, mais do que uma idade, é um estado de coração. Assim, uma instituição antiga como é a Igreja pode renovar-se e voltar a ser jovem em cada uma das várias fases da sua longa história. Com efeito, nos seus momentos mais dramáticos, sente a chamada a retornar ao essencial do primeiro amor. Ao recordar esta verdade, o Concílio Vaticano II afirma que, 'rica de um longo passado sempre vivo, e caminhando para a perfeição humana no tempo e para os destinos últimos da história e da vida, ela é a verdadeira juventude do mundo'. Nela, é sempre possível encontrar Cristo, o companheiro e o amigo dos jovens (CV, n. 34).

Devido à Tradição e como ela é compreendida, o jovem pode olhar a Igreja como uma Instituição velha e fechada. Contudo, a Palavra de Deus, a Eucaristia e a ação do Espírito Santo revelam que a juventude sempre esteve e estará presente na vida da Igreja. A Igreja, jovem, renova-se bebendo dessas fontes e oferecendo ao mundo está água renovadora. Francisco exorta a Igreja a deixar-se ser jovem e renovar-se. Com esse apelo, o olhar do papa incide sobre a juventude, dando-lhes um lugar, onde deve ser o lugar de todos, a Igreja.

Peçamos ao Senhor que liberte a Igreja daqueles que querem envelhecê-la, ancorá-la ao passado, travá-la, torná-la imóvel. Peçamos também que a livre doutra tentação: acreditar que é jovem porque cede a tudo o que o mundo lhe oferece, acreditar que se renova porque esconde a sua mensagem e mimetiza-se com os outros. Não! É jovem quando é ela mesma, quando recebe a força sempre nova da Palavra de Deus, da Eucaristia, da presença de Cristo e da força do seu Espírito em cada dia. É jovem quando consegue voltar continuamente à sua fonte (CV, n. 35).

2º) Desafios e desencontros atuais na vida dos jovens

Para Francisco “ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração” (CV, n. 34). É o momento em que nossos olhares estão carregados de esperanças, sonhos, projetos e desejos. Faz parte do espírito jovem olhar o mundo com inúmeras possibilidades, mesmo quando se tem medo. A juventude passa por angústias, incertezas e inúmeros desafios, contudo, maravilhosas descobertas são feitas e um aprendizado novo é construído a cada encontro. Na era da cultura digital, os jovens enfrentam muitos desafios e frustrações, podem limitar seus horizontes de realizações. Com um simples click o jovem tem acesso a um mundo de informações, todavia, o grande desafio está em ajudá-los a tomar cada vez mais consciência sobre o uso responsável dos meios de comunicação. A Exortação descreve a preocupação de Francisco diante desses desafios:

Depois de observar a Palavra de Deus, não podemos limitar-nos a dizer que os jovens são o futuro do mundo: são o presente, estão a enriquecê-lo com a sua contribuição. Um jovem já não é uma criança, encontra-se num momento da vida em que começa a assumir várias responsabilidades, participando com os adultos no desenvolvimento da família, da sociedade, da Igreja. Mas os tempos mudam, colocando-se a questão: Como são os jovens de hoje? Que sucede agora aos jovens? (CV, n. 64).

3º) A relação com as novas tipologias de família

A desestruturação no ambiente familiar tem proporcionado sérias consequências na vida dos jovens, sobretudo, em relação à sua realização. Separações e novas uniões, têm gerado na vida de muitos jovens, sérios obstáculos e sofrimentos. A falta, muitas vezes, de acolhida na família, os tem levado a buscar no mundo digital um espaço para criar vínculos e formas para fugir da realidade que o cerca. No mundo da cultura digital o jovem procura encontrar sua autonomia frente às dificuldades que tem encontrado para adaptar-se aos novos modelos de família.

A referência familiar marca no jovem uma sensação de pertença e de apoio, ajudando-o na formação da própria personalidade, visando construir-se como sujeito social. A ausência dos pais como referência na vida, impactam negativamente na busca da realização. Os pais exercem papel fundamental na vida dos filhos, ajudando-os, sobretudo, na construção da própria identidade.

Para falar da importância da convivência sadia no ambiente familiar, o Papa assim se expressou:

(...) na adolescência e juventude, a sua relação com o Pai era a de Filho muito amado; atraído pelo Pai, crescia ocupando-Se das coisas d'Ele: “Não sabíeis que devia estar na casa do Pai?” (Lc 2,49). Mas, não devemos pensar que Jesus fosse um adolescente solitário ou um jovem fechado em si mesmo. A sua relação com as pessoas era a dum jovem que compartilhava a vida inteira duma família bem integrada na aldeia. Aprendera o ofício do pai e, depois, substituiu-o como carpinteiro. Por isso no Evangelho, uma vez, é chamado “o filho do carpinteiro” (Mt 13, 55) e, outra, simplesmente “o carpinteiro” (Mc 6, 3). Este detalhe mostra que era um rapaz da aldeia como os outros, relacionando-Se com toda a normalidade. Ninguém O considerava um jovem estranho ou separado dos outros. Por isso mesmo, quando Jesus começou a pregar, as pessoas não sabiam explicar donde Lhe vinha aquela sabedoria: “Não é este o filho de José?” (Lc 4,22) (CV, n. 28).

Com uma visão sempre atenta, o papa vê as dificuldades que os jovens enfrentam diante do ser família e como isto tem refletido na formação dos valores evangélicos na vida dos jovens.

Muitas vezes, os jovens enfrentam sozinhos as dificuldades familiares e, por conseguinte, têm dificuldades de expressar o que sentem. A juventude é o tempo de amar e ser amado; sentir-se querido, por isso, é preciso que o jovem tenha espaços para compartilhar a vida.

Por não terem muitas vezes com quem falar e como falar, sofrem com seus sentimentos, acumulando frustrações, que poderão tornar-se feridas difíceis de serem curadas. Francisco manifesta grande preocupação em relação aos jovens que se isolam, que se fecham ao próprio mundo.

(...) às vezes toda a energia, os sonhos e o entusiasmo da juventude se atenuam pela tentação de nos fecharmos em nós mesmos, nos nossos problemas, sentimentos feridos, lamentações e comodidades. Não deixes que isso te aconteça, porque ficarás velho por dentro e antes do tempo. Cada idade tem a sua beleza, e à juventude não pode faltar a utopia comunitária, a capacidade de sonhar juntos, os grandes horizontes que contemplamos juntos (CV, n. 166).

4º) Juventude e trabalho

Outra preocupação apresentada pelo Papa na exortação é em relação às perspectivas de futuro na vida dos jovens, precisamente sobre o trabalho. O jovem é motivado a encontrar uma identidade através do trabalho, afirma Francisco. Há um incentivo da importância que o trabalho tem como uma forma de dar sentido à vida. Ao abordar o trabalho como uma forma de atuação e de sentir-se produtivo para o mundo, Francisco retira do jovem o comodismo e aposta na capacidade que eles possuem de criarem e buscarem perspectivas e possibilidades, em relação ao futuro.

Entrar no mercado de trabalho nem sempre é fácil para os jovens, contudo, o apelo de Francisco vai mais além, ou seja, ele vê que muitos jovens querem viver na dependência da família e de outros. O trabalho deve ser visto como uma realização pessoal.

(...) peço aos jovens que não esperem viver sem trabalhar, depender da ajuda de outros. Isto não faz bem, porque ‘o trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal (CV, n. 269).

Na exortação há uma preocupação do papa de vedar toda forma de exclusão e marginalização que o jovem venha a sofrer quando for procurar um trabalho. Francisco revela sua preocupação com a dignidade que o trabalho dá ao jovem, inserindo-o na vida da sociedade. Dessa forma, o jovem sente-se responsável rompendo todo o tipo de comodismo.

O Sínodo salientou que,

(...) o mundo do trabalho é uma área onde os jovens experimentam formas de exclusão e marginalização. A primeira e a mais grave é o desemprego juvenil, que, nalguns países, atinge níveis exorbitantes. Para além de os empobrecer, a falta de trabalho rescinde nos jovens a capacidade de sonhar e esperar, e priva-os da possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da sociedade (CV, n. 270).

5º) O ambiente digital para os jovens

A juventude contemporânea está cada vez mais inserida no ambiente digital. Juntamente com os jovens, adultos e idosos também se utilizam dessas ferramentas, visto que, dificilmente se encontra alguém sem um telefone com acesso à internet, exceto onde a pobreza é extrema. Contudo, o ambiente digital não se limita, apenas ao uso de tais equipamentos de comunicação, mas de,

(...) viver em uma cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e de espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de informa-se, de entrar em relação com os outros. Uma maneira de aproximar-se à realidade que geralmente privilegia a imagem em relação à escuta e à leitura, afeta o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico.¹⁴⁰

¹⁴⁰ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, p. 31.

Bento XVI, refletindo sobre os perigos do uso sem critérios, sobretudo da internet, nos disse que, “o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens.”¹⁴¹

Para Francisco, as redes sociais proporcionaram um novo ambiente de comunicação, com novas maneiras e formas de criar laços de amizade. Inúmeros jovens consomem muito do seu tempo na frente do computador. Esse é o ambiente onde podemos encontrá-los facilmente. A internet é uma preciosa ferramenta onde se pode adquirir muito conhecimento e estabelecer boas relações. A utilização da internet tem nos possibilitado, alcançar muito jovens, a fim de engajá-los sobretudo, na pastoral e na comunicação.

Contudo, afirma o papa, sem um devido cuidado, os ambientes digitais, quando mal utilizados, dificultam o jovem de fazer uma leitura mais crítica da sociedade. A exortação apresenta problemas muito sérios em relação ao mal uso da internet. Por isso, afirma Francisco, é importante compreender esse fenômeno da internet em sua integralidade.

Não é salutar confundir a comunicação como o mero contato virtual. De fato, o ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até chegar ao caso extremo da *dark web*. Os meios de comunicação podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento das relações interpessoais autênticas. Novas formas de violência são disseminadas através das mídias sociais, por exemplo o, *cyberbullying*; a *web* também é um canal para a divulgação de pornografia e exploração de pessoas para fins sexuais ou mediante os jogos de azar. (CV, n. 88).

Na exortação Francisco conclama os jovens a vencerem o isolamento virtual, fazendo da internet uma fonte de comunicação. É notório vermos na Exortação que ao invés de denegrir e apontar apenas os dissabores do mundo e da cultura virtual, o papa, com sua pedagogia, traz os jovens para iniciativas pastorais e para um olhar sociopolítico que o mundo virtual pode despertar neles.

A internet e as redes sociais geraram uma nova maneira de comunicar e criar vínculos, sendo uma praça onde os jovens passam muito tempo e se encontram facilmente, embora nem todos tenham acesso igual, particularmente nalgumas regiões do mundo. Em todo o caso, constituem uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação, e ao saber. Além disso, o mundo digital é um contexto de participação sociopolítica e de cidadania ativa, podendo facilitar a circulação duma informação independente capaz de tutelar eficazmente as pessoas mais vulneráveis, revelando as violações dos seus direitos. Em muitos

¹⁴¹ CNBB. *Mensagem para 47º. Dia mundial das Comunicações Sociais*, p. 230-234.

países, a web e as redes sociais já constituem um lugar indispensável para se alcançar e envolver os jovens nas próprias iniciativas e atividades pastorais, (CV, n. 87).

Francisco conclui a Exortação com um pedido de escuta e de acompanhamento de toda a Igreja aos jovens e suas dificuldades. O desejo do papa é que os jovens se sintam encorajados a superarem as dificuldades de seu tempo e voltarem-se para Jesus Cristo.

Com palavras paternas, assim se expressou Francisco para os jovens:

Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi ‘atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na Sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito vos impulse nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós’ (CV, n. 299).

Ressaltando a beleza e a força que provém dos jovens, Francisco ajuda-os a compreenderem-se no mundo, a fim de inseri-los na realidade da Igreja. Os jovens são protagonistas de novas histórias e capazes de horizontes reais de realização. O olhar paterno do papa, coloca os jovens no coração de Deus e da Igreja.

O Papa Francisco com o seu jeito “simples” e acolhedor, trouxe uma mensagem de otimismo e esperança para os jovens. Em sintonia com as reflexões de Francisco, a Congregação Salesiana tem percorrido um longo caminho, para que a mensagem do Evangelho chegue ao coração dos jovens.

O carisma salesiano, é profundamente marcado pelo amor e dedicação à juventude, especialmente a mais pobre. Os salesianos, na ação pastoral, procuram ser referência no meio dos jovens, ajudando-os a encontrar o próprio caminho. Desde modo, o carisma salesiano continua a ser uma inspiração viva, contribuindo com a transformação do mundo.

Na sequência, apresentaremos alguns elementos importantes no processo de evangelização dos jovens, a partir do carisma de Dom Bosco.

2.3 Evangelização segundo o carisma de Dom Bosco

O tema da evangelização dos jovens foi apresentado até este momento, tendo como enfoque principal, o Magistério da Igreja. Agora, o enfoque será a partir do carisma salesiano. Contudo, não são caminhos separados, mas integrados, dentro da sua proposta de itinerário.

2.3.1 As origens de Dom Bosco e seu trabalho com os jovens

São João Bosco (1815-1888), foi um sacerdote italiano fundador da Sociedade de S. Francisco de Sales, congregação destinada à educação dos jovens órfãos e pobres. Seus membros são conhecidos como Salesianos de Dom Bosco.

Dom Bosco nasceu e cresceu na região do Piemonte e recebeu sua educação e formação no período da Restauração, antes da Revolução Liberal de 1848.

Ele (Dom Bosco) teve de aceitar a realidade da Revolução Liberal (constituição, parlamento, gabinete de ministros etc.), mas nunca se solidarizou com os movimentos liberais e com o Ressurgimento; principalmente porque os liberais começaram a atar a Igreja e o papado. Manteve-se até ao fim como um piemontês da antiga ordem, uma questão de lealdade ao seu rei, cuja autoridade, assim pensava, estava sendo corroída pelas perversas instituições da Revolução Liberal.¹⁴²

A grande região do Piemonte estende-se pelo semicírculo dos Alpes do norte e noroeste, ocupando a parte mais elevada do vale do Rio Pó. Piemonte, em italiano, sugere uma posição *ao pé do monte*. A maior parte da região é montanhosa. Turim, capital do Piemonte, está no centro da “ferradura”¹⁴³ nos limites entre as planícies e as colinas centrais. No ano de 1790, ao eclodir a Revolução Francesa, “Turim contava com pouco mais de 92 mil habitantes, número que baixou para aproximadamente 81 mil em 1800, durante as guerras napoleônicas.”¹⁴⁴

De acordo com os primeiros testemunhos que temos, nos primeiros anos do século XVII, “os membros da família Bosco viviam como camponeses em parceria¹⁴⁵ perto de Chieri.”¹⁴⁶ Nos inícios do século XVIII, um ramo da família imigrou para Castelnuovo, povoado e paróquia com uns 3 mil habitantes, povoação situada a pouco mais de 10 km a leste de Chieri. A família Bosco pertencia ao povoado de Murialdo¹⁴⁷ mas não residia lá. Vivia e trabalhava perto de uma das aldeias de Murialdo, chamada de Becchi, pequeno agrupamento de casas de camponeses, situada a 1,5 km ao sul de Murialdo. A aldeia dos Becchi estava aglomerada na base de uma colina oval que se elevava a uns 70 metros em direção ao sul, conhecida hoje como Colle Dom Bosco. “Os antepassados de Dom Bosco,

¹⁴² LENTI, A. *Dom Bosco I: História e Carisma*, p. 137.

¹⁴³ Ferradura quer dizer que está no semicírculo formado pelos Alpes, situado no norte e noroeste.

¹⁴⁴ Cf. “Torino,” na *Enciclopedia italiana di scienze*, p. 31.

¹⁴⁵ Em outras palavras: arrendatários ou meeiros.

¹⁴⁶ LENTI, A. *Dom Bosco I. História e Carisma*, p. 139.

¹⁴⁷ Dom Bosco escreve sempre Murialdo, italianizando a pronúncia do dialeto. Castelnuovo d’Asti (hoje Castelnuovo Dom Bosco): comuna da província de Asti, 25 km de Turim.

segundo consta na primeira notícia que se tem sobre eles e que remonta ao século XVII, viviam e trabalhavam em grande parte como meeiros.”¹⁴⁸

No dia 30 de outubro de 1835, uma sexta-feira, João Bosco faz uma escolha decisiva: entra no seminário diocesano de Chieri.¹⁴⁹ Os anos do seminário foram para ele anos de luta espiritual, também porque o ambiente disciplinado e o ensinamento teológico moral rigorista contrastavam com seu temperamento mais inclinado à liberdade expansiva e à criatividade no campo prático.

No seminário, “assimilou os valores que o austero regulamento e a tradição formativa propunham aos clérigos: estudo intenso, espírito de sincera piedade, recolhimento, obediência, disciplina interior e exterior.”¹⁵⁰

Os sete anos de estudo, de dedicação, do cumprimento dos deveres, da piedade, da presença no pátio¹⁵¹ e, da vida no Seminário de Chieri, conquistaram-lhe a amizade dos companheiros e a estima dos superiores. Foi ordenado sacerdote em Turim, pelo Arcebispo Dom Luís Fransoni, no dia 5 de junho de 1841.

Em novembro de 1841, a convite do P. José Cafasso,¹⁵² o P. João Bosco voltou a Turim, para cumprir o triênio de aperfeiçoamento teórico e prático da teologia, no Centro Eclesiástico.

Para além da formação moral, o novo padre dedicou-se à instrução catequética dos rapazes e acompanhou o P. Cafasso na “assistência espiritual aos jovens reclusos das cadeias da cidade, para falar, confortar, ajudar e acompanhar os condenados à morte nas últimas horas, até morrerem na forca.”¹⁵³ A escola do P. João Bosco são as ruas de Turim. Por volta do ano 1840, Turim contava com 130 mil habitantes e continuava a crescer com a chegada de imigrantes das zonas pobres do Piemonte, quase todos jovens. Procuram trabalho num lugar onde se sentem estrangeiros para fugir à pobreza de suas terras, correndo o risco de cair na delinquência, no furto e na violência.

Os momentos que foram marcantes na infância de João Bosco, a morte do pai quando tinha apenas dois anos, os encontros com o P. Calosso¹⁵⁴ e P. José Cafasso e posteriormente à morte do P. Calosso, a atitude do seu pároco, distante dos jovens,

¹⁴⁸ LENTI, A. *Dom Bosco, I: História e Carisma*, p. 140.

¹⁴⁹ Cf. GIRAUDO, A. *Clero, seminário e società*, p.198.

¹⁵⁰ BOSCO, J. *Memórias do oratório de São Francisco de Sales*, p. 76-77.

¹⁵¹ Lugar onde se brincam e jogam bola e outros jogos.

¹⁵² P. José Cafasso será para Dom Bosco, mestre de teologia moral e de pastoral prática, bem como, confessor, diretor espiritual e conselheiro.

¹⁵³ AGASSO, R. *Dom Bosco. Uma vida sem tempo*, p. 12.

¹⁵⁴ Giovanni Melchiorre Felice Calosso (1760-1830), nascido em Chieri, pároco de Murialdo em 1829.

levaram-no a discernir e a fazer algo que respondesse à realidade das crianças e jovens daquele tempo.

Se fosse sacerdote, ouviram-no dizer, procuraria os meninos, chamava-os para volta de mim, queria amá-los, ser amado por eles, dizer-lhes boas palavras, dar-lhes bons conselhos e consagrar-me inteiramente à sua salvação eterna.¹⁵⁵

Dom Bosco sente-se cada vez mais envolvido nas profundas e complexas mudanças políticas, sociais e culturais que marcam toda a sua vida: motes revolucionários, guerras, êxodo das populações dos campos para as cidades, são fatores que incidirão sobre as condições de vida das pessoas, especialmente as mais pobres. Centradas nas periferias das cidades, os pobres em geral e os jovens em particular tornam-se objetos de abusos ou vítimas do desemprego. Durante seu crescimento humano, moral, religioso e profissional são seguidos de maneira insuficiente e muitas vezes de maneira nenhuma. Sensíveis a todas as mudanças, os jovens ficam, frequentemente, inseguros e desorientados. Dom Bosco, “sem desprezar nada do que de bom as tendências modernas podiam porventura ter, colocava muito mais alto o seu ideal.”¹⁵⁶ Então, ele “consagrou-se à educação da juventude com o entusiasmo de quem sabia que essa era a sua missão. Missão recebida especialmente do alto. Tinha boas razões para assim pensar.”¹⁵⁷

Assim, Dom Bosco começou a entrar no mundo juvenil, como educador. Tal instituição vinha a ser um centro paroquial ou interparoquial de doutrina e vida cristã para crianças, adolescentes e jovens, de bom comportamento, ocupando-os durante uma parte do domingo, de manhã ou de tarde (raras vezes o dia todo). Habitualmente, além da doutrina, havia espaço para convívio e diversões. Dom Bosco imprime-lhe, porém, “uma nova fisionomia e dinâmica, acrescentando ao nome consagrado de *oratório* e o adjetivo *festivo*.”¹⁵⁸

Vários elementos distinguem o oratório de Dom Bosco dos oratórios tradicionais. Antes de tudo, as portas estão sempre abertas, não só durante uma parte do domingo, mas durante o dia todo e não só para os meninos de boas famílias e de comportamento correto, mas para toda a classe de rapazes que livremente queiram entrar, dando até particular atenção aos mais rebeldes e aos mais desenraizados da família.¹⁵⁹ Dentre todos os fatores que intervêm no funcionamento do oratório de Dom Bosco, o mais importante é a

¹⁵⁵ CERIA, E. *Dom Bosco com Deus*, p. 205.

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ Idem, p. 212.

¹⁵⁸ BOSCO, J. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 119.

¹⁵⁹ Idem, p. 119-120.

presença amável e contínua do educador, totalmente empenhado em conseguir que os educandos se sintam envolvidos numa atmosfera de família, realidade desconhecida por muitos que frequentavam o oratório.

É na criação do clima de família que reside o núcleo da pedagogia e metodologia educativa de Dom Bosco. As primeiras experiências feitas com rapazes, nas ruas e nas prisões de Turim, o levaram a perceber a triste situação em que viviam, abandonados a si mesmos. Para Dom Bosco a ausência da família ou de alguém que, na falta se ocupe deles, era um dos grandes motivos para caírem na delinquência. Compreende, pois, a necessidade de lhes proporcionar um ambiente que os aproxime o mais possível do ambiente familiar.

Dada a ausência dos laços de sangue, Dom Bosco relaciona-se com os seus rapazes de modo a levá-los a descobrir na sua pessoa um pai adotivo, como ele mesmo firmou:

Meus queridos filhos, bem sabeis quanto vos amo no Senhor e como me tenho consagrado a fazer-vos todo o bem que posso. Aquela pouca ciência, aquela experiência, tudo o que sou e possuo, orações, fadigas, a saúde, a minha própria vida, tudo quero empregar no vosso serviço. Sempre e em tudo podeis contar comigo, sobretudo nas coisas da alma. Pela minha parte, e como lema, dou-me todo inteiramente vós; será coisa insignificante, mas dando-vos tudo, quer dizer que nada reservo para mim.¹⁶⁰

A paternidade espiritual é por ele responsável e amorosamente assumida e insistentemente inculcada aos seus colaboradores, uma vez que deve preencher a falta da família natural. Comportando-se como um pai dos que não o tinham ou o desconheciam, Dom Bosco procura levá-los, através de si, a fazer uma outra descoberta mais importante ainda: a descoberta de Deus Pai, revelado em Jesus Cristo. Sem esta ligação com o Transcendente, sem esta nota da paternidade divina, unida à paternidade humana, seria impossível compreender a pedagogia de Dom Bosco.

2.3.2 A praxe de Dom Bosco

Mergulhando na experiência espiritual de Dom Bosco, encontram-se linhas claras para um acompanhamento espiritual dos jovens, tema tão urgente e crucial no mundo atual. Antes de mergulhar nesta experiência, a fim de encontrar linhas claras para um

¹⁶⁰ CERIA, E. *Dom Bosco com Deus*, p. 220.

acompanhamento espiritual, vejamos o motivo que levou Dom Bosco a trabalhar pelos jovens.

Os princípios espirituais que regulam a conduta dos sacerdotes no “Convitto” insistiam na grave responsabilidade do sacerdote no que toca ao cumprimento da sua missão de salvar almas. O zelo pelas almas era uma obrigação a que nenhum se podia furtar. Reflexo disso são as frases como “*Da mihi animas coetera tolle,*”¹⁶¹ ou de todas as coisas divinas, a mais divina é cooperar com Deus na salvação das almas. Daí a importância de os jovens sacerdotes encontrarem o modelo de apostolado que mais se adaptasse às suas inclinações e qualidades.

Dom Bosco andava então preocupado em descobrir sua identidade sacerdotal. Sua vocação era clara, mas não o modo de a exercer e os anos passados no Convitto ajudaram a clarear plenamente este ponto. Dom Bosco falava com frequência dessa vocação, dessa necessidade interior. Em 1844, confidenciou ao P. José Cafasso:¹⁶² “a minha vocação é cuidar da juventude. Neste momento parece-me estar no meio de uma multidão de jovens que me pede ajuda.”¹⁶³ Mais tarde, em 1846, respondeu ao ultimato da marquesa Barolo¹⁶⁴ com as palavras: “a minha vida está consagrada ao bem da juventude. Agradeço-lhe as ofertas que me faz, mas não posso afastar-me do caminho que a Providência traçou em mim.”¹⁶⁵

Esta vocação transformou-se na opção definitiva pelos jovens que se converteram na preocupação primeira do seu ministério. Por isso, disse: “Queridos jovens: eu vos amo com todo o meu coração, e basta-me que sejais jovens para que vos ame muito.”¹⁶⁶ E ainda: “Garanto-vos que encontrareis livros, escritos para vós por pessoas muito mais virtuosas e sábias do que eu, mas dificilmente podereis encontrar alguém que vos ame mais do que eu em Jesus Cristo e que mais deseje a vossa felicidade.”¹⁶⁷

Seu grande entusiasmo pela salvação das almas, levou-o a pensar em ir para as missões, mas o P. Cafasso, dissuadiu-o com dois argumentos que foram decisivos: não tinha saúde, nem condições para ser missionário e, sobretudo a vontade de Deus era que

¹⁶¹ Cf. CERIA, E. *Memorie Bibliografiche di Don Giovanni Bosco*, p. 365.

¹⁶² José Cafasso, conterrâneo de Dom Bosco, será seu confessor e diretor espiritual.

¹⁶³ BOSCO, J. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 131.

¹⁶⁴ Giulia Colbert ou marquesa Barolo, leiga, viúva e fundadora da Congregação das Filhas de Jesus Bom Pastor e das Irmãs de San`Ana. Grande benfeitora que se ocupou, sobretudo, das péssimas condições que passavam as mulheres prisioneiras. Fundou vários Institutos assistenciais, mantendo relacionamentos sociais com numerosos personagens ilustres. Alimentou sempre grande estima por Dom Bosco e o apoiou na promoção de suas obras.

¹⁶⁵ BOSCO, J. *Memórias no Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 158.

¹⁶⁶ BOSCO G. *Il Giovane Provveduto*, p. 7.

¹⁶⁷ LEMOYNE, G. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, p. 11.

continuasse seu trabalho entre os jovens. Segundo o P. Cafasso, a diocese de Turim não podia prescindir de um sacerdote como Dom Bosco, nem devia ser integrado em estruturas paroquiais. Sua missão com os jovens era urgente e atual.

Na raiz da sua opção pelos jovens está sua vocação pessoal: o serviço aos jovens foi uma resposta generosa ao chamado de Deus. Esta “predileção pelos jovens”¹⁶⁸ levava Dom Bosco a empenhar-se totalmente na busca do seu bem, do seu crescimento, do desenvolvimento, do bem-estar humano e da salvação eterna. Sua grande convicção foi sempre o fato de se sentir enviado por Deus, de não ter partido duma sensibilidade própria, mas de ter percebido que Deus lhe confiava os jovens e ter-se sentido chamado a ser para eles pai, irmão e amigo.¹⁶⁹ Foi assim que surgiu sua experiência educativa e o método por ele adotado: *o sistema preventivo*.

Sua predileção pelos jovens, “basta que sejais jovens, para que eu vos ame intensamente”¹⁷⁰ e, “prometi a Deus que até o meu último suspiro seria pelos meus queridos jovens,”¹⁷¹ não foi fruto de uma revelação repentina, localizada num momento e lugar precisos. O encontro com o jovem Bartolomeu Garelli do dia 8 de dezembro de 1841, na sacristia da Igreja de S. Francisco de Assis,¹⁷² foi antes o resultado duma evolução que foi amadurecendo ao longo dos anos e em circunstâncias diversas: desde as suas experiências infantis nos Becchi, o sonho dos nove anos,¹⁷³ as amizades em Chieri, o contato com os rapazes das ruas de Turim¹⁷⁴ etc. Pouco a pouco foi prevalecendo em Dom Bosco a convicção de que a missão a que Deus o tinha chamado desde sempre era o trabalho pelos jovens necessitados de instrução e marginalizados. Decidiu-se inteiramente por aquilo que entendia ser a vontade de Deus, a sua dedicação incondicional pelos jovens: “por vós estudo, por vós trabalho, por vós vivo, por vós estou disposto a dar a vida.”¹⁷⁵ Toda a sua pessoa, inteligência, coração, vontade, força física, todo o seu ser estava orientado para lhes fazer o bem, promover o seu crescimento integral, desejar a sua salvação.¹⁷⁶

¹⁶⁸ CONSTITUIÇÕES da Sociedade de São Francisco de Sales, art. 14, p. 25.

¹⁶⁹ Cf. BOSCO, J. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 9-11.

¹⁷⁰ BOSCO G. *Il Giovane Provveduto*, p. 7.

¹⁷¹ CERIA, E. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, p. 258.

¹⁷² BOSCO, J. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 114.

¹⁷³ Quando tinha nove anos de idade, João Bosco teve um sonho que o marcaria para sempre e que é considerado como uma profecia de tudo o que ele iria realizar em sua vida. (Cf. LEMOYNE, G. *Memorie Biografiche de Don Giovanni Bosco*, p. 9-11).

¹⁷⁴ *Idem*, p. 118-121.

¹⁷⁵ CONSTITUIÇÕES da Sociedade de São Francisco de Sales, art. 14, p. 25.

¹⁷⁶ Cf. RUFFINATO, P. *Educhiamo com il cuore di Don Bosco*, p. 9.

O amor por estes jovens era feito de “gestos concretos e oportunos e interessava-se por toda a sua vida.”¹⁷⁷ A maneira concreta de o conseguir foi se concretizando a partir da experiência e da leitura que ia fazendo à medida que as circunstâncias lhe exigiam. Por isso, a opção fundamental e o amor pelos jovens são o compromisso vocacional de Dom Bosco.

2.3.3 A Pastoral Juvenil Salesiana a partir do Quadro de Referência

O Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana é um documento importante para a orientação e a implementação da Pastoral Juvenil Salesiana dentro da tradição salesiana, que segue o legado de São João Bosco. Este quadro proporciona diretrizes e princípios que orientam a ação pastoral direcionada aos jovens, buscando promover uma formação integral e uma profunda vivência cristã.

O quadro de referência é uma ferramenta crucial para garantir que a pastoral juvenil salesiana seja coerente com a visão e os objetivos da missão salesiana, proporcionando uma base sólida para a implementação de programas e atividades que atendam efetivamente às necessidades dos jovens.

Desde o imediato Pós-Concílio, a Congregação Salesiana empenhou-se profundamente em ler os sinais dos tempos e responder com generosidade e criatividade pastoral às novas urgências. A Congregação também se empenhou em dar respostas à questão de sentido e à busca espiritual através da Espiritualidade Juvenil Salesiana, vivida por um vasto movimento de pessoas.

Há um profundo desejo de todos os sujeitos pastorais de responder com suas melhores forças aos questionamentos da juventude.

O Senhor indicou a Dom Bosco os jovens, especialmente os mais pobres, como primeiros e principais destinatários da sua missão. Chamados à mesma missão, tomamos consciência da sua extrema importância: os jovens vivem uma idade em que fazem opções fundamentais de vida que preparam o futuro da sociedade e da Igreja. Com Dom Bosco reafirmamos a preferência pela juventude pobre, abandonada, em perigo, que tem maior necessidade de ser amada e evangelizada, e trabalhamos especialmente nos lugares de mais grave pobreza (Const. art. 26).

João Bosco, em casa, na família e no ambiente onde vivia, falava o dialeto piemontês típico de suas terras de camponeses. Os Salesianos são filhos de um lavrador,

¹⁷⁷ Cf. RUFFINATO, P. *Educhiamo com il cuore di Don Bosco*, p. 6-9.

e isso nos confirma que o carisma salesiano tem em si uma virtude totalmente especial a sustentar a missão juvenil que nos caracteriza: a virtude da esperança.

O lavrador não se volta para trás, não mede o cansaço com os frutos que recolhe. Ele, segundo o clima do Piemonte, deve lutar com o terreno pedregoso e inculto, com a terra fria do outono ou ainda compacta no início da primavera. Não tem o horizonte do semeador, nem a alegria do ceifeiro; tem somente a esperança, a certeza do futuro que vê florindo, mesmo se naquele momento é feito de suor e esforço.

São estas as virtudes de quem quer evangelizar e educar os jovens, ou seja, não é possível permitir a perda de tempo, não se pode desviar do caminho e ficar contemplando o passado, a olhar muito para trás, mas também não se pode ver logo os frutos. É preciso esperar, olhar adiante e saber cultivar no coração a certeza de que aquilo que se está a fazer produzirá muitos frutos.

Devemos olhar os jovens como o lavrador contempla a terra que está por lavar, com a firme teimosia do agricultor, com a temeridade que caracterizou a vida de Dom Bosco quando intuiu que os seus projetos vinham de Deus; com os olhos e a mente fixos no presente como lugar de esperança, porque esse é o tempo dos jovens, porque, mesmo não parecendo, a terra em que se trabalha já é fecunda de santidade, e deve ser apenas cuidada na maneira certa.

1º) Pastoral Juvenil Salesiana: Simpatia e vontade de manter contato com os jovens

Não podemos falar da Pastoral Juvenil Salesiana, sem mencionar a pessoa de Dom Bosco. Ele é a figura central da pedagogia e da pastoral juvenil salesiana. A essência da pastoral juvenil salesiana, é uma abordagem integrada e preventiva que combina a presença afetuosa e o acompanhamento constante com a formação integral, a alegria, a participação ativa e o compromisso social. Esse método busca promover um desenvolvimento harmonioso e positivo dos jovens, preparando-os para serem indivíduos responsáveis e comprometidos com sua fé e com a sociedade.

Chegando em Turim no ano de 1841, Dom Bosco se defronta com um mundo juvenil insuspeitado e novo naquele ao qual estava habituado desde pequeno. São muito os jovens que deixaram os campos em busca de trabalho e sustento para o futuro. Dom Bosco descobre um aspecto mais perigoso, mais cruel e mais duro da sociedade do que vivera na sua cidade.

Dom Bosco se vê lançado num mundo novo, em que não faltam problemas sociais, econômicos, políticos, religiosos e crescimento do anticlericalismo. Muitos desses jovens são analfabetos, ignorantes, religiosamente não praticantes, dados ao furto e aos crimes. O único remédio era a prisão juvenil. Contudo, ele vê nos jovens encarcerados, possíveis honestos cidadãos; nos jovens em situação de rua, bons cristãos; nos “limpa-chaminés”¹⁷⁸ e nos jovens operários, futuros santos, pilares da sociedade e da Igreja do presente e do futuro.

O olhar de Dom Bosco é marcado, antes de tudo, pela simpatia. Ele se deixa tocar pela dura realidade dos jovens.¹⁷⁹ A opção a partir dos jovens, a sua ideia de projeto, não tem por base a simples pesquisa sociológica sobre os vícios da sociedade, ou só a constatação psicológica do potencial inerente à fase juvenil da vida, nem mesmo o puro filantropismo de quem é movido à ação tão somente pela insatisfação que vê nas pessoas ao seu redor.¹⁸⁰

Dom Bosco era movido pelo coração do Cristo Bom Pastor, que vendo ao seu redor um rebanho desanimado e perambulando, tomado por profunda comoção, põe-se a anunciar-lhes a Palavra e dar-lhes de comer para o sustento do corpo e do espírito, aqui e na eternidade.

A ação pastoral da Congregação Salesiana é marcada por uma profunda capacidade de *encontrar ocasiões de contato, de proximidade*, de comunhão com os jovens. Ele vai à busca dos destinatários onde eles se encontram, onde está a sua liberdade e onde, também fisicamente, estão os seus interesses (cf. Const. art. 38).¹⁸¹

A Pastoral Salesiana insere-se na luta em vista da libertação dos jovens daquilo que é a verdadeira escravidão e o verdadeiro mal, o pecado. Pecado que se manifesta de muitas maneiras: no pecado social, no pecado da Comunidade eclesial, nas estruturas de pecado da sociedade; pecado que oprime o homem e ofusca o horizonte da salvação em

¹⁷⁸ Trata-se de crianças, que viviam em condições brutais trabalhando como limpadores de chaminés, prática notavelmente difundida e socialmente aceita há muito tempo em diversas partes do mundo. As crianças suportavam longas horas, tratamentos horríveis e condições de trabalhos atroz. Alguns com apenas três anos de idade, eram muitas vezes órfãos ou vendidos pelos pais pobres, ficando à mercê dos seus senhores ou “mestres,” que os obrigavam a realizar o trabalho, por mais perigoso que fosse.

¹⁷⁹ Amadureceu durante a sua formação vocacional, um modelo de padre caracterizado pela proximidade, pela capacidade de empatia, de contato imediato, de participar do sentimento dos jovens e do povo. O modelo pastoral que Dom Bosco intui, constrói e experimenta, sob a guia de Maria, é o modelo do padre simpático, não do fanfarrão ou do amigão, mas daquele que te faz sentir logo à vontade, porque se faz sentir imediatamente amado por aquilo que és e naquilo que és.

¹⁸⁰ Cf. A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 26.

¹⁸¹ As Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales são um conjunto de normas e diretrizes que regem a vida e o funcionamento da Congregação Salesiana. São um documento fundamental para a organização e a missão dos Salesianos de Dom Bosco.

que já progride e que o espera na eternidade. A imagem do Bom Pastor que reúne suas ovelhas e as guia para pastagens seguras, inspira a pastoral salesiana a ser ao mesmo tempo evangelização e educação.

Dessa forma, a missão salesiana, segundo a intuição do seu Fundador,

(...) é coextensiva à pessoa inteira e ao mundo todo. A ânsia pastoral missionária de Dom Bosco assume o cuidado do jovem todo, em todos os seus componentes, pessoais e sociais, e de todos os jovens do mundo. Nasce daí, desse o início da Congregação Salesiana, a opção de ir ao encontro dos jovens nas situações e nos lugares em que estão para comunicar-lhes o Evangelho.¹⁸²

A finalidade última da missão salesiana na Igreja e no mundo é oferecer aos jovens, sobretudo aos mais pobres, a mesma vida de Cristo, vida de relação, de amor, de comunhão trinitária com o Pai, fim último da nossa existência e origem da nossa felicidade no tempo e na eternidade. Somente na plena comunhão com Deus, Trindade de amor, na mesma forma do Filho feito homem, os jovens podem encontrar o sentido da própria vida, ou seja, a realização de si mesmos, no cotidiano do concreto, a verdade que Deus reserva para eles: plenitude de vida e de felicidade.

Esta realização pessoal, porém, não é solitária; ela é construída desde o início da comunhão trinitária que nos caracteriza como filhos de Deus e como homens. Criado segundo o modelo do Filho, o homem é criado para a comunhão. A promoção dessa espiritualidade de comunhão é o princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão (cf. NMI, n. 43).

O amor de Deus levado por nós aos jovens desenvolve-se em suas vidas com a alegria, a ascese e a vida sacramental que combatem o pecado do individualismo, da solidão e da autossuficiência. Nossa missão é promover a comunhão no amor, uns para com os outros.

2º) A Pastoral Juvenil Salesiana exprime a missão salesiana

A missão salesiana, que dá à nossa existência o seu tom concreto, especifica a missão que temos na Igreja e determina o lugar em que ocupamos entre as famílias religiosas (cf. Const. art. 3) exprime-se no concreto da sua ação histórica, no conjunto de projeto, obras, ambientes educativos, lugares de formação e atividade de evangelização

¹⁸² Cf. A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 28.

com o nome “genérico” de Pastoral Juvenil Salesiana. Ela é a expressão primeira e típica da missão.

Ela é *pastoral*, em primeiro lugar, por ser expressão multiforme de uma comunidade eclesial, em cujo núcleo animador está presente a comunidade dos consagrados salesianos, com os leigos e seus colaboradores (cf. CG, n. 25), constituindo juntos a comunidade eclesial no território, marcada pelo carisma salesiano, quer exprimir a sua missão evangelizadora através das obras educativo-pastorais que põe em ação ao longo do tempo.

Ela é *juvenil* porque no centro da sua ação está a pessoa dos jovens, especialmente os mais pobres. Trata-se de buscar os jovens na sua realidade, com seus recursos e dificuldades, e descobrir os desafios dos contextos culturais, sociais e religiosos nos quais vivem, dialogando com eles para propor, através da pedagogia do acompanhamento, um caminho de encontro vivo e comunitário com Jesus Cristo.¹⁸³

Enfim, ela é *salesiana* porque tem no carisma de Dom Bosco, a sua referência principal, expressão da pedagogia preventiva amável, pronta ao diálogo e à confiança. A Pastoral Juvenil Salesiana entende a evangelização como a principal urgência da sua ação, ciente de que a sua tarefa fundamental é propor a todos os jovens viverem a existência humana como Jesus a viveu para que, aos poucos, se encontrem com Cristo, vivam plenamente a própria humanidade e sejam protagonistas e corresponsáveis na construção do Reino de Deus no mundo. A pastoral salesiana não é diversa da eclesial, que é justamente toda ela evangelizadora. Caracteriza-se pelo estilo de mediação educativa, mas é também uma pastoral que passa através da própria experiência educativa.

Os destinatários primeiros da nossa evangelização são os jovens, que Dom Bosco define como a parte mais preciosa e delicada de toda a humanidade e delícia do Senhor. “Nós devemos ter como finalidade primária o cuidado da juventude, e não é boa qualquer ocupação que nos distraia deste cuidado” (cf. MB, XIV, CAP. XI).

A Pastoral Juvenil Salesiana persegue isso tudo não só a favor dos jovens, mas como estilo particular: com os jovens. Dom Bosco é o primeiro santo que funda uma Congregação não só para os jovens, mas com os próprios jovens, valorizando de modo particular o seu protagonismo típico dessa idade e envolvendo-os pessoalmente na aventura do próprio amadurecimento religioso e humano. Por isso a pastoral salesiana é

¹⁸³ Cf. CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XX, n. 360.

juvenil: não só porque vê nos jovens os próprios destinatários e a própria medida, mas porque os assume como protagonistas.

Protagonismo não cego, porém. Superando as divisões geracionais e certo paternalismo pastoral, no estilo de família, ativa a responsabilidade educativa em diálogo franco e aberto, e valoriza a corresponsabilidade do sujeito na comunidade, proporcionada à sua maturidade, mas com a consciência de que quem não se tornar protagonista de si e do próprio diálogo com Deus jamais poderá envolver-se na aventura da santidade.¹⁸⁴

Enfim, por ser pastoral juvenil, ela é sempre e ao mesmo tempo evangelização e educação, ou seja, evangelização que, propondo aos jovens viver a própria vida segundo a forma com que Jesus mesmo a viveu, também é sempre formação integral da pessoa e, portanto, educação.

A Pastoral Juvenil Salesiana é, portanto,

(...) ação orgânica de uma Comunidade Educativo Pastoral que, movida por uma missão carismática, quer habilitar os jovens a crescerem até a própria maturidade, até colherem o seu apelo religioso e até comunhão na Igreja com Jesus Cristo percebido como aquele que dá plenitude à vida, sendo seu fundamento, e, ainda, até serem, graças às intervenções educativas, “cidadãos honestos e bons cristãos.”¹⁸⁵

Este modelo pastoral está atento, por definição aos sinais dos tempos, porque os jovens nunca são os mesmos e a sua idade e condição são mutáveis e variáveis por natureza. Por isso, “a pastoral salesiana não tem receio de alterar os próprios paradigmas e colocar-se na condição de conversão pastoral.”¹⁸⁶

A experiência religiosa dos jovens apresenta-se variada e com sinais de contradição; às vezes, uma experiência ao lado de outras, em que a fé não consegue ser eixo de projeção unitária da vida. “Para muitos jovens, a proposta cristã, aproximada esporadicamente ou com alguma continuidade na catequese, celebração ou através de qualquer outra iniciativa eclesial, resulta pouco significativa em relação à experiência deles, pouco eloquente, pouco capaz de questionar os problemas concretos da vida. Às vezes, a proposta supõe se não um interesse explícito pela fé, ao menos certa abertura à dimensão religiosa da vida ou uma interrogação explícita sobre o sentido da vida.”¹⁸⁷

Muitos jovens, porém, levados pelas dificuldades do cotidiano e a busca de interesses muito imediatos, encontram-se de fato em outros lugares, não só fisicamente,

¹⁸⁴ A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 33.

¹⁸⁵ *Idem*, p. 33.

¹⁸⁶ Cf. A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*. p. 34.

¹⁸⁷ *Idem*.

mas, sobretudo, mentalmente. Detecta-se, então, certa indiferença em relação à fé. Contudo, essa indiferença é demonstrada em relação à proposta de fé e não deve ser entendida como fechamento absoluto diante da fé, da presença de Deus, do bem que dá esperança e sentido à vida.

A ação pastoral dos Salesianos deve ser guiada por uma dupla fidelidade: fidelidade ao sentir dos jovens, aos seus desejos profundos, ao clima cultural vivido por eles do qual gostaríamos que fossem protagonistas e não apenas destinatários ou consumidores. A fidelidade ao sentir da Igreja, à sua missão evangelizadora, na capacidade de viver, graças à ação do Espírito Santo, a missão no presente, não só como aplicação protocolar de um passado que ficou para trás, mas como verdade sempre fecunda de história e de novidade, que incessantemente nos renova e nos conduz à união com o Esposo (cf. LG, n. 4).

É necessário habitar um terreno comum, em sintonia, e viver profundamente a assistência e a convivência com os jovens. Na carta de Roma, em 1884,¹⁸⁸ escreveu Dom Bosco: “urgência não só de presença física, mas também de proximidade espiritual, cultural, afetiva, propositiva; não paternalista, mas ciente do que é vivido pelo jovem; urgência de uma proximidade que descubra na relação educativa a novidade de Deus e o seu chamado a exprimir e viver de modo sempre novo a vocação da Igreja.”

Essa dupla fidelidade histórica, ao mundo juvenil é a missão eclesial, coloca, antes de tudo, a necessidade de multiplicar e qualificar os lugares de encontro com os jovens do nosso tempo, de descobrir, experimentar e propor novas formas de escuta, de partilha e de propostas. É essa a conversão pastoral pedida hoje e nela está a raiz da criatividade pastoral (cf. Const. art. 19) que, como salesianos cultivamos em nossas obras e em nossos projetos. Essa conversão é uma intervenção de revisão e relançamento da pastoral a partir da fidelidade ao mundo e ao Evangelho, não estática, mas inovadora e missionária.

Aqui está o coração da *Nova Evangelização*, ato de renovada acolhida pela Igreja do mandato missionário do Senhor Jesus Cristo que a quis e enviou ao mundo, para que testemunhe a salvação recebida e anuncie a face de Deus Pai, primeiro artífice da obra da salvação. Ela não é só renovação, mudança de paradigma ou renovação de projetos, mas uma verdadeira e própria conversão porque é caminho de santidade, de luta ao pecado e de conformação sem mais plena a Cristo Bom Pastor.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Escrita por Dom Bosco aos salesianos, para adverti-los sobre o risco da perda da natureza verdadeiramente “salesiana” de estar entre os jovens, educá-los e evangelizá-los.

¹⁸⁹ A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 36.

Interpelados pela urgência da *Nova Evangelização*, nós Salesianos, somos motivados a encontrar, na fidelidade renovada ao carisma, um novo estilo apostólico, um novo estímulo de contato com os jovens e, sobretudo, rever nossa ação pastoral para que seja sempre mais eficaz ao anúncio do Evangelho.

O caminho percorrido neste capítulo, mediante o estudo de alguns documentos eclesiais do Episcopado Latino-americano, da Exortação Apostólica *Christus Vivit* do Papa Francisco, do carisma salesiano herdado do seu fundador e, por fim, dos elementos que constituem a Pastoral Juvenil Salesiana, através do Quadro de Referência, permite-nos afirmar que há uma continuidade significativa entre os documentos do Episcopado Latino-americano, com o carisma salesiano e, com as orientações do Papa Francisco sobre a evangelização da juventude. Enquanto os documentos anteriores estabelecem as bases e os princípios, o Papa Francisco atualiza e expande seus princípios com um foco particular na participação dos jovens e na necessidade de uma Igreja que se engaje profundamente com a realidade do mundo.

Em relação ao Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana, percebe-se uma sintonia com as reflexões do Papa Francisco sobre a evangelização da juventude. A Pastoral Juvenil Salesiana, com sua abordagem centrada no carisma deixado por Dom Bosco, compartilha vários princípios e preocupações que estão ligados às diretrizes do Papa Francisco, especialmente no que diz respeito à evangelização dos jovens. Ambos compartilham uma visão de uma Igreja que está atenta às realidades dos jovens, que os vê como protagonistas e que oferece uma formação integral e personalizada. Essa sintonia reflete um compromisso comum com uma abordagem pastoral que é tanto acolhedora quanto desafiadora, buscando formar jovens que sejam ativos, engajados e comprometidos com a fé e com a transformação social.

3 ITINERÁRIO DA FORMAÇÃO À FÉ DOS JOVENS

Um das opções pedagógicas da Pastoral Juvenil da Igreja e da Congregação Salesiana é o processo integral de educação à fé. Ela acontece de forma processual, dinâmica e integral, sendo um itinerário que o próprio jovem deve percorrer. Não é por acaso que a palavra “itinerário” signifique passagem, trilha, espaço, trajeto, percurso.¹⁹⁰ Isso significa pensar que não há crescimento na fé sem que se faça uma trajetória. Ninguém nasce pronto; pelo contrário, a formação é algo que precisa acontecer diariamente, num desafio que cabe a cada pessoa ir superando.

O processo de educação à fé, mais do que um simples método ou técnica, possui originalidade e autenticidade que surgem do desejo do encontro e da descoberta de um Deus que se revela em Jesus Cristo, na pessoa humana e na natureza. Esse processo possibilita que o jovem vivencie o projeto de Jesus Cristo, sendo apóstolo no meio dos jovens, por meio da formação integral, com o jeito cristão de ser, na construção de uma sociedade mais justa, ética e solidária.

A formação para a construção de um caminho de fé na vida dos jovens é um processo complexo e enriquecedor que exige planejamento e uma abordagem adaptativa. A construção de um itinerário na formação à fé na vida dos jovens é essencial para garantir que o processo formativo seja eficaz e verdadeiramente significativo. Um bom itinerário pode guiar os jovens em um caminho de crescimento espiritual, desenvolvimento pessoal e engajamento ativo na vida da comunidade de fé e da sociedade.

A Igreja tem apresentado vários itinerários para ajudar os jovens na construção do próprio caminho de fé. Nesta seção, apresentamos um itinerário tendo como fundamento a praxe educativa e pastoral de Dom Bosco no trabalho com os jovens e em perspectiva latino-americana e brasileira. Contudo, antes de aprofundar o itinerário, veremos de forma breve, algumas dimensões teológico-pastorais do itinerário.

3.1. Dimensões teológico-pastorais do itinerário

Estas dimensões já foram sistematizadas, a partir das análises desenvolvidas no primeiro capítulo. De maneira sintética, retomamos alguns aspectos que julgamos serem importantes na construção do itinerário à fé dos jovens.

¹⁹⁰ Cf. DICK, H. *Caminho da educação e amadurecimento na fé*, p. 1.

3.1.1 Dimensão antropológica: integralidade e transcendência

Para melhor escutar, compreender e pensar em conjunto com os jovens, é preciso reconhecê-los em sua integralidade. Ao se reconhecer a identidade própria de cada jovem, em sua corporeidade-psiquismo-espírito, isto é, um corpo vivenciado, dotado de sensibilidade, pensamentos, sentimentos, espiritualidade, como unidade e totalidade de um ser único e irrepitível, apresenta-se ao jovem uma possibilidade maior de ele desenvolver uma forma pessoal de encontro com o sagrado, de amizade com Deus, como Sentido e Transcendência.¹⁹¹

O reconhecimento dessa identidade integral também possibilita ao jovem um horizonte mais amplo de integração e de vivência do espírito de família, de participação eclesial e social. Contudo, a participação integral requer dos adultos a inclusão das novas gerações nos espaços de decisões. Pensar a evangelização das juventudes sem a participação delas, seria um contrassenso.

O exemplo apresentado por Jesus Cristo de pensar a pessoa na sua integralidade, corpo e alma, com sua riqueza potencial participativa, aponta para uma ação integral evangelizadora e vocacional. Os relatos dos Evangelhos marcam o valor da juventude nas fontes da Igreja, em sua adesão ao chamado para o discipulado e em seu vigor no seguimento e na missão.

(...) tais relatos inspiram a pedagogia da integralidade, através da forma encontrada no testemunho do próprio Jesus Mestre, ao enxergar o jovem inteiramente, no seu ânimo de vida, no seu ser e no seu vir-a-ser.¹⁹²

Ir ao encontro de cada jovem em seus contextos, em um sentido integral, “requer a superação das aparências, o rompimento de relações verticalizadas, polarizadas e estáticas, ou seja, com concepções pré-estabelecidas e padronizadas, questionando a naturalização do adultocentrismo. O tempo de novas conexões integra inclusive, a novidade intergeracional na pertença e formação comunitária.”¹⁹³

Aspiramos melhores oportunidades em uma sociedade que seja coerente e que confie em nós. Buscamos ser escutados, participando ativamente e não somente espectadores na sociedade. Procuramos uma Igreja que nos ajude a encontrar nossa vocação, em todos os seus significados.¹⁹⁴

¹⁹¹ Cf. STEIN E. *Zum Problem der Eufühlung*, p. 13.

¹⁹² Idem.

¹⁹³ Cf. TEIXEIRA P. *Juventude e a contemporaneidade*, p. 3.

¹⁹⁴ XV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, p. 5.

Percebe-se que o caminho de renovação eclesial contemporâneo, implica em dar um salto e reconhecer cada jovem em sua vitalidade, com o sopro novo da descoberta e como mistério a ser compreendido e amado. “Essa proposição indica o papel da Igreja ao encontro dos jovens, superando a cisão nós/eles/Igreja/jovens, mas integrando os jovens na Igreja.”¹⁹⁵ É urgente romper a ideia dos jovens como problema, mas colocá-los no lugar em que se encontram: como bênção e esperança, como “o agora de Deus” (cf. CV, n. 22).

A juventude tem um jeito próprio de refletir sobre a fé e expressar Deus eternamente jovem que nele vive, de acordo com sua experiência de vida, cultura, horizonte de sentido e ambiente em que está inserido.

A vida e o rosto dos jovens são para nós lugar de revelação e de encontro com o Deus da vida. Descobrimos e experimentamos Deus nas realidades cotidianas. “Percebemos a vida e o rosto de cada jovem como o lugar onde escutamos, servimos e amamos a Deus.”¹⁹⁶

(...) considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que nos fala através dele e de suas diferentes formas de expressão. Isso supõe superar uma visão estreita da revelação, que alguns consideram como um depósito fixo, uma série de conceitos rígidos e imutáveis, incapaz de adaptar-se às mudanças da sociedade e da comunidade cristã e, menos ainda, às interpelações que nascem da realidade juvenil. Significa também não querer sacralizar o jovem nem tratá-lo de forma ingênua, ignorando as dinâmicas de pecado presentes em sua vida e na sociedade.¹⁹⁷

Deus fala à Igreja e ao mundo através dos jovens, da sua criatividade e do seu compromisso, bem como, mediante os seus sofrimentos e os seus pedidos de ajuda. Juntamente com eles, podemos ler de maneira mais profética a nossa época, reconhecendo os sinais dos tempos; por isso, os jovens são um dos “lugares teológicos” onde o Senhor nos dá a conhecer algumas das suas expectativas e os desafios para construir o futuro.¹⁹⁸

Um bom itinerário leva em conta o jovem na sua integralidade, ou seja, corporeidade, psiquismo e espírito e, conseqüentemente, na capacidade dele autotranscender-se.

¹⁹⁵ TEIXEIRA, P. *Juventude e contemporaneidade*, p. 4.

¹⁹⁶ Cf. INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Evangelizadores entre os jovens*, p. 14.

¹⁹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, p. 124.

¹⁹⁸ Cf. SÍNODO DOS JOVENS, n. 64.

3.1.2 Dimensão cristológica e o discipulado

Nas orientações da Igreja Latino-americana para a evangelização das juventudes, é clara a centralidade na experiência com Jesus Cristo. Aqui, apenas apresentamos algumas diretivas do Episcopado para a composição do nosso itinerário.

A figura de Jesus Cristo fascina e encanta muitos jovens. Sua vida, pobre, simples, feita de amizades sinceras e profundas, o amor para com os irmãos, sobretudo, os excluídos, desperta nos jovens o desejo de conhecê-lo. A vida de Jesus continua a ser, ainda hoje, profundamente atraente e inspiradora. A Igreja sabe que isto se deve pelo fato de Jesus ter uma ligação profunda com todo o ser humano.

É missão da Igreja ajudar os jovens a compreenderem melhor o chamado para seguir Jesus Cristo. Ajudá-los a rever o seu conceito de Deus e de religião. É na experiência com Jesus que se educa a fé, ou seja, ninguém pode seguir Jesus Cristo sem ter uma profunda experiência de vida com Ele. O seguimento de Jesus Cristo é um caminho a percorrer e construir. A Igreja deve ajudar o jovem a relacionar sua fé cristã com sua experiência existencial, com sua vida concreta, para assim, assumir compromissos permanentes.

Com criatividade pastoral, é fundamental apresentar e testemunhar Jesus Cristo dentro do contexto em que os jovens vivem hoje. E como resposta às suas angústias e aspirações mais profundas, “devemos apresentar Jesus de Nazaré, compartilhando a vida, as esperanças e as angústias do seu povo. Um Jesus que caminha com o jovem, como caminhava com os discípulos de Emaús, escutando, dialogando e orientando.”¹⁹⁹

Juntamente com a caminhada dos jovens, a Igreja deve ajudá-los a perceber que seguir Jesus Cristo é estar disposto a viver de um jeito novo, abraçando a sua missão, iluminando seu projeto de vida com o projeto do Reino, construindo novas relações com as pessoas, assumindo com liberdade e fidelidade os anseios humanos que se revelam na juventude.

Os modos de relacionamento dos jovens com Jesus são diversos. Muitos deles encontram, em Jesus, o Salvador e Filho de Deus. Outros encontram a proximidade com Jesus através de Maria ou, ainda, veem-no como um referencial moral e uma pessoa boa.

Alguns reconhecem Jesus como um personagem histórico de uma cultura passada. Há, casos, também, em que percebem Jesus distante da experiência humana. Ideais errôneos

¹⁹⁹ CNBB, *Evangelização da Juventude*, p. 54.

de paradigmas cristãos inatingíveis e fixação restrita aos preceitos morais da Igreja, sem compreensão deles, afastam muitos jovens de assumir o cristianismo.²⁰⁰

Jesus não fascinou as pessoas somente com a sua vida, mas chamou explicitamente à fé, quando apresentava a elas uma maneira de entender Deus e o ser humano. Encontrou no caminho homens, mulheres, jovens, que reconheceram nos seus gestos e nas suas palavras, a maneira correta de falar de Deus e de se relacionar com Ele. Os que O encontraram, foram chamados a tornar-se seus discípulos e testemunhas.

A formação do discípulo acontece na vida da comunidade, onde se experimenta o mandamento do amor recíproco, que suscita um ambiente de alegria, de amizade, de carinho, de acolhida e de respeito. “O encontro com Cristo, presente entre aqueles que se reúnem em seu nome (cf. Mt 18, 20), no amor, trará consequências e deixará marcas indeléveis na capacidade de relacionamento entre as pessoas, envolvendo os sentimentos, a inteligência, a liberdade e o compromisso com um novo modo de agir na Igreja e na sociedade.”²⁰¹

É missão da Igreja motivar o jovem para a inserção na vida da comunidade cristã, ajudando-os a compreender que não se pode seguir Jesus Cristo de forma isolada, egoísta, mas que o seguimento só se realiza plenamente quando estamos inseridos na vida da comunidade.

A Igreja, em suas diversas comunidades e formas de expressão, precisa ajudar os jovens a fazerem a experiência de comunidade, apresentando espaços para que eles coloquem seus dons a serviço do bem comum. É fundamental que as comunidades estejam abertas para acolher o jeito jovem de ser, rompendo com preconceitos e assumindo o papel de educadora e ajudando-os a fazerem a experiência prazerosa de pertencer à comunidade cristã.

3.1.3 O carisma salesiano: a centralidade do acompanhamento espiritual

No centro do itinerário à fé dos jovens, segundo o carisma salesiano, está o acompanhamento espiritual. A tradição salesiana enfatiza sobre a importância da presença amiga e próxima, que inspire confiança e ofereça a direção para que o jovem acompanhado, encontre o caminho e o propósito para sua vida.

Neste sentido,

²⁰⁰ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento final da reunião pré-sinodal*, 2018.

²⁰¹ CNBB. *Evangelização da juventude*, n. 61.

Pretende-se ajudá-la a desenvolver os seus próprio dotes e capacidades, a realizar o seu próprio projeto de vida, a ser ela própria, a ajudar o seu processo de crescimento humano e espiritual à sua própria condição e possibilidades.²⁰²

É indispensável no acompanhamento espiritual dos jovens o conhecimento da sua evolução psicológica e dos seus processos de crescimento, como também da atual condição juvenil. Juntamente como eles, “podemos ler de maneira mais profética a nossa época, reconhecendo os sinais dos tempos; por isso, os jovens são um dos lugares teológicos onde o Senhor nos dá a conhecer algumas das suas expectativas e desafios para construir o futuro.”²⁰³ É importante conhecer o jovem concreto que é acompanhado, saber o que pensa e o que deseja. Sem isso, torna-se quase impossível acompanhar a quem não se conhece. Somente assim, o jovem pode ser acompanhado também no desenvolvimento e na formação de sua consciência moral.

Quando nos aproximamos de Dom Bosco para estudá-lo na perspectiva do acompanhamento espiritual juvenil, descobrimos a dificuldade de nele distinguir atitudes, métodos e conteúdos que o qualificam como educador e acompanhante dos que o caracterizam no exercício do acompanhamento espiritual. Para melhor entender o pensamento de Dom Bosco, apresentamos algumas reflexões sobre o laço estreito que existe entre a missão educativa e a orientação juvenil, bem como, as consequências que esse laço comporta para a missão juvenil.

O traço que melhor caracteriza o acompanhamento espiritual juvenil, é o clima de amor recíproco que une o acompanhado e o acompanhante. Não há verdadeiro acompanhamento espiritual se não houver verdadeiro amor, isto é, trata-se de um amor que chega a ser verdadeiramente espiritual.

O amor de Deus está no centro do pensamento, do acompanhamento, da vida e da ação de Dom Bosco. Toda a sua espiritualidade apoia-se no coração. Porque, “o acompanhamento espiritual deve oferecer aos jovens uma experiência de Deus afetiva e efetiva.”²⁰⁴ É bom que os jovens cheguem a uma experiência de verdadeiro amor a Deus e esta experiência de amor a Deus move ao compromisso solidário. Por isso, no centro deste acompanhamento, a doçura prevalece sobre a coação, porque na base está a convicção fundamental de que tudo deve ser feito por amor e não por obrigação.

²⁰² ALBUQUERQUE, E. *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, p. 10.

²⁰³ SINODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p. 41.

²⁰⁴ Cf. ALBUQUERQUE, E. *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, p. 41.

“Procura fazer-te amar.”²⁰⁵ É a marca de Dom Bosco no espírito e no método pastoral em favor dos jovens. Esta frase tão significativa ocupa uma posição estratégica no espírito salesiano. Na famosa carta de Roma, escrita no mês de maio de 1884, Dom Bosco insiste exatamente no fato de que “não basta amar, mas que é necessário saber fazer-se amar.”²⁰⁶ Trata-se, portanto, de um fazer-se amar que é expressão de uma espiritualidade e de uma metodologia apostólica particularmente originais. O princípio “fazer-se amar mais do que fazer-se temer,” por Dom Bosco repetido várias vezes na sua pedagogia, não é senão o reflexo da sua atuação, ao “fazer-se amar mais do que fazer-se temer.”²⁰⁷

A ação educativa de Dom Bosco era fundamentalmente um carisma e não algo que se aprendesse como didática. Este carisma consistia sem dúvida num grande amor. Dom Bosco era o homem do amor. Já no seu tempo o chamavam, “um gigante do amor.”²⁰⁸ Na sua atuação, o essencial não era nem a pedagogia preventiva, nem os princípios da religião e da razão. Estes são apenas conceitos fragmentários que tinha de adotar para que os demais educadores o entendessem e, assim, tivessem algum ponto de referência. Mas o elemento fundamental da sua pedagogia era a “amorevolezza.”²⁰⁹ Foi o amor que o tornou grande, não o seu método educativo. Amou os jovens e viveu constantemente preocupado com o bem deles. O P. Álbera,²¹⁰ na direção da obra salesiana, deu o testemunho pessoal:

Sentia-me como que prisioneiro de uma força amorosa que me dava vigor ao pensamento, às palavras e às ações. Mas sinto-me incapaz de, com maior precisão, descrever o meu estado de espírito, que era também dos meus companheiros. Sentia que era amado como nunca.²¹¹

Dom Bosco amava com atitudes e não com palavras. O carisma do santo é um mistério de amor. Amava os jovens da rua e amava-os de tal modo que eles compreendiam esse amor. Dizia sempre aos seus educadores: “quem sabe que é amado, ama também, e quem é amado consegue tudo, especialmente da juventude.”²¹²

²⁰⁵ Cf. LEMOYNE, G. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, p. 524.

²⁰⁶ CERIA, E. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, p. 107-114.

²⁰⁷ BRAIDO, P. *Prevenir, não Reprimir*, p. 222.

²⁰⁸ NIGG, W. *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, p. 81.

²⁰⁹ Atmosfera de amor, delicadeza, benevolência experimentável.

²¹⁰ Segundo sucessor de Dom Bosco.

²¹¹ Cf. NIGG, W. *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, p. 81.

²¹² *Idem*.

Pela sua grande capacidade de amar, converteu-se como todos os santos num louco de amor, tão grande que pode ser considerado na história da Igreja, como um dos maiores santos do amor. A sua caridade transbordante leva-nos até a falar de um sacramento de amor ao próximo, expressão rara e insólita, mas pertinente. No santo de Turim, o amor pelos mais pobres assumiu de fato o caráter de um sacramento. Era evidente nele a força irresistível do amor: irradiava-a e dele vivia. Tudo o que Dom Bosco fazia, era marcado por este amor decidido.²¹³

Por isso, “o bom acompanhante é uma pessoa equilibrada, de escuta, de fé e de oração, a que se juntam as próprias fraquezas e fragilidades.”²¹⁴ E continua afirmando que o acompanhante “sabe ser acolhedor para com os jovens que acompanha, sem moralismos nem falsas indulgências. Quando é necessário (...), uma palavra de correção fraterna.”²¹⁵

A vida espiritual de Dom Bosco manifestou-se de acordo com a sua dedicação à missão, no campo do trabalho que, em muitas ocasiões, desde o sonho dos nove anos, a Virgem Maria lhe indicara e confirmara através dos sinais visíveis dos sonhos.²¹⁶ Por isso, para Dom Bosco, “amar é expressar o amor concretamente aos jovens de uma forma muito semelhante ao amor que Deus tem pela humanidade.”²¹⁷ Ciente da vontade de Deus, Dom Bosco tornou-se uma pessoa que mediante o trabalho, manifestou o amor de Deus na vida dos jovens.

Ele comoveu-se diante do sofrimento humano na sua época. Por isso, “decidiu colocar todas as suas energias e serviços às categorias de jovens pobres e dedicou toda a sua obra em prol da juventude pobre e abandonada.”²¹⁸ Para Dom Bosco, “não se pode fazer o bem aos outros assumindo atitudes reservadas e rígidas, esquecendo que os pobres têm necessidade, antes de mais nada, de serem pessoalmente amados.”²¹⁹ O bom coração manifestava-se não apenas na caridade, mas também nas maneiras. Sua bondade quotidiana, humilde, cordial, amável, ao mesmo tempo era paterna, materna e fraterna. “Não é a bondade que considera ser bem o inclinar-se, mas a que vive com e para aquele de quem se aproxima, da palavra, do sorriso e da tolerância.”²²⁰ Dom Bosco, “é um santo

²¹³ Cf. NIGG, W. *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, p. 81-82.

²¹⁴ SINODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p. 62.

²¹⁵ Idem, p. 63.

²¹⁶ BOSCO, J. *Memória do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 9-11.

²¹⁷ CASTRO, A. *A espiritualidade de S. João Bosco*, p. 668.

²¹⁸ AUBRY, J. *Escritos espirituais de São João Bosco*, p. 34.

²¹⁹ Idem, p. 35.

²²⁰ CAVIGLIA, A. *Don Bosco. Profilo storico*, p. 91.

de bom humor, e falar com ele enchia-nos de alegria. Era sobretudo bondade serena e alegria da bondade.”²²¹ A alegria e a serenidade eram para ele um fator de primeira ordem e uma forma da sua pedagogia.

Na sua pedagogia, Dom Bosco não utilizou formas abstratas ou teóricas, mas a pedagogia da bondade que coloca a educação num incessante processo de adaptação, de conversão humana, espiritual, pastoral, sabendo acolher todas as mudanças, mas referindo-as às razões verdadeiras e profundas do crescimento humano e do amadurecimento cristão. “O seu amor aos jovens foi mais longe e estava sempre convencido de que a educação é coisa do coração, ou melhor, que o coração deve ser educado, porque é no amor que os jovens apostam a sua vida.”²²²

A vida intensa de amor de Dom Bosco a Deus, cresceu e aprofundou-se como convicção perene do seu agir e da sua dedicação em proporcionar aos jovens o melhor possível para que, nas suas vidas, pudessem alcançar a dignidade. Para ele, “a vida em condições mínimas, mas vista como dom e como presença amorosa de Deus, passou a ser a expressão maior do amor de Deus.”²²³

Quando se fala do carisma de Dom Bosco, diz-se que ele se assentava no amor e no amor do Bom Pastor. “É necessário aprender a amar por primeiro, sendo que toda a fonte do amor verdadeiro provém do coração bondoso do Bom Pastor, Jesus Cristo.”²²⁴ Essa fonte inspira o amor que passou pelo coração de Dom Bosco, o entusiasmou e dinamizou os desejos e as grandezas do seu ser. Suscitou nele o desejo de levar o amor de Deus aos jovens, fazer o bem aos jovens e trabalhar para a salvação das almas. Dom Bosco amou os jovens com o coração inundado de amor do Bom Pastor.

Dom Bosco não é somente um educador no sentido estrito e formal. Sua atividade propriamente educativa, insere-se num conjunto mais amplo de interesses pela juventude e pelas classes populares em todos os níveis. Concretamente, deve ser identificada no contexto de uma tríplice preocupação, com ela entrelaçada, mas fortemente distinta:

A atividade assistencial e benéfica voltada para as necessidades elementares do alimento, da roupa, da moradia e do trabalho; o cuidado pastoral pela salvação da alma, do viver e morrer na graça, com as intervenções específicas que este exige; a animação espiritual das comunidades educativas e religiosas por ele fundadas, para dar suporte às várias obras em favor dos jovens.²²⁵

²²¹ AUBRY, J. *Escritos espirituais de São João Bosco*, p. 35.

²²² Cf. NIGG, W. *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, p. 73.

²²³ CASTRO, A. *A espiritualidade de São João Bosco*, p. 671.

²²⁴ *Idem*, p. 682.

²²⁵ BRAIDO, P. *Prevenir, não Reprimir*, p. 119.

Neste sentido, é possível distinguirem-se os diversos tipos de acompanhamento, porque, para os jovens, “uma coisa é o acompanhamento do tipo do aconselhamento, para iniciar a educação à fé; outra, diferente, é um acompanhamento para ajudar a uma vida de fé mais adulta.”²²⁶

É a força carismática de Dom Bosco que leva os jovens ao seu amadurecimento na fé.

Chega a parecer incrível o afeto que os jovens lhes dedicavam. Sentiam-se compreendidos e adivinhavam que naquele coração de pai havia amor verdadeiro, sincero. Aproximavam-se dele com a maior simplicidade e confiança, e, sem saberem como nem porque, amavam-no entranhadamente.²²⁷

3.1.4 Dimensão comunitária e a cultura do encontro

Na vida dos jovens, a dimensão comunitária é de suma importância. A Igreja reconhece a importância de proporcionar ambientes de comunhão, acolhimento e participação para o seu crescimento espiritual, emocional e social. Num mundo onde muitos jovens enfrentam o isolamento e a falta de sentido, a Igreja procura oferecer uma experiência de comunidade que seja um verdadeiro espaço de encontro com Deus e com os outros.

Em uma das meditações matutinas, realizadas na Casa Santa Marta, o Papa Francisco fez um convite aos cristãos, o de trabalhar por uma cultura do encontro, pois o caminho da vida, muitas vezes, se vê, mas não se olha, se ouve, mas não se escuta, se cruza com as outras pessoas e, até mesmo, se fala com os outros, mas não acontece o encontro. Nas palavras do Papa se diz, muitas vezes: “que pena, pobrezinho!”, mas não acontece uma aproximação. No texto do evangelho meditado pelo Papa (Lc, 7,11-17), Jesus ao passar pela viúva de Naim, “sentiu compaixão” e, a partir daquele momento, aconteceu o encontro que transformou a vida daquela mulher. “Cada encontro é fecundo. Cada encontro restitui as pessoas e as coisas ao seu lugar.”²²⁸

O pensamento do filósofo espanhol, Alfonso López Quintás, ajuda-nos a compreender com maior profundidade a realidade do encontro.

Para o autor,

²²⁶ ALBUQUERQUE, E. *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, p. 19.

²²⁷ ALVES, J. *Vida de São João Bosco, sonho e realidade*, p. 118.

²²⁸ Cf. FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro: Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Casa de Santa Marta*, 2016.

em cada tempo, é necessário refazer a pergunta sobre o sentido da vida, sobre como alcançar uma vida em plenitude. Para tal, é preciso descobrir, ou redescobrir, a cada momento, o ideal de vida, isto é, a que somos chamados neste mundo que, tirando a especificidade de como isso se realiza, é a comunhão de vida, que se dá através do encontro e da busca da unidade.²²⁹

3.1.4.1 Comunidade e processos intergeracionais

A formação das novas gerações faz parte do processo de dinamização da ação evangelizadora da Igreja.²³⁰ Conhecer os jovens em suas realidades é condição de acolhida e promoção da vida. A mudança de época faz movimentar o cenário cultural, tecnológico, histórico e social. Altera, também, as novas expressões da vivência do sagrado, desafiando a Igreja e a própria sociedade, ao diálogo com os novos códigos e comportamentos juvenis.²³¹

Segundo o Papa Francisco, é preciso alcançar cada jovem na realidade existencial em que se encontra: o coração de cada jovem deve ser considerado uma “Terra Santa” (cf. CV, n. 67). A juventude, afirma o Pontífice, é marcada por sonhos e relações que os leva a pensar gradualmente em um projeto de vida, lançando-se para frente, mas sem cortar as raízes, construindo a autonomia, mas não sozinhos. (cf. CV, n. 137).

Para Francisco,

Deus é o autor da juventude e age em cada jovem. A juventude é um tempo abençoado para o jovem e uma bênção para a Igreja e o mundo. É uma alegria, uma canção de esperança e uma beatitude. Apreciar a juventude significa considerar este período da vida como um processo precioso, e não como uma fase de passagem onde os jovens se sentem empurrados para a idade adulta (CV, n. 135).

É preciso construir uma ponte de diálogo, um vínculo de valorização e investimento na juventude, oportunizando o encontro com o sentido mais profundo de vida e de amizade com Deus. Por isso, acompanhar os jovens é auxiliá-los em referência à fé e aos paradigmas vivenciais.

A necessidade de acompanhar é ressaltada por Francisco:

Os próprios jovens nos descrevem quais são as características que esperam encontrar em quem os acompanha e os expressaram claramente: ‘As qualidades do acompanhador incluem: ser um autêntico cristão comprometido

²²⁹ QUINTÁS, A., L. *A inteligência criativa*, p. 178-179.

²³⁰ Cf. CNBB. *Evangelização da Juventude*, 2012.

²³¹ Idem, p. 16-18.

com a Igreja e como o mundo; que busque constantemente a santidade; que compreenda sem julgar; que escute ativamente as necessidades dos jovens e responda com gentileza; que seja bondoso e consciente de si mesmo; que reconheça seus limites e conheça a alegria e o sofrimento que todo caminho espiritual implica' (CV, n. 246).

O verdadeiro acompanhamento consiste em dedicar tempo, respeitar o tempo do outro, fazer o processo lado a lado, estar ou ficar junto, constantemente conviver ou compartilhar situações e experiências. É assumir o compromisso de fazer caminho ao lado do acompanhado, respeitá-lo, conhecer sua história, sua família, seus desejos, o contexto em que vive. Requer dedicação, empenho, comprometimento e oração.

O acompanhamento, sobretudo, dos jovens, requer do acompanhador uma profunda experiência de Deus e o cultivo da própria espiritualidade, buscando formação adequada para auxiliar a pessoa que pretende acompanhar e ouvindo atentamente os apelos que Deus lhe faz.

Para o Papa Francisco, “quando cabe ajudar o outro a discernir o caminho da sua vida, a primeira coisa a fazer é escutar” (cf. CV, n. 291). Portanto, escutar, é ouvir com atenção, interpretando e assimilando, estar consciente e atento ao que está ouvindo. Escutar é compreender e processar a informação que está sendo recebida. “Pela escuta da juventude aprendemos algo da eterna jovialidade de Deus e nos abrimos àqueles que podem melhor ajudar a que nossas vidas e instituições não envelheçam, ao contrário, se renovem” (cf. CV, n. 13).

3.1.4.2 Protagonismo jovem na comunidade e na sociedade

Em meados de 1980 a palavra protagonismo ganhou, aos poucos, destaques em discussões sobre as ações juvenis. Nesse aspecto, vale salientar, que o protagonismo juvenil ainda atualmente é bastante debatido e, inclusive, defendido por muitos que fazem parte do movimento popular, de instituições educacionais, governos etc. Na visão de muitos, protagonismo seria essa iniciativa tida pelo jovem que, por sua vez, demonstra poder em mobilizar os demais para realizar determinada atividade, ou seja, a partir de um jovem protagonista temos a possibilidade de organização e mobilização em busca de algo, inclusive, pela melhor educação.

O conceito de protagonismo concorda com a origem cênica: ator principal, aquele que tem o papel mais importante na peça, com o qual os demais contracenam numa situação de subordinação, ou como uma diretividade apontada por ele. Nesse caso, o protagonismo é o desempenho dirigido por

esse papel fundamental que explica o sentido da peça. Não há como compreender a peça sem a função central desse ator.²³²

Organizar os jovens e contribuir para a melhoria e qualidade de vida requer conhecimento. Contudo, faz-se necessário registrar que o espírito protagonista precisa penetrar em todos os envolvidos que buscam ascender criticamente obtendo clareza no que está fazendo, porque está fazendo e para que está fazendo. Em outras palavras, a luta não é de uma pessoa, mas sim, de um grupo de pessoas.

Para Iulianelli,

(...) protagonismo juvenil a que estamos nos referindo não é em hipótese alguma dessa natureza. Ele tem uma prioridade. Primeiramente trata-se de ações juvenis coletivas e participantes e o envolvimento da coletividade com a ação. Esse modelo de ação, por conseguinte, não supõe um mecanismo de geração de lideranças individuais, indivíduos líderes (elites), mas a geração de participação e cooperação social. Propriamente, protagonismo é um modelo pedagógico-político e ação. É uma ação educativa que relaciona jovens e educadores ou somente jovens na construção de um processo de intervenção sociocultural.²³³

De acordo com Antônio Carlos Gomes:

Protagonismo juvenil é a participação da juventude em atividades que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, por meio de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário.²³⁴

Segundo o autor, o protagonismo juvenil reúne várias facetas que os jovens podem desenvolver em seu cotidiano, treinando habilidades e conquistas por meio de sua voz ativa, em decisões que podem colaborar para o desenvolvimento da sociedade. “O protagonismo juvenil, deve priorizar a intervenção comunitária, procurando a ação concreta dos jovens, contribuir para uma sociedade mais justa, a partir da incorporação de valores democráticos e participativos por parte dos jovens e da vivência do diálogo, da negociação e da convivência com as diferenças sociais. Assim, o protagonismo juvenil pressupõe sempre um compromisso com a democracia.”²³⁵

O protagonismo juvenil, afirma Abramovay, “é um elemento de uma prática educacional, voltada para a cidadania, onde o jovem exerce uma posição de centralidade no desenvolvimento de atividades. E isso colabora para propiciar horizontes positivos e

²³² IULIANELLI, J. *Jovens em Tempo*, p. 71.

²³³ Idem.

²³⁴ COSTA, A. *Protagonismo juvenil*, p. 90.

²³⁵ Cf. COSTA, A. *Protagonismo Juvenil*, p. 90-91.

projetos de vida, a ao mesmo tempo, viabilizam reconstrução de valores éticos, como os de solidariedade social.”²³⁶

A juventude é considerada por muitos que estudam este segmento como uma fase de vida bastante delicada, visto que é o momento do pleno desenvolvimento do ser humano que, aos poucos, deve se abrir para o mundo e ocupar de forma responsável o seu espaço na sociedade.²³⁷

Em um país onde faltam oportunidades adequadas para que os jovens possam garantir o desenvolvimento pessoal e coletivo, conseqüentemente, o futuro desse jovem, frente a essa situação de vulnerabilidade e o futuro do desenvolvimento do país, estarão automaticamente ameaçados.

3.2. Itinerário à evangelização dos jovens na perspectiva de Dom Bosco

Este itinerário, é um caminho que integra educação, espiritualidade e compromisso cristão, sempre centrado no amor, na proximidade e no desejo de fazer o bem. A metodologia salesiana, propõe uma abordagem que não transmite apenas conteúdos de fé, mas envolve a vida do jovem, oferecendo um ambiente de acolhimento, confiança e alegria. Na evangelização dos jovens, segundo a tradição salesiana, o acompanhamento espiritual é fundamental. Educadores e salesianos são chamados a ser guias espirituais que acompanham cada jovem em seu caminho de fé, ajudando-os a descobrir a própria vocação.

Evangelizar para Dom Bosco, é acompanhar com amor, transmitir a beleza da fé de maneira envolvente e oferecer aos jovens, ferramentas para que vivam como discípulos de Jesus Cristo, com um coração cheio de esperança e com o desejo de transformar a sociedade. Esse caminho, marcado pelo acolhimento, pela alegria e pelo testemunho de família, continua a ser um modelo vibrante e eficaz para a evangelização da juventude.

Na sequência, aprofundaremos o significado do acompanhamento espiritual na perspectiva salesiana, através de dois pontos: o acompanhamento em diversos níveis e o acompanhamento pessoal.

²³⁶ ABRAMOVAY, M. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina*, 2002.

²³⁷ Cf. COSTA, A. *Protagonismo juvenil*, p. 21.

3.2.1 O acompanhamento em diversos níveis

Pensar nos jovens e falar com eles estimula-nos a compreendê-los melhor. A aproximação otimista e séria da realidade juvenil deve passar através da redescoberta das enormes potencialidades do acompanhamento.²³⁸

Ao longo do tempo, a Pastoral Juvenil Salesiana realizou de várias maneiras o acompanhamento dos jovens. Embora essas modalidades tenham mudado segundo as diversas sensibilidades e épocas, é possível agrupá-las em três âmbitos: *acompanhamento através do ambiente, acompanhamento através dos grupos e acompanhamento pessoal*.²³⁹

Estas diversas modalidades constituem uma mediação formativa e coexistem em todas as nossas obras apostólicas. Sem qualquer dúvida, e além das formas, reafirma-se em todas elas a presença próxima e empenhada entre os adolescentes e jovens. Estas três experiências formativas são como três círculos entrelaçados que ocupam parte do mesmo espaço. A ordem em que se manifesta nem sempre é a mesma, e depende em grande parte do contexto e das circunstâncias. Uma experiência pode ocupar mais o espaço do que outras, durante uma fase concreta da vida, mas para que seja realmente frutuosa toda experiência deve ser objeto de diálogo com as outras áreas.²⁴⁰

Nos três âmbitos da praxe salesiana, vive-se inicialmente o *acompanhamento informal* através de encontros ocasionais, gratuitos. São diálogos que acontecem sem serem programados, nas quais ninguém espera vencer ou perder. São os momentos especiais de “assistência salesiana.” O acompanhamento acontece no interior de algumas relações de reciprocidade instauradas num lapso de tempo breve e se dão durante a vida cotidiana.

Outra forma de acompanhamento está relacionada a *problemas pessoais ocasionais* que se referem a temas como, maturidade humana, crise pontual nos estudos, relações familiares, amizades, dificuldades na experiência de fé etc.

O terceiro nível, refere-se ao *acompanhamento de experiências profundas*, normalmente vivido em situações muito especiais. Às vezes experiências como a doença, as feridas sofridas ou a dor, se não são enfrentadas (acompanhadas), não têm cura. “Acompanhar algumas circunstâncias pessoais faz com que brotem em nossa relação palavras e gestos capazes de restaurar e dar força e coragem para ir adiante.”²⁴¹

²³⁸ Cf. ATTARD, F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 340.

²³⁹ DICASTÉRIO DA PASTORAL JUVENIL, p. 114-117.

²⁴⁰ ATTARD, F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 340.

²⁴¹ Cf. ATTARD, F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 341.

Outro nível é *acompanhar contextos e grupos*, por exemplo, as famílias, casais jovens, grupos de formação etc. O acompanhamento pastoral desenvolve-se num ambiente comunitário, onde as pessoas mantêm relações de proximidade.

Por fim, o *acompanhamento que tem presente a complexidade de toda a pessoa*, que, vai, portanto, além dos problemas e das situações contingentes, com temas referentes às questões existências dos jovens: a história pessoal com seus traumas e feridas, o desenvolvimento moral e espiritual, o amadurecimento e a transformação espiritual, a afetividade e sexualidade, as relações interpessoais, o empenho no próprio trabalho e na vocação, a busca de Deus etc.

3.2.2 Acompanhamento pessoal

Todas essas experiências são acompanhamentos formativos. Entretanto, o *acompanhamento espiritual pessoal*, no interior deste último nível, exige um método, um itinerário pedagógico-espiritual que tenha Jesus, em última instância, como referência, como modo de ver e interpretar a realidade. O acompanhamento espiritual pessoal tem um lugar privilegiado na Pastoral Juvenil Salesiana. Nenhuma experiência, curso ou grupo pode ocupar o lugar deste encontro pessoa à pessoa. Trata-se de um espaço único em que é possível evidenciar e seguir o que o Espírito realiza no jovem,²⁴² e acompanhá-lo na leitura da sua vida pessoal como história de salvação, que vai se compondo aos poucos.²⁴³

Tendo por base as considerações anteriores, o acompanhamento espiritual pessoal é “a arte das artes”²⁴⁴ é a “ciência das ciências, guia do homem, o ser mais original.”²⁴⁵ Ele leva o jovem a uma experiência *que conserva e integra tudo o que ele é*: história pessoal, qualidades, defeitos, projetos, limites, sonhos, temores e buscas. Tudo é influenciado e empenhando nesse processo, “porque é a pessoa por inteiro a ser chamada por Deus e é a pessoa por inteiro a escolher a sequela de Jesus. O processo de acompanhamento procura ajudar, desde a profundidade da pessoa, a reconhecer, acolher

²⁴² Cf, GATTI, G. *La legge dello Spirito che dà la vita*, p. 127-140.

²⁴³ BARRY, W.; CONNOLLY, W. *Pratica della direzione spirituale*, p. 30.

²⁴⁴ S. GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*, 2010.

²⁴⁵ GREGÓRIO NAZIANZENO *apud* MARCUENDE, Miguel Ángel García. *Acompanhamento Espiritual: itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens* .

e responder adequadamente ao ritmo de Deus, de maneira que a experiência seja saneadora e integradora.”²⁴⁶

As rápidas mudanças culturais, o pluralismo de valores, as inúmeras ofertas, muitas vezes contrastam com a proposta do Reino. Hoje, a praxe pastoral tem mais consciência da autonomia pessoal nas opções e na grande diversidade de situações em que se insere a vida cristã.

(...) devemos entender também que, para muitos jovens, nas condições em que vivem a fé, embora ainda fragmentada e pouco coerente, representa muitas vezes o máximo possível da adesão.²⁴⁷

Se a finalidade da evangelização é suscitar o relacionamento do jovem com o Senhor mediante o diálogo pessoal, profundo e decisivo, a dimensão vocacional deve ser parte integrante do acompanhamento na Pastoral Salesiana. “Nossa missão como agentes de pastoral é servir a pessoa no lugar onde ela se faz encontrar por Deus, o Deus que conhece cada um pelo nome, agindo sobre cada um de nós de maneira inédita e singular. Hoje, mais do que nunca, é necessário redescobrir a experiência do acompanhamento pessoal espiritual na Pastoral Juvenil Salesiana nestas duas chaves: personalização e discernimento.”²⁴⁸

Convivemos na realidade pastoral, com todos os tipos de jovens, provenientes de contextos diversos e com diferentes abordagens culturais que também orientam a forma e o estilo de viver a dimensão religiosa. Como guias, somos chamados a formar a identidade pessoal das novas gerações, assumindo ao mesmo tempo o desejo de Deus que invocam e o mundo que lhes pertence. Precisamos passar do *modelo de identificação ao modelo de experimentação*.²⁴⁹

A formação das novas gerações não pode ser um processo linear, uniformizado. Requer atenção pastoral diferenciada. O melhor educador salesiano é aquele que acompanha os jovens na leitura da própria vida, desde o ponto de vista de Deus, e é o melhor investimento que podemos fazer na pastoral.²⁵⁰ Isso requer mudanças necessárias, não só no agente evangelizador, mas também no ambiente salesiano.

Embora, na tradição salesiana, o grupo e o ambiente já deem certo nível de apoio, os jovens precisam de espaços pessoais de abordagem. No interior de uma atmosfera

²⁴⁶ Cf. ATTARD, F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 342.

²⁴⁷ RAMBLA, J. *No anticiparse al Espiritu*, p. 4-5.

²⁴⁸ Cf. ATTARD, F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 345.

²⁴⁹ Idem, p. 348.

²⁵⁰ Idem, p. 349.

relacional aberta, as pessoas conseguem se mostrar sinceras com mais facilidade, à vontade para falar da própria vida.²⁵¹ Se não oferecermos este ambiente personalizado, o crescimento pessoal do universo pessoal será deixado à mercê de outros quadros de influência em que vivemos imersos: as redes sociais, o grupo dos semelhantes ou a rua.

Os jovens precisam “ver” por perto pessoas alegres, dignas de admiração, que suscitem interesse, não só ideais abstratos e distantes, mas referências vitais. “Eles conhecem muito bem o mundo desordenado dos adultos. Como um radar, eles captam as nossas incoerências.”²⁵² Contudo, são mais compreensivos do que imaginamos. Às vezes as situações vividas pelos jovens nos superam, interrogam e obrigam a ver as coisas de modo novo. Somos chamados a viver com eles as virtudes teológicas.²⁵³ antes de tudo, amá-los, oferecendo-lhes a nossa confiança e esperando neles, compartilhando com eles a fé. O acompanhamento passa sempre através de pessoas que, com alegria, dão testemunho da própria fé. Jamais passa através das estruturas. A tarefa de acompanhar através da própria vida é bela e fecunda, ou, com outras palavras, ser “pessoas-sinais” do Reino.²⁵⁴

O acompanhamento pessoal da vida cristã dos jovens comporta um esforço significativo, precisa de adultos maduros e crentes. Podemos acompanhar lendo e fazendo cursos, mas jamais seremos tão instruídos quanto a partir da experiência: “o caminho espiritual é um caminho vivo que não podemos preencher com livros.”²⁵⁵

O acompanhamento é um ato permanente de fé no Espírito Santo que age no coração dos dois: do acompanhante e do acompanhado.²⁵⁶ “Quem acompanha a vida de fé só com técnicas de apoio emotivo, sem oração, permanece apenas no âmbito da competência psicológica, relacional e comunicativa. Entretanto, para acompanhar, exige-se mais do que nunca uma vida interior profunda.”²⁵⁷

Como vimos anteriormente, o Espírito é o princípio da vida e guia único de todo cristão. É ele quem indica o caminho, quem orienta e dá força. Ninguém pode substituí-lo. Somos testemunhas da história de salvação através de uma história pessoal. Por isso:

(...) precisamos cultivar em nossa ação pastoral uma predisposição permanente à prudência e à paciência, com oportunos silêncios, para não cair em três

²⁵¹ Cf. BOSCO, G. *Compagni di Viaggio*, p. 31.

²⁵² Cf. SERRANO, G. *Nos sobran los motivos*, 2011.

²⁵³ Cf. PETITCLERC, J. *Cómo hablar de Dios a los jóvenes*, 2005.

²⁵⁴ Cf. ATTARD F.; MARCUENTE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 350.

²⁵⁵ DOMÍNGUEZ, G. *El libro del discípulo*, p. 14.

²⁵⁶ Cf. ATTARD F.; MARCUENTE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 352.

²⁵⁷ Cf. BAIZÁN, D. *El acompañamiento espiritual de los jóvenes*, 1999.

tentações: o rigorismo desanimador, a autocomplacência imatura ou, ainda, o paternalismo acentuado que, na relação com o outro, anseia a reprodução do seu projeto pessoal. Acompanhar não significa ser ‘dono’, mas colaborar no interior de um mistério, o mistério da vida da pessoa acompanhada.²⁵⁸

Os jovens provêm de situações muito distintas de vida e de fé, com motivações diferentes. Não basta oferecer processos formativos adequados a cada idade, é preciso oferecer *processos diferenciados personalizados*, itinerários concretos e adequados,²⁵⁹ projetos pastorais coerentes, inteligentes e audaciosos para diferenciar a atenção pessoal, para buscar novos itinerários formativos. Portanto, o acompanhamento pessoal salesiano não deve ser isolado de todo o quadro de experiências que configuram a *Espiritualidade Juvenil Salesiana*,²⁶⁰ um caminho que leva os jovens à plenitude da vida, ou seja, a amadurecer um estilo de existência que reproduza o de Jesus, como foi vivido por Dom Bosco.

No diálogo pastoral do acompanhamento, precisamos trabalhar para suscitar nos jovens, experiências que configurem personalidades cristãs, por exemplo: iniciativas, atividades, encontros e processos que toquem a experiência interior, que suscitem questionamentos profundos. Nossa proposta como acompanhantes deve ser lúcida, exigente, inteligente e atraente, sem abandonar os nossos objetivos, de modo que possa penetrar em profundidade no coração dos jovens. É indispensável estar cientes e evidenciar o valor fundamental das experiências cristãs de interioridade, experiências libertadoras pessoais que os ajudem a tirar água do próprio poço.²⁶¹ Somos, para os jovens, “presenças que, sem violentar a sua solidão, preenchem-na e, sem distraí-los de si mesmos, oferecer-lhes a ocasião de escutar o chamado do próprio ser.”²⁶² Para essa tarefa, três itinerários são importantes: a) *a contemplação da beleza e a capacidade de admirar*: saber apreciar a beleza das coisas, do dia a dia, interessar-se pelos aspectos da vida, interessar-se por aquilo que acontece no mundo. Esta perspectiva gera, ao mesmo tempo, um sentimento de gratidão. b) *criar espaços de silêncio, de interioridade, de pausa*: muitos jovens, buscam no silêncio, espaços para amadurecer, para equilibrar suas vidas, através do encontro com o “Eu” mais profundo, com a verdade do outro, com o mistério de Deus. c) *privilegiar a entrevista pessoal*: como opção educativa, tão necessária para personalizar processos, curar feridas, ajudar os jovens a ouvirem a voz do

²⁵⁸ ATTARD F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 356.

²⁵⁹ DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL, p. 99.

²⁶⁰ Idem, p. 100.

²⁶¹ Cf. ATTARD F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*, p. 357.

²⁶² LÉGAUT, M. *El hombre em busca de su humanidad*, p. 292.

Espírito, a repensarem a própria vida e as próprias opções. O crescimento na fé de cada jovem em todos os nossos ambientes é uma tarefa que requer a presença e a ação de pessoas competentes e com sabedoria de espírito.

Os jovens precisam urgentemente de guias que os ajudem a interiorizar os acontecimentos envolventes, as situações afetivas que os atingem, perturbam, o sofrimento e a experiência da morte, a dor das perguntas e a necessidade de respostas, também de consolação, a oração ‘em que nada se sente’; os desejos e as decepções do próprio coração, as falências próprias e alheias etc.²⁶³

A vida de fé dos nossos jovens também se desenvolve, modifica, integra, reforça ou enfraquece no contexto geral de sua vida. A natureza da vocação cristã, a novidade do caminho e os perigos existentes, necessitam de um guia. Por isso, é muito difícil crescer na fé sem um diálogo direto e regular, e isso só acontece se tiver um acompanhante.

3.2.3 Qualidades do acompanhante

Embora este ponto não faça parte diretamente do itinerário, ele é essencial para que o processo de formação à fé dos jovens aconteça. O Acompanhamento é uma das práticas mais importantes na espiritualidade salesiana, e São João Bosco sempre enfatizou a necessidade de uma presença próxima, amorosa e encorajadora junto aos jovens. O papel de um bom acompanhante é verdadeiramente indispensável na Pastoral Juvenil. Ele é um guia e amigo que caminha ao lado dos jovens, ajudando-os a descobrir e a abraçar sua vocação cristã com alegria e coragem.

Falando para os jovens na Jornada Mundial da Juventude em Colônia, o Papa Bento XVI disse: “Hoje as ovelhas sem pastores são os jovens! Sejam vocês os pastores destas ovelhas.” A principal dificuldade na evangelização dos jovens é a falta de adultos que os acompanhem, pois o jovem, embora sendo o protagonista do seu próprio processo de crescimento humano e cristão, não caminha sozinho, necessita de acompanhantes maduros que possam ajudá-los a definir o seu projeto de vida, segundo projeto de Jesus Cristo. A partir da experiência vivenciada por Dom Bosco, apresentamos algumas qualidades indispensáveis do acompanhante junto com os jovens.

Dom Bosco, no seu método de acompanhamento espiritual, procura descobrir e valorizar o que os jovens esperam, para promover a sua maturação humana e cristã, evitando o risco do nivelamento e “procura levar em conta as suas exigências específicas

²⁶³ URBIETA, J. *Exigencia y ternura*, 2009.

e a sua pertença ao mundo do estudo ou da fábrica, ao mundo dos campos ou do trabalho.”²⁶⁴ Dom Bosco surpreende-nos com sua simplicidade, sua maneira de atuar e suas práticas são intuitivas e envolventes, enraizadas na fé dos jovens.

Diante do contexto juvenil em que vivemos, a Congregação Salesiana, sente-se chamada a dar novas respostas para responder aos desafios atuais. Dentre eles, identifica-se: *o afastamento, a irrelevância da fé na vida e na cultura e o desafio da vida*. São desafios que se apresentam, “por um lado, como força de provocação para a nossa vocação de educadores e acompanhadores e, por outro lado, como oportunidades reais carregadas de potencialidades.”²⁶⁵ Estes desafios exprimem de forma concreta que a fé é chamada a iluminar e a significar a dupla vertente da pessoa e da sociedade: a identidade pessoal e a solidariedade universal entre os homens.²⁶⁶

A relação com o mundo dos jovens, embora “continue problemática, hoje está carregada de menos tensão e agressividade, substituída por várias formas de apatia e mal-estar. “Estar juntos é hoje, para os jovens, um fato cada vez mais generalizado.”²⁶⁷ A troca de experiências de processos formativos favorece a complementariedade, reciprocamente enriquecedora. Afirma o Papa Francisco: “Proponho aos jovens irem além dos grupos de amigos e construam a amizade social, procurarem o bem comum.” (CV, n. 169).

Na situação juvenil, merece uma atenção especial a relação que os jovens estabelecem com as instituições, hoje designadas agências educativas. “Os jovens são chamados continuamente a realizar opções que norteiam sua existência; exprimem o desejo de serem ouvidos, reconhecidos, acompanhados.”²⁶⁸ Os jovens se sentem simultaneamente dentro e fora das instituições educativas e, “muito sentem que a sua voz não é interessante e útil no âmbito social e eclesial.”²⁶⁹ Estão dentro destas instituições, já que, ao contrário do que possa parecer, a relação é consciente, isto é, os jovens procuram servir-se da proximidade da instituição para o próprio crescimento pessoal.

Os jovens aqui identificados, formam a categoria mais numerosa, embora as causas e as manifestações do afastamento sejam diversas. Alguns encontram-se afastados da Igreja porque, tendo vivido em famílias com pouca vivência religiosa, aos poucos, pela influência do ambiente, foram perdendo a fé, sem a terem rejeitado conscientemente. “O

²⁶⁴ XXI CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS. *Documentos capitulares*, p. 25.

²⁶⁵ *Idem*, p. 53.

²⁶⁶ *Idem*, p. 53-54.

²⁶⁷ *Idem*, p. 43.

²⁶⁸ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, n. 7,8.

²⁶⁹ *Idem*.

que tem tudo isto a ver com a difícil relação entre os jovens e a fé? As novas gerações de pais estão amplamente envolvidas pelo espírito da cultura pós-moderna e, por consequência, tornaram-se estranhos ao cristianismo,²⁷⁰ ou seja, “possivelmente mantiveram uma ligação afetiva com os ritos eclesiais, mas privados de qualquer consistência de fé.”²⁷¹ Trata-se de um afastamento silencioso. Mas, “há outros que estão afastados pelo simples fato de virem de famílias e de contextos culturais onde o sentido da vida, os critérios, a identificação se processam à margem dos valores religiosos.”²⁷²

Há também, aqueles jovens que, sem as condições essenciais para viver, mergulhados na pobreza e na marginalização, nem sequer sabem que existem valores cristãos e religiosos. Trata-se de “uma geração que não se coloca contra Deus ou contra a Igreja, mas uma geração que está a aprender a viver sem Deus e sem a Igreja.”²⁷³

Há também jovens que se dizem afastados de Deus e abandonaram as práticas religiosas e as instituições eclesiais. Mesmo assim,

(...) há muitos outros dispostos a comprometer-se em iniciativas de voluntariado, de cidadania ativa e de solidariedade social, que devem ser acompanhados e animados para que brotem os talentos, as competências e a criatividade dos jovens e para os incentivar a que assumam responsabilidades. (CV, n. 170).

O desafio do afastamento dos jovens da fé, é o dado mais universal que resulta das análises feitas. Vamos encontrá-los até naqueles que percorreram as primeiras etapas da iniciação, isto é, o caminho cristão. Muitos jovens, podendo escolher livremente, fecham a própria vida numa visão secularista que os atrai mais, nada vislumbram além, do presente e perdem o sentido do próprio destino.”²⁷⁴

O afastamento dos jovens, torna-se um grande desafio para a Igreja e para aqueles que os acompanham. Contudo, os acompanhadores e educadores são chamados a ser sinal de esperança para eles, dedicando-se “a fundo na transmissão dos valores, apesar das dificuldades do contexto cultural.”²⁷⁵

Outro desafio, *a irrelevância da fé na vida e na cultura*. No mundo do bem-estar, “o valor religioso foi colocado à margem dos elementos que compõem a nova sociedade

²⁷⁰ MATTEO, A. *A primeira geração incrédula*, p. 9-10.

²⁷¹ Idem, p. 10.

²⁷² CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXII. *Educar os jovens para a fé*, p. 49.

²⁷³ MATTEO, A. *A primeira geração incrédula*, p. 8-9.

²⁷⁴ Idem, p. 7.

²⁷⁵ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p. 23.

e dos aspectos que são tidos como essenciais na vida social.”²⁷⁶ Para os jovens, especialmente para aqueles que vivem neste clima, a pergunta sobre Deus não é relevante. A linguagem religiosa (salvação, pecado, fé, futuro), ficou vazia do seu significado, porque, “para muitos jovens, Deus, a religião e a Igreja são palavras vazias. No entanto, eles são sensíveis à figura de Jesus, quando esta é apresentada de modo atraente e eficaz.” (CV, n. 39).

Não tem sentido falar da relação entre fé-vida ou fé-cultura, porque a proposta religiosa já não encontra espaço cultural para se exprimir de forma compreensível.

É sempre surpreendente tomar consciência desta situação inédita das jovens gerações e relação à fé, ou seja, o fato de que o poder de sintonização e de escuta da mensagem da fé tenha ficado, por assim dizer, bloqueado, inativado.²⁷⁷

Os adultos em geral, precisam tomar consciência de que, “para os jovens de hoje, a fé é uma linguagem estrangeira,”²⁷⁸ porque “cada um sabe como é difícil ensiná-la na idade madura, (...) e como é complicado ensiná-la a quem já é criança.”²⁷⁹

É urgente entender a realidade cultural juvenil, com o seu conjunto de valores e limites, experiências, linguagens e símbolos.²⁸⁰ Esta realidade cultural juvenil assim se manifesta:

Todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu coração; esforça-se por dominar, pelo estudo e pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e instituições, a vida social, quer na família quer na comunidade civil; e, finalmente, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas sua obra, para que sejam de proveito a muitos e até à inteira humanidade, as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações (GS, n. 53).

Muito cedo os jovens ficam expostos a uma alternativa sem saída. Como educá-los na reconstrução de uma nova identidade cristã no interior dos processos de desenvolvimento dos valores humanos? É fato que “os jovens nas estruturas habituais, muitas vezes não encontram respostas para as suas inquietações e necessidades.” (Cf. CV, n. 202). Mesmo assim, dentro de cada jovem há valores positivos, dos quais se podem tirar grande resultados, ou seja, segundo Dom Bosco, “em cada jovem, existe um ponto acessível ao bem e o primeiro dever do educador ou acompanhador é procurar este ponto,

²⁷⁶ CAPÍTULO GERAL DOS SALESANOS XXIII. *Educar os jovens para a fé*, p. 56.

²⁷⁷ MATTEO, A. *A primeira geração incrédula*, p. 36-37.

²⁷⁸ *Idem*, p. 63.

²⁷⁹ *Idem*.

²⁸⁰ Cf. ATTARD, F. *Pastoral Juvenil Salesiana*, p. 68.

esta corda sensível do coração e tirar dele o bom proveito.”²⁸¹ “Nesta busca, deve-se priorizar a proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional, existência que toca o coração e chega à vida, despertando esperanças e desejos.” (CV, n. 211).

A linguagem que o jovem entende é a linguagem daqueles que dão a vida, de quem está ali por eles e para eles e de quem, apesar das suas limitações e fragilidades, procura viver sua fé com coerência. (Cf. CV, n. 211).

Acompanhador e acompanhante devem se ajudar mutuamente no processo de libertação interior e de integração da experiência humana, a fim de ajudar o jovem a enfrentar os obstáculos que podem impedi-lo de fazer uma experiência profunda com Deus.

No acompanhamento espiritual deve-se ser suporte facilitador, para que o acompanhado atinja a liberdade interior e a integração da sua vida emocional/cognitiva e comportamental, desde a experiência singular e frontal do encontro surpreendente com Cristo.²⁸²

Com isso, o acompanhante confronta-se com esta cultura, descobre nela os sinais da presença de Deus e o apelo à renovação da linguagem e das atitudes. É esta experiência que queremos transmitir e comunicar aos jovens desafiando-os a terem coragem de apostar na fé.

Os desafios apresentados, são desafios que emergem dos mesmos fatos e que levantam inquietações e oportunidades reais. Contudo, há um desafio que é a síntese e a matriz de todos os outros: o desafio da vida!

O jovem deve acolher a vida e isso implica a aceitação de si mesmo.²⁸³ O Papa Francisco afirma que alguns jovens são “ideologizados, utilizados e aproveitados como força de choque para destruir, amedrontar ou ridicularizar os outros.” (CV, n. 73). E “ainda mais numerosos no mundo são os jovens que padecem de formas de marginalização e exclusão social por razões religiosas, étnicas ou econômicas.” (CV, n. 74.) Há também “muitos jovens que vivem em contextos de guerra e sofrem a violência numa variedade de formas: raptos, extorsões, crime organizado, tráfico de seres humanos, escravidão, exploração sexual, estupro etc.”²⁸⁴ Outros experimentam situações ainda mais dolorosas:

²⁸¹ LEMOYNE, G. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, p. 367.

²⁸² GONÇALVES, C. *Contributos conceituais e metodológicos da psicologia para o acompanhamento espiritual*, p. 97-98.

²⁸³ Cf. CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII. *Educar os jovens para a fé*, p. 76.

²⁸⁴ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p. 27.

(...) na fome que procura o pão; na opressão que procura a liberdade; na solidão que procura a comunhão; na profanação que procura a dignidade; na incerteza que procura a segurança; no absurdo que procura um sentido; na violência que procura a paz. Há jovens que vivem satisfeitos nos seus estudos, na sua família, com os amigos, no bem-estar, no tempo livre e acabam por não sentir a necessidade da fé e de uma vida nova. Há finalmente aqueles que anseiam por viver em plenitude.²⁸⁵

Desta forma, reveste-se de especial importância a busca do sentido para a vida e do seu significado último. A razão para tal pode ser lida no texto do Capítulo Geral XXIII:

Estes desejos de vida dos jovens assumem hoje características próprias, isto é, a busca de uma nova qualidade de vida, na qual, ultrapassadas as necessidades primárias, sejam oferecidas respostas e outras necessidades mais pessoais, relacionais e religiosas, sensibilidade para a dignidade da pessoa humana e dos seus direitos, busca de novas motivações para viver como homens verdadeiros no mundo de hoje.²⁸⁶

É fato, que muitos jovens andam à procura de sentido para a vida, especialmente quando vivem mergulhados numa profunda e radical insatisfação em relação ao futuro. Nesse processo de maturação, o acompanhador espiritual desempenha um papel insubstituível. Visando “ajudar os jovens na reflexão, oferece-lhes a riqueza da sua própria experiência de adulto.”²⁸⁷ Também lhes oferece alguns encontros, um colóquio espontâneo em momentos de distensão e de jogo, ou encontros pessoais oportunamente marcados para uma rápida avaliação de acontecimentos e situações.

Perante estes desafios, o acompanhado sente-se interpelado espiritualmente, sem deixar nenhum aspecto da sua identidade. Ele é levado a verificar e a avaliar o seu ser e o seu agir. Assim, “o acompanhamento impele para a vida, para viver com novo sentido e com autonomia na comunidade, a partir da realidade da vida, feita experiência cotidiana de partilha e de crescimento na doação.”²⁸⁸

Dom Bosco, foi um pastor-educador, que não se limitou a atividades tradicionais como: pregação, catecismo, confissões e celebração da eucaristia, ou ao contato ministerial pessoal com os jovens. Além disso, preocupou-se em criar um ambiente educativo bem ordenado, rico de propostas formativas e de relações humanas.²⁸⁹ Era nesse ambiente que ele procurava inserir os jovens a fim de conquistá-los para Deus, para,

²⁸⁵ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII. *Educar os jovens para a fé*, p. 58.

²⁸⁶ Idem, p. 58-59.

²⁸⁷ Idem, p. 78.

²⁸⁸ GONÇALVES, C. *Contributos conceituais e metodológicos da psicologia para o acompanhamento espiritual*, p. 53.

²⁸⁹ Cf. BOSCO, J. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 118-121.

depois, acompanhá-los na formação cristã da própria personalidade, por meio de um processo educativo pleno.²⁹⁰

No oratório e nas outras obras educativas, o encontro entre o formador e o jovem acontece no contexto de uma comunidade educativo-pastoral variada. Nesse ambiente formativo, o acompanhamento não se limita ao momento do diálogo íntimo e do sacramento, sobretudo da reconciliação, mas conecta-se, integra-se e mistura-se com os demais estímulos formativos comunitários postos em ação.

Os jovens pediram-nos, de muitas maneiras, para qualificar a figura dos acompanhadores. O serviço do acompanhamento constitui uma verdadeira missão, que requer a disponibilidade apostólica de quem o presta. (...) Acompanhar exige colocar-se à disposição tanto do Espírito do Senhor como de quem é acompanhado, com todas as suas qualidades e capacidades, e depois ter a coragem de humildemente se afastar.²⁹¹

É fundamental, “que o bom acompanhador seja uma pessoa equilibrada, que sabe escutar, uma pessoa de fé e de oração, que se confrontou com as suas próprias fraquezas e fragilidades.”²⁹² Acompanhar, é uma missão que exige uma profunda vida espiritual. “Para poder desenvolver esse serviço, o acompanhador terá necessidade de cultivar a sua vida espiritual, alimentando a relação que o une Àquele que lhe confiou a missão.”²⁹³ O jovem precisa se sentir acolhido, reconhecido, estimado e amado, para não se afastar, fisicamente e, sobretudo, afetivamente.

Dom Bosco procurava criar um ambiente educativo, através do encontro cordial e da presença, da proximidade entre educadores e acompanhadores, a fim de estabelecer relações de confiança e de amizade. Para isso, empregam-se instrumentos comunicativos, linguagens e experiências para que todos se sentissem à vontade, como se estivessem em casa, a fim de serem tocados e atraídos pelo fascínio da proposta cristã, ajudando o jovem a amadurecer o desejo de se entregar a Deus.²⁹⁴ O acompanhamento espiritual juvenil visando uma vida cristã é parte essencial, integrante e necessária no carisma de Dom Bosco.

Ele amadureceu gradualmente sua vocação de educador acompanhador espiritual juvenil com o seu modo específico de ser cidadão, cristão e sacerdote. O acompanhador

²⁹⁰ Cf. BOSCO, J. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, p. 119.

²⁹¹ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p. 62.

²⁹² Idem, p. 62-63.

²⁹³ Idem, p. 63.

²⁹⁴ Cf. BOSCO, G. *Cenno bibliográfico sul giovanetto Michele allievo dell Oratório de S. Francesco di Sales*, p. 18.

espiritual juvenil procura levar os jovens à escuta e ao acolhimento de Jesus, tendo como modelo o caminho de Emaús (Lc 24, 13-35), que consiste em “aproximar-se de modo missionário da pessoa do jovem, ir ao encontro em atitude de escuta e acolhimento, anunciar o Evangelho com a oferta do acompanhamento.”²⁹⁵

A presença ativa dos educadores entre os jovens, implica o esforço de estar onde os jovens vivem e se encontram, criando uma relação pessoal e, ao mesmo tempo, propositiva. Trata-se do esforço de participação dos educadores adultos, feita de encontro, escuta e testemunho. Isso requer uma presença física do educador/acompanhador naquilo que Dom Bosco chamou “assistência,” entendida como acompanhamento, proximidade animadora, atenção a tudo o que acontece.²⁹⁶ O carisma do acompanhador espiritual “não reside na sua autoridade para dirigir, nem na sua capacidade para solucionar problemas, nem a sua solicitude paterna, nem na sua santidade de vida, mas em pôr-se o lado dos jovens para ser companheiro de caminho.”²⁹⁷

Para fazer o acompanhamento espiritual dos jovens de hoje, requer-se um esforço significativo. “Para desenvolver esse serviço, o acompanhador terá necessidade de cultivar a própria vida espiritual, alimentando a relação com Aquele que lhe confiou a missão,”²⁹⁸ e “será importante que receba uma formação específica para este ministério particular e que possa beneficiar, por sua vez, de acompanhamento e de supervisão.”²⁹⁹

É importante que o educador/acompanhador esteja atento para descobrir aquilo de que o jovem gosta e conquistar a confiança para chegar à intervenção educativa, que visa formar bons cristão e honestos cidadãos.

Dom Bosco concebeu o ideal educativo para os adolescente e jovens, através de uma educação integral. “Gostava de sintetizar o seu programa educativo em três ‘S’: saúde, estudo e santidade (em italiano: *salute, studio e santità*). Aos jovens ele costumava dizer: pão, trabalho e paraíso: eis três coisas que posso oferecer, em nome do Senhor.”³⁰⁰

Os educadores/acompanhadores deverão ser pais, irmãos e guias. Dar conselhos, corrigir, serem pacientes e suportar qualquer contrariedade. Depois de conquistar o coração dos jovens, poderão orientar, aconselhar e corrigir.³⁰¹ A relação entre o educador/acompanhador e os jovens deve caracterizar-se pela cordialidade, pois a

²⁹⁵ ATTARD, F. *Pastoral Juvenil Salesiana*, p. 122.

²⁹⁶ Idem, p. 122-123.

²⁹⁷ ALBUQUERQUE, E. *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, p. 151-152.

²⁹⁸ SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p. 63.

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ Cf. CERIA, E. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, p. 420.

³⁰¹ Cf. BRAIDO, P. *Don Bosco educatore*, p. 258-266.

familiaridade leva ao amor e o amor gera confiança. Esta familiaridade se constrói no pátio, no recreio.³⁰² Hoje, mais do que nunca, todos os educadores/acompanhadores são chamados a serem uma presença efetiva e afetiva entre os jovens, inspirando-se cada vez mais no método educativo-pastoral deixando por Dom Bosco.

3.2.4 O projeto de vida pessoal³⁰³

O ser humano está em constante construção, procurando pelo sentido de sua vida. É um ser concreto, situado, mas aberto.³⁰⁴ É livre para escolher o que quer ser e o que quer fazer na vida, sendo um projeto que se realiza em sociedade e em liberdade. Por ser assim, necessita de objetivos, de finalidades que dão sentido à sua vida, que organizam seus pensamentos, suas ações, que o leve a escolher, a partir de valores pessoais e coletivos. Assim, através desse projeto, conseguirá, mais conscientemente, tomar sua vida nas mãos e descobrir a grandeza de decidir sobre a própria existência com autonomia e comprometimento.

Certos de que somos chamados por Deus à felicidade plena e de que ela só poderá ser atingida mediante uma reta intenção e adequada programação, cabe a nós um posicionamento afetivo (acreditar, desejar, amar) e efetivo (construir, empenhar-se, retomar, refazer) diante da tarefa concreta de elaboração de um projeto pessoal de vida.³⁰⁵

Ter um projeto de vida “significa tomar para si o controle da própria existência, é viver em vez de simplesmente sobreviver.”³⁰⁶ Evoca-se aqui uma interpretação não literal, nem absoluta dessa afirmação, porque, a rigor, não é possível controlar a própria existência. Isso exige tomar para si a própria vida; fazer, consciente e livremente, sua própria história, tecendo-a com sonhos autênticos e repletos de sentido. Zygmunt Bauman, em seu livro *A arte da vida*, apresenta, em linguagem metafórica, o ideal de projeto de vida:

Nossa vida quer o saibamos ou não, quer o saudemos ou não, ou lamentemos, são obras de arte. Para viver como exige a arte da vida, devemos, tal como qualquer outro tipo de artista, estabelecer desafios que são (pelo menos no

³⁰² Cf. BRAIDO, P. *Don Bosco educatore*, p. 378.

³⁰³ No perfil dos jovens atendidos nas obras salesianas no sul do Brasil, (*pesquisa realizada pelo Observatório de Juventudes da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre*), ficou claro que os entrevistados estão preocupados com o projeto de vida. Dentro de um itinerário à fé dos jovens, sem dúvidas, ajudá-los na construção do próprio projeto de vida é fundamental.

³⁰⁴ Cf. BOFF, L. *Tempo de transcendência*, p. 35-51.

³⁰⁵ Cf. SILVA, E. *Projeto pessoal de vida*, p. 24.

³⁰⁶ BULGARELLI, M. *Los 6 pasos de proyecto de vida de un joven*, p. 6.

momento em que são estabelecidos) difíceis de confrontar diretamente; devemos escolher alvos que estão (ao menos no momento da escolha) muito além de nosso alcance, e padrões de excelência que, de modo perturbador, parecem permanecer teimosamente muito acima de nossa capacidade (pelo menos a já atingida) de harmonizar com o que quer que estejamos ou possamos estar fazendo. Precisamos *tentar o impossível*.³⁰⁷

Viver em vez de simplesmente sobreviver é ser o/a artista da própria vida. Estabelecer desafios, escolher alvos, tentar o impossível, é tomar para si a própria vida e tecê-la de sonhos. Pensando pelo viés contrário, é possível falar em projeto de vida sem consciência e consistência. Isso acontece quando se incorporam objetivos de vida que não estão relacionados com sua própria essência, descolados de um processo profundo de autoconhecimento. Nesse sentido, todas as pessoas têm um “projeto de vida”, mas não é nessa acepção que se aborda o conceito.

A compreensão do conceito é indissociável do processo de autoconhecimento, que cada sujeito é convidado a desenvolver. Bauman³⁰⁸ caracteriza o mundo contemporâneo com a metáfora do *líquido*, que está profundamente alinhada com a dinamicidade da vida. A compreensão do caráter dinâmico e processual do projeto de vida é uma premissa básica. O entendimento corriqueiro de projeto de vida, no entanto, vai de encontro a essa ideia de movimento dinâmico, ou seja, considerando sua origem e fazendo uma genealogia do conceito chega-se a Sartre, que, filosoficamente, estabelece essa noção de projeto de vida, como “a escolha das escolhas”. Sobre isso, Bauman esclarece:

Eu mesmo pertença a uma dessas ‘velhas gerações’. Quando jovem, tal como a maioria de meus contemporâneos, li atentamente as instruções de Jean-Paul Sartre a respeito da escolha do *projet de la vie*. A escolha do projeto de vida significava a ‘escolha das escolhas’, a metaescolha que determinaria de uma vez por todas, do princípio ao fim, todas as outras (subordinadas, derivadas, contingentes). Aprendemos com Sartre que para cada projeto haveria, em anexo, um mapa rodoviário e uma descrição detalhada do itinerário. Uma vez escolhido o destino, o resto seria apenas uma questão de determinar o caminho mais curto e menos acidentado com a ajuda do mapa, de uma bússola e da sinalização.³⁰⁹

Ter um projeto de vida implica construir-se como pessoa e viver com sentido, correr atrás dos sonhos.

Todos nós temos sonhos ou já tivemos um dia, antes de ser consumidos pela rotina, sufocados pelo peso dos afazeres diários: ser bem-sucedido na profissão, encontrar um amor, ter filhos, ganhar dinheiro, viajar, conhecer

³⁰⁷ BAUMAN, Z. *A arte da vida*, p. 31.

³⁰⁸ Cf. BAUMAN, Z. *A Modernidade líquida*, 2000.

³⁰⁹ BAUMAN, Z. *A arte da vida*, p. 89.

lugares, encorajar-nos em uma causa social ou ecológica, trabalhar pela comunidade, mudar o mundo, ter uma vida melhor.³¹⁰

A palavra sonho carrega uma força que impulsiona. Pode ser um termo genérico, mas contém uma força natural inerente aos ideais que se pretende atingir. São impulsionadores do ser humano.³¹¹ Os sonhos provocam a ir além, a buscar mais, a procurar o melhor, a estudar, a aprofundar questões vitais, a amar, a cuidar da saúde física, a ser mais criativos/as, pois sonhar é humano, e o maior sonho humano é a felicidade na vida pessoal e societária/coletiva.

Nesse sentido, a pessoa de Jesus de Nazaré e seu projeto contribui enquanto referencial inspirador e sentido de vida. Mas, qual é o projeto de Jesus de Nazaré?³¹² Jesus construiu seu projeto de vida a partir do projeto de Deus, porque seu desejo era “fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4,34). A vivência desse projeto caracterizou-se pelo diálogo e pela relação com Deus e pela abertura e identificação com as dores e as esperanças de seu povo.

Em Jesus, o projeto de vida do Reino de Deus se identificam. O Reino é o valor que unifica sua pessoa, é sua paixão; é o que anuncia e o que vive com coerência e plenitude até as últimas consequências.³¹³

Tão importante quanto o conteúdo do projeto de vida de Jesus é a coerência com que Ele ensina. É um projeto que provoca o sujeito para abraçá-lo, pois a pessoa traz consigo o desejo de viver em plenitude e a vontade de aceitar-se e ser aceito gratuitamente; é um projeto que, em sua vivência, faz sentir-se útil e feliz, faz vivenciar um mundo fraterno onde todos/as sejam respeitados/as e valorizados/as.

Sabemos que é na fase da adolescência e da juventude que se faz a escolha profissional, vocacional e elabora-se o projeto de vida, marcado muitas vezes por dificuldades. É a partir da convivência com o outro, dentro do meio social, que os jovens farão suas escolhas.

Os jovens precisam ser ajudados a tomar consciência da sua vocação. “Desse modo, incluir os jovens na Igreja, hoje, significa olhar para as múltiplas dimensões nas quais eles estão inseridos, para, a partir daí, tratá-los como sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação às outras faixas etárias. A juventude requer estrutura adequada para seu desenvolvimento integral, para suas buscas, para a

³¹⁰ SILVA, E. *Vida: um projeto em construção*, p. 52.

³¹¹ *Idem*, p. 51-60.

³¹² PAGOLA, J. *Jesus, uma aproximação histórica*, p. 109.

³¹³ SILVA, E. *Vida: um projeto em construção*, p. 25.

construção de seu projeto de vida e sua inserção na vida profissional, social, religiosa etc.”³¹⁴

Nossa missão como Igreja é ajudá-los no discernimento vocacional, na elaboração do seu projeto de vida. Dentro de uma perspectiva cristã, ajudá-los a tomar consciência de que Deus tem um plano para cada pessoa, ou seja, chama para uma missão específica na Igreja e para a construção do Reino e, assim, para assumir seu papel na sociedade.

Na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, falando aos jovens, o Papa Francisco expressou um desejo:

Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido dos que os lentos e medrosos. Correi atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulse nesta corrida para frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós. (CV, n. 299)

3.2.5 Engajamento eclesial

O desejo por uma Igreja mais jovem, constituída por jovens, de idade e de coração, é justo e se baseia na pessoa de Jesus que, jovem, se doou até as últimas consequências, ensinando-nos a SER Igreja. O jovem não pode ser visto como um protagonista único, isolado no processo de ser Igreja, mas sim, como sujeito que se coloca ativamente na comunidade para formar uma Igreja viva.

A inserção dos jovens nas atividades da Igreja, sobretudo, pastorais, por vezes não é fácil e não raro se percebe a carência da presença deles no cerne da Igreja. Essa realidade talvez seja o retrato da organização social que vigora em todo o mundo, onde a vida muitas vezes é pautada pelo imediatismo, o ter e o poder, a falta de humanidade, as quais ditam as regras do jogo.

Para que haja uma inserção maior dos jovens na vida da Igreja, faz-se necessário um diálogo cada vez mais próximo entre os jovens e os adultos: “Não é bom cair no culto da juventude, nem numa postura juvenil que despreze os outros pelos seus anos ou porque são doutro tempo. Jesus dizia que a pessoa sábia é capaz de tirar do seu tesouro coisas

³¹⁴ Cf. CNBB, *Evangelização da juventude*, n. 27.

novas e velhas (cf. Mt 13,52). Um jovem sábio abre-se ao futuro, mas permanece capaz de valorizar algo da experiência dos outros” (CV, n. 16).

A Igreja como realidade encarnada enraizada no coração trinitário configura-se como uma sociedade visível e espiritual, que em Cristo vivo constitui-se em natureza e missão transversal aos tempos. (Cf. GS. n. 42). O desafio da Igreja é permanecer como um farol de esperança e de paz em meio às sombras e uma cultura fechada, diante dos jovens, que muitas vezes, se encontram num mundo em crise. Onde há crianças e jovens, há sementes de esperança.

O Papa Francisco aponta para uma cultura do encontro, com dinâmicas de escuta, acompanhamento e discernimento. Os jovens são impactados por pessoas referenciais.

Hoje os jovens procuram uma Igreja autêntica. Queremos dizer, especialmente para hierarquias da Igreja, que ela deve ser transparente, acolhedora, honesta, convidativa, comunicativa, acessível, alegre, interativa com a comunidade.³¹⁵

Nessa integração, a Igreja é capaz de construir com os jovens e não apenas para os jovens. Através da sua missão consciente é capaz de relegar os discursos evasivos sobre os jovens ou mesmo de rechaçar estereótipos lamentáveis e, infelizmente, amplamente difundidos, como por exemplo, os preconceitos centralizados no universo do adulto que, ao “olhar de cima,” afirma ser esta a “geração fraca.”

A escuta empática das vozes juvenis atuais é fundamental, pois sem ela a conexão fica fragilizada ou até inexistente. Contextos juvenis precisam ser acompanhados e iluminados. Trata-se de uma iluminação em meio às nebulosas que convidam ao discernimento e à responsabilidade social com e pelos jovens, caracterizada por uma Igreja sinodal de diálogo intergeracional³¹⁶ e que impele aos jovens e a todos que tenham a “pressa do cuidado.”

Na fé cristã, formar juventudes é fomentar o espírito comunitário. O amor para ser amor *convive* e transcende tornando-se dom, ou seja, oferta de vida. Nunca aprisionado, nunca em fragmentos, como tantos jovens experimentam. O fio condutor a se estabelecer em cada gesto eclesial deveria estar delineado pela prática do amor cristão. O amor ensinado e compartilhado por Jesus Cristo. É o amor que crê não somente em Deus, mas crê também no humano. Crê no jovem e, assim, investe no seu bem pleno. Estimula-o no entusiasmo de buscar a vida em abundância e não aceitar nada que lhe fira a dignidade.

³¹⁵ SÍNODO DOS BISPOS. *A fé, os jovens e o discernimento vocacional*, p. 15.

³¹⁶ FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para a 37ª. Jornada Mundial da Juventude*, 2022.

Em meio às vicissitudes contemporânea impactados pelas velhas e novas guerras planetárias e dramáticas sociais, seja a Igreja a propagar a ética da esperança que revela o amor. Amor que coloca cada jovem no centro do processo, que sabe esperar nas existências juvenis sem anulá-las ou abandoná-las. Amor unitivo que confirma a interdependência entre as jovens gerações e toda a humanidade, visto que “quando cai um jovem de certo modo cai a humanidade. Mas também é verdade que, quando um jovem se levanta, é como se o mundo inteiro se levantasse.”³¹⁷ As juventudes são realidade epifânicas, nas quais a manifestação divina está presente. Exige planejamento pastoral diligente pautado no olhar atento e na dialógica que convida os jovens a assumirem seu papel na história da evangelização contemporânea. Se há o que afaste as juventudes da Igreja, há o que é capaz de alargar as portas dessa relação. A resposta neste tempo conflitivo passa pelo reencontro da ética do encontro, do cuidado e do amor ensinado e testemunhado por Jesus Cristo que não fecha os olhos às realidades.³¹⁸

Para a Congregação salesiana, o grupo juvenil deve tender à inserção eclesial segundo a própria opção vocacional. Nessa ótica a experiência com os jovens deve promover a participação na comunidade eclesial, ajudando os jovens ao amor sincero por ela, como comunhão de todos os crentes em Cristo e sacramento universal da salvação.³¹⁹

O jovem é a força viva e esperançosa que atua na Igreja. “A Igreja só será jovem, quando o jovem for Igreja!” (S, João Paulo II). Não podemos esperar que o jovem seja o futuro da Igreja se ele não faz parte do presente. “Cristo vive: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca, torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. (...) Ele vive e quer-te vivo!” (CV, n. 1).

3.2.6 Outras pistas práticas

A Igreja tem apresentado vários itinerários para ajudar os jovens a construírem um caminho de fé. A partir da experiência salesiana no sul do Brasil, apresentamos algumas outras pistas e atividades complementares que têm ajudado nos processos junto aos jovens que frequentam as obras salesianas. Vários deles estão assumindo trabalhos de coordenação de grupos e movimentos nas escolas, nas obras sociais e nas paróquias.

³¹⁷ FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para a 36ª. Jornada Mundial da Juventude*, 2021.

³¹⁸ Cf. TEIXEIRA, P. *Perspectivas de atuação com jovens*, p. 53.

³¹⁹ Cf. A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 151.

Houve um despertar vocacional a partir dos projetos oferecidos, ou seja, a maioria dos vocacionados que aspiram à vida religiosa e sacerdotal, são fruto desse trabalho pastoral.

Abaixo seguem alguns elementos complementares do itinerário desenvolvido pela Inspetoria Salesiana no sul do Brasil.

1º) *Desenvolvimento religioso e aprofundamento da fé*: A primeira e fundamental finalidade da nossa missão é evangelizar os jovens (cf. Reg. 7,13). O nosso projeto é orientado ao amadurecimento pleno dos jovens em Cristo (cf. Const. art. 31) e o seu crescimento na Igreja, certos de que a educação da dimensão religiosa é central no desenvolvimento da pessoa.³²⁰

Desde o primeiro anúncio da pessoa de Jesus Cristo, nós Salesianos, queremos levar os jovens a cruzarem a porta da fé para que, durante sua vida, crendo “com uma fé consciente e vigorosa” (cf. Porta Fidei, n. 8) descubra sua alegria intrínseca. Muitas vezes, o itinerário de amadurecimento na fé exige tempo muito longos e um envolvimento comunitário que vá além da proposta estritamente catequética.

(...) Promover o desenvolvimento da dimensão religiosa da pessoa, tanto nos cristãos como em quem pertence a outras religiões, aprofundando-a, purificando-a e abrindo-a ao desejo de um ulterior caminho de fé. (...) ajudando os jovens através de várias propostas, a viverem as atitudes típicas de uma experiência religiosa: admiração, contemplação, abertura ao mistério, sentido de gratuidade. O primeiro desafio é suscitar a busca religiosa e mostrar aos poucos a sensatez do ato de fé.³²¹

Para suscitar, e aprofundar a experiência da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo, é importante desenvolver um itinerário sistemático de educação à fé. Quem conhece o processo de amadurecimento humano do adolescente e do jovem percebe que a integração fé-vida exige grande atenção educativa.

2º) *Participação da liturgia de modo consciente e ativo*: iniciar os jovens na participação da liturgia de modo consciente e ativo e, de modo especial, na celebração dos sacramentos, favorecendo sua preparação com um ambiente acolhedor e de amizade que suscite abertura do coração, através de celebrações que, pela beleza e profundidade comunicadas, levem a uma verdadeira relação pessoal com Cristo, promovendo o esforço pessoal de viver no cotidiano o que foi celebrado, é essencial no caminho da educação à fé dos jovens.

³²⁰ Cf. CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, n. 160.

³²¹ A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 144.

3º) *Itinerários de interiorização, de serviço e trabalho apostólico*: em um mundo dominado pela pressa, pela busca do prazer imediato e pela eficiência pragmática, é urgente criar, para os jovens, ambientes adequados que favoreçam o encontro com Deus, através de momentos de oração pessoal e comunitária, de abertura ao mistério, de contemplação e silêncio, de encontro e confronto com a Palavra vivida e compartilhada. Os jovens são muito sensíveis à leitura da Palavra de Deus, sobretudo quando o texto bíblico, lhes é apresentado com uma linguagem adequada e com uma relação estreita com a vida.

As experiências graduais de serviço e trabalho apostólico, que os ajudem a realizar pessoalmente a integração da própria fé com a vida, ajudam na construção e no amadurecimento da fé junto à comunidade. Trata-se de uma fé que estimule e aprofunde os processos de humanização e promoção das pessoas e dos grupos segundo o modelo de Jesus Cristo. “A dimensão social da caridade pertence à educação da pessoa social e politicamente empenhada na justiça, na construção de uma sociedade mais justa e mais humana, descobrindo sua inspiração plenamente evangélica” (cf. Const. art. 32; Reg. 22).

4º) *Promoção humana e profissional*: trabalhar pela promoção humana e profissional é essencial para que os jovens possam inserir-se no mundo do trabalho como cidadãos qualificados. “O profissionalismo deve incentivar para que o trabalho seja realizado com competência crescente e satisfação real, ciente dos limites e respeitoso do trabalho dos outros, ciente da própria contribuição para o crescimento social.”³²²

Formar atitudes e estruturas estáveis na personalidade dos jovens, como, autoestima, socialização, participação, autonomia, solidariedade, responsabilidade, vontade etc., que lhes permitam agir como pessoa livres e os orientem à compreensão crítica da realidade e à comunhão solidária com as pessoas.³²³

5º) *Ambiente de família*: Dom Bosco sempre primou para que em nossas obras, reinasse o clima de família. Nossas obras devem proporcionar para os jovens um ambiente de família, por isso, somos “casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria”³²⁴ Como Salesianos, devemos proporcionar aos jovens, um ambiente de família,

³²² Cf. A PASTORAL JUVENIL, SALESIANA. *Quadro referencial*, n. 4.

³²³ Quando apresentamos o perfil dos jovens atendidos nas obras salesiana no sul do Brasil (pesquisa feita pelo Observatório de Juventudes da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre/RS), este ponto apareceu como uma das grandes preocupações dos jovens entrevistados.

³²⁴ Esta afirmação é do próprio Dom Bosco que compreendeu, mesmo antes de ser padre, que essa era a maneira de estar próprio dos jovens.

através de intervenções adequadas e estrategicamente planejadas, vivendo a pedagogia da proximidade, das relações e do afeto demonstrado; ambiente de confiança em que as propostas educativas e evangelizadoras sejam críveis e assimiláveis pela intensidade das relações pessoais e o clima de alegria compartilhada.³²⁵

6º) *Experiencia asociativa*:³²⁶ dentro do itinerário da formação à fé dos jovens, a experiência associativa é uma característica fundamental da educação e evangelização salesiana. O Sistema Preventivo requer um intenso e luminoso ambiente de participação e relações de amizade, vivificado pela presença animadora dos educadores, e favorece todas as formas construtivas de atividades e de vida associativa, iniciação concreta ao trabalho comunitário, civil e eclesial. (cf. Const. art. 35 e Reg. art.8)

É no grupo que se desenvolve a proposta associativa salesiana: a variedade de grupos abertos a todos os jovens, os verdadeiros protagonistas, e que exprime a diversidade dos itinerários pedagógicos nos quais se diversifica a nossa proposta pastoral.³²⁷

Para que a experiência no grupo seja eficaz na vida do jovem, outras intenções são importantes, como por exemplo: criar pluralidade de propostas e ambientes de ampla acolhida segundo os diversos interesses e itinerários dos jovens, a partir da situação em que eles se encontram, respeitando o ritmo de desenvolvimento que lhes é possível. Cuidar de modo especial dos grupos de formação e de empenho cristão. Qualificar e formar os educadores e animadores juvenis. Oferecer tempos de convivência e partilha de vida, através de retiros, acampamentos, jornadas etc.), como momentos de confirmação e relançamento da decisão associativa e cristã dos grupos.

Nos últimos três anos, a equipe Inspetorial de Pastoral acompanhou as diversas obras em que estamos inseridos, buscando ouvir os anseios e desafios juvenis para dar uma resposta concreta e eficaz. Diante dos desafios enfrentados pela Igreja e pela Congregação Salesiana, a Inspetorial São Pio X está desenvolvendo um itinerário programático de formação, com o objetivo de garantir mais unidade nas reflexões e intervenções pastorais. Este processo é fruto da Jornada Vocacional vivenciada pela Inspeção, que culminou, de maneira concreta, num material, tendo como base o Quadro

³²⁵ A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 149.

³²⁶ Dom Bosco valorizou o grupo como presença educativa capaz de multiplicar as intervenções. Ainda jovem, ele criou a *Sociedade da Alegria* quando frequentou a escola em Chieri, fazendo experiência de grupo. As companhias, as sociedades, as conferências vicentinas, cada uma a seu modo e com interesses e objetivos próprios assumidos pelos associados, nasceram no início do Oratório e entram nos internatos e colégios nos anos 1860 a 1870.

³²⁷ Cf. PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*, p. 149.

Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana. Refiro-me ao “Projeto Conexão,”³²⁸ temas variados no campo juvenil, dedicados aos momentos de formação nas obras.

7º) *Grupos da AJS (Articulação da Juventude Salesiana)*:³²⁹ o termo “articulação” indica a concepção que sustenta e orienta a AJS, diferenciando-a dos movimentos juvenis “tradicionais” no Brasil. A AJS é fruto da vivência da Tradição Salesiana e da resposta atenta aos sinais dos tempos. A AJS promove articulações de grupos e não diretamente de pessoas. Promove a articulação na experiência associativa com todo o seu valor educativo evangelizador, vista e vivida com uma intuição pedagógica das mais interessantes. A Intuição que está no reconhecimento de que a educação e evangelização acontecem na relação, no diálogo, na presença, no encontro com o outro. O grupo é o lugar onde isso acontece; ele adquire importância fundamental, pois é o lugar das relações.³³⁰ A articulação da Juventude Salesiana torna visível e concreta o protagonismo juvenil através da comunhão de grupos e nas associações juvenis.

8º) *Grupos da AMJ (Ação Missionária Juvenil)*:³³¹ a vivência missionária na fase da adolescência e juventude apresenta duas dimensões importantes: a educativa e a evangelizadora. São dimensões distintas, mas complementares e precisam ser desenvolvidas conjuntamente para um desenvolvimento integral dos jovens. A dimensão educativa do processo do voluntariado missionário necessita levar o jovem a desenvolver-se a partir da sua realidade existencial. A dimensão evangelizadora contribui no amadurecimento da caminhada de fé do jovem, a partir da vivência pessoal e comunitária.

A experiência da AMJ contribui para o discernimento vocacional, elemento essencial para a construção de um projeto de vida consistente e integral. O itinerário formativo com uma proposta clara e desafiadora possibilita o jovem a reconhecer a vida como vocação. O jovem missionário está convicto de ser chamado por Deus pelo nome e enviado para testemunhar a sua experiência de fé com os seus irmãos, em especial os mais necessitados. A experiência missionária cria uma cultura vocacional, a partir da qual o

³²⁸ O “Projeto conexão,” tem como objetivo principal fortalecer os “bons dias” (prática que acontece nas obras salesianas desde o tempo de Dom Bosco), os encontros de jovens, os grupos, as reuniões, a presença no pátio (tão importante na pedagogia salesiana), e, sobretudo, no acompanhamento dos grupos.

³²⁹ A AJS é uma rede de apoio mútuo e articulação entre os variados grupos de jovens, que se identificam com a espiritualidade juvenil salesiana e querem vivê-la.

³³⁰ Cf. DA SILVA, G. (org). *Articulação da Juventude Salesiana: Princípios norteadores*, p. 30.

³³¹ Com objetivo de que os grupos da Articulação da Juventude Salesiana fossem apostólicos, em 2011 nasceu na Inspeção Salesiana São Pio X, “a Animação Missionária Juvenil (AMJ)”. É um projeto que conta com a presença de salesianos e jovens na sua elaboração e desenvolvimento, sendo um espaço saudável de protagonismo juvenil.

adolescente e o jovem reconhecem a vida como um dom de Deus e assumem uma vocação específica na vida da Igreja, e empenham-se na construção da civilização do amor.³³²

9º) *Grupos do GAM (Grupo de Animação Missionário)*:³³³ os jovens que participam deste projeto, empenham-se em configurar-se ao Cristo Bom Pastor nos caminhos de Dom Bosco. Este grupo tem como objetivo auxiliar e acompanhar outros jovens no discernimento e no aprofundamento da própria fé, desenvolvendo por excelência o protagonismo e o testemunho dos valores salesianos. Este grupo procura dar continuidade aos processos missionários, favorecendo e valorizando o protagonismo juvenil, incentivando a inserção social e a participação eclesial.

10º) *Grupos do MJS (Movimento Juvenil Salesiano)*:³³⁴ O Movimento Juvenil Salesiano procura unir os jovens dos diversos grupos, associações e setores, animados pela Espiritualidade Juvenil Salesiana e pela proposta educativo-evangelizadora herdada do fundador. O coração do MJS são os jovens líderes e os líderes juvenis, que dentro dos espaços educativos, assumem com clareza a proposta educativo-evangelizadora, sendo um testemunho de vida para os demais jovens. Os grupos são os mais variados, como por exemplo: esportivo, cultural, sociopolítico, ecológico, comunicação social, religioso, missionário, voluntariado etc. Esse movimento tem sido um diferencial, sobretudo, nas escolas.

O itinerário proposto pela Inspeção São Pio X, é um instrumento particular que tem iluminado e orientado o trabalho com os jovens que frequentam nas Obras Salesianas. Contudo, ele necessita de acompanhamento, de intervenções e, sobretudo, da presença dos Salesianos, dos assessores e demais educadores para que a missão salesiana de educar e evangelizar os jovens seja eficaz e produza os frutos desejáveis.

³³² Cf. ITINERÁRIO À EDUCAÇÃO À FÉ DOS JOVENS NO SUL DO BRASIL. Equipe de Pastoral da Inspeção São Pio X, p. 13.

³³³ O GAM (Grupos de Ação Missionário), é uma proposta para jovens acima de dezessete anos que, após terem trilhado o caminho de maturação da dimensão missionária, continuam localmente os trabalhos e a vivência da espiritualidade salesiana missionária.

³³⁴ No processo de formação à fé dos jovens, de um lado estão as referências à Espiritualidade Juvenil Salesiana e à pedagogia salesiana, de outro a ligação entre os grupos e as associações que buscam cooperar reciprocamente na formação, segundo a proposta educativa salesiana.

CONCLUSÃO

Durante a Jornada Mundial da Juventude, no Brasil, em 2013, o Papa Bento XVI afirmou que os jovens não são apenas o futuro da Igreja e da humanidade, mas o presente. Nesse sentido, a Igreja precisa dos jovens para manifestar ao mundo o rosto de Cristo, pois sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada, afirmou o Pontífice.

O objetivo principal desta dissertação consistiu em apresentar um itinerário contextual da evangelização direcionado aos jovens atendidos pelas obras salesianas no sul do Brasil. Diante da problemática apresentada, verificou-se que os desafios da evangelização juvenil exigem uma abordagem integrada e adaptada às realidades socioculturais contemporâneas. O itinerário proposto fundamenta-se na espiritualidade juvenil salesiana, destacando a centralidade de práticas pastorais que valorizem o protagonismo juvenil, o acompanhamento pessoal e a formação à fé baseada na integralidade do ser humano.

O primeiro capítulo da dissertação, teve como enfoque principal, as juventudes contemporâneas, mostrando a diversidade e as mudanças culturais que caracterizam os jovens. Compreender essas juventudes, em sua pluralidade, é essencial para a construção de uma proposta evangelizadora eficaz.

No segundo capítulo, a partir da análise de documentos eclesiais e do carisma salesiano, identificou alguns elementos-chave para a evangelização juvenil. Esses incluem a espiritualidade do encontro, a valorização das culturas juvenis e a centralidade de Cristo como referência para os jovens.

No terceiro capítulo apresentou-se um itinerário prático e pastoral que busca integrar as dimensões antropológica, cristológica e comunitária da evangelização, sempre em sintonia com o carisma de Dom Bosco. Este itinerário enfatiza a formação integral dos jovens, a vivência do protagonismo juvenil e a criação de comunidades acolhedoras e missionárias.

O futuro da Igreja, sem dúvidas, passa, sobretudo, pela renovação trazida pela juventude. Diante do novo que vem com os jovens, a Igreja precisa agir como “Mãe que acolhe seus filhos e filhas” em suas próprias realidades cuidando de todas as dimensões de suas vidas, para que a esperança que há em cada um, não se apague e possa iluminar toda a sociedade.

Na voz dos jovens, a Igreja também escuta a voz de Jesus Cristo e reconhece o rosto Dele presente nas buscas interiores, nos gritos, lamentos, silêncios, nas alegrias e

nas esperanças que fazem parte da inquietude da juventude, tornando a Igreja um verdadeiro espaço de comunhão e participação.

A evangelização da juventude, na Igreja e nas obras salesianas, enfrenta o desafio de dialogar com os jovens em um mundo cada vez mais marcado pelo individualismo, pelo pluralismo e pelas incertezas. Portanto, conhecer a realidade juvenil, é essencial para que o processo de evangelização aconteça, pois a juventude não é homogênea, ou seja, há várias juventudes que convivem no mesmo espaço, nos mesmos bairros, escolas, universidades, espaços de lazer, ambiente de trabalho etc., que merecem um estudo atento e mais aprofundado.

A prática pastoral necessita de um trabalho criativo com a juventude, através de novas metodologias, criando ações que respondam às necessidades dos jovens nos vários ambientes. A juventude precisa ser alcançada com novos métodos, com novas estratégias pastorais, pois o que funcionava bem no passado, provavelmente não funcionará no contexto atual.

Rever antigas metodologias e ter paciência é fundamental, pois o processo vivido no itinerário de fé dos jovens é mais lento do que antes. Contudo, apesar de todo o esforço da Igreja, percebe-se uma dificuldade em acompanhar estas mudanças culturais, mantendo sua forma de acolher, viver em comunidade e agir como antes.

A evangelização dos jovens deve acontecer mediante um processo gradual, feito por etapas, através do acompanhamento sistemático, que é grupal, mas sobretudo, pessoal. É importante retomar uma pedagogia de formação que acredita no jovem como protagonista da evangelização, pois o protagonismo juvenil é o princípio para o trabalho de evangelização dos jovens.

Mais do que belas palavras e pronunciamentos, os jovens querem coerência, verdade e, sobretudo, testemunho e acolhida por parte da Igreja. A opção pelos jovens, cada vez mais, deve fazer parte do cotidiano da Igreja, não só em eventos de massa e ocasiões especiais.

Valorizar as iniciativas promovidas pelos jovens que já participam de grupos, comunidades, pastorais, organizações e movimentos, em geral, precisa fazer parte do cotidiano da Igreja. É necessário “reencantar” os membros adultos da Igreja para o trabalho de evangelização da juventude.

Mais do que uma “pastoral de eventos”, necessitamos de uma “pastoral de processos,” organizada, pensada, acompanhada, com investimentos. Para isso, é fundamental a presença de assessores e acompanhantes, com vivência de vida e fé,

equilibrados, maduros, capazes de ajudar os jovens pessoalmente e em grupos. Para a evangelização dos jovens é necessário um trabalho em equipe, envolvendo sacerdotes, religiosos (as), leigos, maduros na fé, bem como, a presença das famílias dos jovens. Todos devem acreditar no protagonismo dos jovens e, assim, serem os primeiros a promover a participação dos jovens nos vários conselhos de pastoral e demais instâncias de reflexões e de decisões da esfera eclesial.

Pensar a evangelização das juventudes implica proporcionar aos jovens, que se sintam configurados a Jesus Cristo, na Igreja. A fé não é vivida no isolamento, mas, na sua dimensão eclesial. Por isso, é preciso reconhecer e valorizar as diversas expressões juvenis que revelam a riqueza de carismas que Deus concede à Igreja.

Os jovens têm o direito de receber da Igreja o Evangelho e de serem introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé cristã. Eles precisam ser ouvidos, reconhecidos, acompanhados, e querem que sua contribuição seja valorizada e útil no campo social e eclesial.

A escuta dos jovens e suas necessidades é de suma importância para que a Igreja se torne um espaço verdadeiramente inclusivo e acolhedor. Isso não apenas fortalece a fé dos jovens, mas também enriquece a própria Igreja, que se adapta e responde aos sinais dos tempos. Os jovens esperam e desejam participar na Igreja, mas não na Igreja que, por vezes, se revela demasiado pesada e triste, mas, em uma Igreja que os leve a ter a alegria de comunicar os próprios dons, sobretudo, a generosidade e a disponibilidade e viver uma vocação e uma opção consciente. Conhecer e acompanhar os jovens, com uma linguagem acessível, é o ponto de partida para que a evangelização aconteça.

Embora esta dissertação tenha contribuído para a reflexão e a prática da evangelização juvenil no sul do Brasil, com a proposta de um itinerário, algumas questões permanecem em aberto e podem orientar futuros trabalhos. Entre elas, pode-se citar: 1) Quais são as metodologias mais eficazes para envolver os jovens em processos pastorais no contexto atual? 2) Quais são os desafios específicos enfrentados por diferentes “juventudes” em contextos sociais diversos? 3) Como fortalecer o papel das famílias na evangelização dos jovens? 4) Como aumentar o impacto do protagonismo juvenil nas estruturas organizacionais da Igreja?

Embora a Igreja venha fazendo um bonito percurso de evangelização das juventudes, o caminho é longo. Contudo, temos uma certeza: não adianta cobrar dos jovens “um jeito adulto” de ser, mas trazer seu rosto jovem para dentro da Igreja, deixando-os amadurecer dentro da comunidade. Eles precisam encontrar uma Igreja com

“as portas abertas,” com pessoas dispostas a compartilhar suas dores, esperanças, sonhos, ideais, seguindo o caminho proposto por Jesus Cristo.

Para responder às necessidades dos jovens e efetivamente evangelizá-los, a Igreja precisa conhecer profundamente suas realidades e dialogar com suas expressões e linguagens. Os jovens precisam encontrar uma Igreja acolhedora e comprometida, que valorize suas contribuições e lhes ofereça espaços de crescimento espiritual e social.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para o fortalecimento da missão salesiana no sul do Brasil e para a renovação do compromisso da Igreja com os jovens, reafirmando a relevância do carisma de Dom Bosco no contexto em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, H. *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMO H. *Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.5, maio/ago. 1997.
- ABRANTES, P. (org). *Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*. Sociologia, Problemas e Práticas, n. 41. Lisboa, 2003.
- ALMEIDA, M.; EUGÊNIO, F. (orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed. 2006.
- ALFIERI, F. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ARENDT, H. *O que é política?* Fragmentos das obras póstumas de Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1998.
- ÁVILA, F. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. Editora Loyola, São Paulo, 1993.
- AMARO, A. *Juventude e teologia comunicativa: como refletir a fé entre os jovens de hoje?* Teocomunicação, Porto Alegre, v. 50, n.1, p. 1-13, jan-jun, 2020.
- AQUINO, J. *Sobre o conceito de “lugar teológico.”* Revista Eclesiástica Brasileira, v. 70. Petrópolis: Vozes, 2010.
- AGASSO, D.; AGASSO R.; AGASSO JR. *Dom Bosco. Uma vida em seu tempo*. Edições Salesianas, Porto, 2014.
- ALBUQUERQUE, E. *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*. Edições Salesianas, Porto, 2017.
- ALVES, J. *Vida de São João Bosco, sonho e realidade*. Coleção de biografias, 29, 3ª ed. Edições Salesianas, Porto, 1978.
- ATTARD, F.; MARCUENDE, M. *O acompanhamento espiritual*. Ed. Dom Bosco. Brasília, 2005.
- AUBRY, J. *Escritos Espirituais de São João Bosco*. Editorial Dom Bosco (EDB). São Paulo, 1975.
- A PASTORAL JUVENIL SALESIANA. *Quadro referencial*. 3ª ed. Brasília: São Judas, 2014.
- ATOS DO CONSELHO GERAL. *Quais Salesianos para os jovens de hoje?* Brasília: Editora Edebê, 2020.
- ATOS DO CONSELHO GERAL. *Educar os jovens na fé*. Roma: ano LXXI, 1990.
- BASSO, V. *Paixão e Mudança*. Assessoria na Pastoral da Juventude. São Paulo, 2004.
- BARRY, W.; CONNOLLY, W. *Pratica della direzione spirituale*. Edizioni O.R., Milano, 1990.

- BOSCO, Giovanni B. “*Compagni di Viaggio:*” Note di Pastorale giovanile, 31(número monográfico), 1997.
- BAUMAN, Z. *A arte da vida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BAUMAN, Z. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BEOZZO, J., O. *Aparecida à luz das Conferências do Rio, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. In: Quinta Conferência de Aparecida. Renascer de uma esperança. São Paulo: Paulinas, Ameríndia, 2008.
- BEOZZO, J., O. e outros. Curso de Verão ano XXI. *Juventude-caminhos para outro mundo possível*. São Paulo: CESEP e Paulus, 2007.
- BINGEMER, M. *El concilio y la emergência del laicato*. In: Revista Internacional de Teologia Concilium. Vaticano II: 50 años Después, n. 346. Verbo Divino, jun, 2012.
- BOLOGNA, J. *Estação Desembarque: referenciais conceituais para o jovem contemporâneo*. São Paulo: De Leitura, 1999.
- BORAN, J. *Juventude: o grande desafio*. 6ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BORAN, J. *Os desafios Pastorais de uma Nova Era*. Estratégias para fortalecer uma fé comprometida. São Paulo: Paulinas, 2000.
- BORELLI, S.; FILHO, João F. (org). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.
- BOSCO, G. *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell Oratório de S. Francesco do Sales*. Tipografia dell Oratório do S. Francesco di Sales, 2ª ed. Turim, 1866.
- BOSCO, G. *Il Giovane Provveduto*. Tip. Paravia. Turim, 1847.
- BOSCO, J. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*. Ensaio introdutório e notas históricas de Aldo Giraud. Edições Salesianas, Porto, 2012.
- BRIGHENTI, A. *A desafiante proposta de Aparecida*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BRIGHENTI, A. *A pastoral dá o que pensar: à inteligência da prática transformadora da fé*. Manual básico de Teologia Pastoral. São Paulo: Paulinas, Valencia: Siquem, 2006.
- BRIGHENTI A; PASSOS, J. *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2018.
- BRENNER, B. *Os jovens em cena: o desenvolvimento do protagonismo juvenil numa entidade social de São Paulo*. São Paulo, 2004.
- BRAIDO, P. *Dom Bosco educatore: Scritti e testimonianze*. LAS, Romas, 1997.
- BRAIDO, P. *Prevenir, não reprimir*. Edições Salesianas, Porto, 2017. O Sistema Preventivo de Dom Bosco.
- BETTO, F. *Puebla para o povo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BOFF, L. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BOFF, C. *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*. São Paulo: Paulinas, 2014.

BULGARELLI, M. *Los 6 pasos de proyecto de vida de un joven. San José (Costa Rica)*: Colégio Saint Francis, 2012.

CAPÍTULO GERAL ESPECIAL XX. Roma, Junho/1971 a Janeiro/1972.

CARRANO, P. *Juventudes: as identidades são múltiplas*. Revista Movimento. Faculdade de Educação da UFF, 2000.

CARRANO, P. *Juventude e participação no Brasil: interdições e possibilidades*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, n. 30, jan/mar, 2006. Disponível em: <http://www.juventudesulamericanas.org.br/index.php/downloads>.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. *Quebrando mitos*. Juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas da Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

CASTILLO, C. *La opción por los jóvenes en Aparecida*. Editorial CEP, IBC, IPADEJ. Lima, 2008.

CASTRO, A. *A Espiritualidade de São João Bosco*. 1ª edição. Arte Brasil Editora. São Paulo, 2010.

CAVIGLIA, A. *Dom Bosco*. Perfil storico. SEI. Turim, 1934.

CERIA, E. *Dom Bosco com Deus*. Edições Salesianas. Porto, 2014.

CERIA, E. *Memorie Biografiche do Don Giovanni Bosco*. Vol. XIII. Ediz. Extra-commerciale. Tip. Della Società editrice Internazionale. Torino, 1932.

CONSTITUIÇÕES da Sociedade de São Francisco de Sales. Edição Extracomercial. Lisboa, 2004.

COSTA, A. *Protagonismo Juvenil*. Educação, educação e participação democrática. Salvador. Fundação Odebrecht, 2000.

CHARLOT, B. (org). *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CARVALHO, G. *O jovem nas Políticas Públicas e Municipais de Florianópolis*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

CATANI, A.; GILIOLI, R. *Culturas juvenis*. Múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CEPAL. *Adolescencia y juventud en América Latina y Caribe: problemas, oportunidades y desafíos en le comienzo de un nuevo siglo*. Santiago: CEPAL y OIJ, 2004.

COSTA, Márcia R. & Silva, E. *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: EDUC, 2006.

CARDOZO, C.E. da S.M. *Juventude: aproximações, leituras e releituras – 50 anos depois*. In: AQUINO, F. (org.). *50 anos de Medellín: revisando os textos, retomando o caminho*. São Paulo: Paulinas, 2017.

COMPROMISSO COM O REINO. *Itinerário de educação à fé dos jovens*. São Paulo. Editora Salesiana, 2007.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Puebla*. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 2007.

CELAM. *Conclusões de Medellín*. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1968.

CELAM. *Conclusões de Santo Domingo*. Tradução Oficial CNBB 3ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CELAM. *Civilização do amor: projeto e missão*. Orientações para uma pastoral juvenil latino-americana. Brasília; Edições CNBB, 2013.

CELAM. *Civilização do amor: tarefa e esperança*. Orientações para a Pastoral da juventude Latino-Americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

CELAM. *Pastoral da Juventude*. Sim à civilização do amor. São Paulo: Paulinas, 1987.

CNBB. *Marco referencial da pastoral da juventude do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1998 (Estudos da CNBB, 76).

CNBB. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CNBB. *Juventude – caminho aberto*. (Manual) 1992. São Paulo: Salesiana, 1992.

CNBB. *Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986 (Estudos da CNBB, 44).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB 85).

CARTA APOSTÓLICA “PORTA FIDEI”. Bento XVI, novembro de 2011.

CAPÍTULO GERAL XX. *Documentos Capitulares*. Roma, 1978.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições Decretos, Declarações*. 27ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes*. 27ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 27ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. 27ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do Celam: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. Conselho Episcopal Latino-Americano. São Paulo: Paulus, 2004.
- COSTA, R. F. *A opção pelos jovens e o caminho das juventudes no século XXI*. In: SOUZA, N. SBARDELOTTI, E. (org.). *Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- DA SILVA, Genésio da (org.). *ARTICULAÇÃO DA JUVENTUDE SALESIANA: Princípios norteadores*, 2ª ed. Belo Horizonte, CESAP, 2003.
- DAUNIS, R. *Jovens-Desenvolvimento e identidade*. Troca de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- DAYRELL. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, n. 24, set/dez, 2003.
- DALLARI, D. *O que é participação política*. São Paulo: 8ª ed. Ed. Brasiliense, 1983.
- DANIELSKI, G. *Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja*. (Dissertação). Rio de Janeiro, PUC/RJ, 2015.
- DICK, H. *Gritos silenciados, mas evidentes*. Jovens construindo juventude na História. São Paulo: Loyola, 2003.
- DICK, H. *O Divino no Jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Porto Alegre: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006.
- DICK, H. *Conclusões do II Congresso Latino-americano de Jovens*. São Paulo: CCJ, 1999.
- DICK, H. *Caminho da educação e amadurecimento na fé: mística do processo de educação na fé*. Porto Alegre, RS, 2013.
- DÍAZ Baizán, J. *El acompañamiento espiritual de los jóvenes*. Frontera, Vitoria, 1999.
- DOCUMENTO FINAL DA XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. São Paulo: Paulus, 2019.
- DANIELSKI, G. *Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.
- FEIXA, C. *Movimentos Juveniles en América Latina: pachucos, malandros, punketas*. Barcelona: Ariel, 2002.
- FEIXA, C. *De jóvenes, bandas y tribos*. 3ª ed. Barcelona, Arie, 2006.
- FILHO, J. *Juventude e o sagrado*. Crer num mundo de muitas crenças. São Paulo: Paulinas, 2003.
- FICHER, N.; SPOSITO, M. Apresentação. In: MELUCCI, A. *A invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas*. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FICHELSTEIN, F. *Aspirantes e fascistas: Um guia para entender a maior ameaça à democracia*. São Paulo: Autêntica, 2024

FREITAS, Maria V. de. *Juventude e adolescência no Brasil*. Referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FRANCISCO; LEONCINI, Thomas. *Deus é jovem*. Uma conversa com Thomas Leoncini. São Paulo: Planeta e Paulus, 2018, p. 99.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit: para os jovens e para todo o Povo de Deus*. Documentos Pontifícios 37. São Paulo: Paulus, 2019.

CAPÍTULO GERAL ESPECIAL XX. Roma, 1971.

GARCÍA Dominguez, M. *El libro del discípulo*. El acompañamiento espiritual. Sal Terrae/Mensajero. Cantabria, Bilbao, 2011.

GATTI, G. “*La legge dello Spirito che dá l avita,*” in *Accompagnare i Giovani nello Spirito, a cura do Jesús Manuel García*. LAS, Roma, 1998.

GARBIN, E. *Cenas juvenis em Porto Alegre: “legalizações”, nomadismos, e estilos como marcas identitárias*. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em educação*. Canoas, RS: Editora Ulbra, 2006.

GERTZ, René, E. *O Neonazismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: AGE, 2012.

GIOVANI NELLA CHIESA PER IL MONDO. *Atti del “Confronto don Bosco 88”*. Torino, 1998.

GIDDENS, A. *The Consequences os modernity*. Polity press. Cambridge, 1990.

GIRAUDO, A. *Clero, seminário e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*. LAS. Torino, 1993.

GONÇALVES, C. “*Contributos conceituais e metodológicos da psicologia para o acompanhamento espiritual*”. *Espiritualidade* 97,98, 2016.

GOMEZ SERRANO, P. *Nos sobran los motivos*. Uma invitación al cristianismo. PPC. Madrid, 2011.

GREGÓRIO NAZIANZENO *apud* MARCUENDE, Miguel Ángel García. *Acompanhamento Espiritual: itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens*. Brasília: Edb, 2015.

GROPPO, L. *Juventude: ensaios sobre Apologética, Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GREEN, B.; BIGUN, C. *Alienígenas na sala de aula*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

HAI DT, Jonatham. *A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

INSTITUTO DE PASTORAL JUVENIL. Porto Alegre. Outubro/Dezembro, 1998. n. 74.

INSTITUTO DE PASTORAL JUVENIL. Porto Alegre. Julho/Setembro. 1998. n. 73.

INSTITUTO DE PASTORAL JUVENIL. *Mensagem à juventude reunida em Manaus no XI*

Encontro Nacional da Pastoral da Juventude em Manaus. 2017.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Evangelizadores entre os jovens; documento de referência para o Instituto Marista.* Comissão Internacional de Pastoral Juvenil Marista. São Paulo: FTD, 2011.

KRAUSKOPF, D. *Juventudes na América Latina e Caribe: dimensões sociais, subjetivas e estratégias de vida.* In: THOMPSON, A. *Associando-se à juventude para construir o futuro.* São Paulo: Peirópolis, 2005.

LA PASTORALE GIOVANILE SALESIANA. *Quadro di riferimento fondamentale.* Elitrice SDB. Roma, 2000.

LIBÂNIO, J., B. *O mundo dos jovens.* Reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja. São Paulo: Loyola, 1978.

LIBÂNIO, J., B. *Para onde vai a juventude?* Reflexões Pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

LIBÂNIO, J., B. *Jovens em tempos de pós-modernidade.* São Paulo: Loyola, 2004.

LIBÂNIO, J., B. *As portas da juventude de hoje.* (Conferência). In: IV CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO. Florianópolis, 30/07/2005.

LIBÂNIO, J., B. *Jovens em tempos de pós-modernidade – considerações socioculturais e pastorais.* São Paulo: Loyola, 2004.

LÉGAUT, M. *El hombre em busca de su humanidad.* Verbo Divino. Estella 1973 (2012).

LEMOYNE, G. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco.* Vol. I, Ediz. Extra-Commerciale. Tip. Della Società editrice Internazionale. Torino, 1898.

LENTI, A. *Dom Bosco 1: História e Carisma.* Editora Dom Bosco. Brasília, 2012.

LOPEZ, Q. *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores.* São Paulo: Paulinas, 2004.

MAGNO, Gregório. *Regra Pastoral.* São Paulo: Paulus, 2010. 264 p. (Patrística).

MATTEO, A. *A primeira geração incrédula.* A difícil relação entre os jovens e a fé. Paulinas, Prior Velho, 2013.

MARCUENDE, M. *Acompanhamento espiritual.* Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens. Brasília, DF: EDB, 2015.

MELLUCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais.* In: Juventude e contemporaneidade, Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, n.5,6,7, 1997.

MELUCCI, A. *O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global.* Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

MICHON, C.; NARCISSE, G. *Lugares teológicos.* In: LA-COSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia.* São Paulo: Paulinas, 2004.

MOSCA, C. *As Jornadas Mundiais da Juventude e o rosto da Igreja.* São Paulo, 2005.

MOÏNG, J. *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento de Deus.* Vol. II. São Paulo: Loyola, 2012.

- NAZZARI, R. *Capital social, cultural e socialização política: a juventude brasileira*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- NAZZARI, R. *Juventude brasileira: capital social, cultural e socialização política*. Cascavel. EDUNIOESTE, 2006.
- NIGG, W. *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*. Edições Salesianas. Porto, 1983.
- NÓBREGA, Z. *Cultura popular da pós-modernidade*. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, 2008.
- NOVAES, Regina e outros. *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- NOVAIS, R.; VIDAL, C. *A juventude de hoje: (re) invenção da participação social*. In: THOMPSON, A. (org). *Associando à juventude para construir o futuro*. São Paulo, Peirópolis, 2005.
- NOGUEIRA, P. *Juventude: construção de uma hegemonia*, 2010. Disponível em: http://www.nufipeuff.org/seminario_gramsci_e_os_movimentos_populares/trabalhos/Patrici_a_Simome_Nogueira.pdf. Acesso em 12 de maio 2011.
- OLIVEIRA, Rita de. *Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico*. In: FREITAS, Marcos Cezar (org). *Desigualdade Social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo, SP: Cortez, 2006.
- OLIVEIRA, C. *Sobrevivendo ao inferno: Violência juvenil na contemporaneidade*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- OBSERVATÓRIO DAS JUVENTUDES PUC/RS/REDE MARISTA. *Saúde mental de adolescentes e jovens em contextos educativos e relações de cuidado humano*, 2020.
- OBSERVATÓRIO SALESIANO DE JUVENTUDES. *Culturas juvenis e perspectivas de futuro: um olhar sobre as presenças salesianas no sul do Brasil*. Porto Alegre, RS, 2021.
- PAIS, M. *Culturas juvenis*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- PERALVA, A. *O jovem como modelo cultural*. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 5,6, 1997.
- PETITCLERC, Jean-Marie. *Cómo hablar de Dios a los jóvenes*. CCS, Madrid, 2004.
- PASTORAL JUVENIL. *Conhecimento da condição juvenil*. São Paulo: Salesiana, 1980.
- PASTORAL JUVENIL. *Grupos e Movimentos Juvenis*. Experiências, reflexões, pistas de ação. São Paulo, 1980.
- PASTORAL JUVENIL. *IV ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE PASTORAL JUVENIL SALESIANA*. (Ano internacional da Juventude). São Paulo, 1985.
- PASTORAL JUVENIL. *ITINERÁRIO EDUCATIVO NA PASTORAL DA JUVENTUDE*. São Paulo, 1993.

PASTORAL JUVENIL. *PÓS-MODERNIDADE E JUVENTUDE*: Possibilidades e desafios. São Paulo, 1995.

PJ A CAMINHO. *Instituto de Pastoral da Juventude*. Em busca de um novo paradigma de evangelização dos jovens. Porto Alegre. Maio/Junho, 2000.

PJ A CAMINHO. *Pastoral da Juventude na América-Latina*. Porto Alegre. Outubro/Dezembro. 2003.

PASTORAL A CAMINHO. *Olhares e horizontes de esperança*: a dimensão vocacional da Juventude na América Latina. Porto Alegre. Setembro/Outubro. 2005.

PASTORALE GIOVANILE SALESIANA. *Dicastero Pastorale Giovanile*. Editrice SDB. Roma, 1990.

PAULO VI. *Mensagem aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II*. /Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani.html

PASTORAL DA JUVENTUDE. *Somos Igreja jovem*. Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer. Brasília: FTD, 2012.

PASSOS, J. *Método Teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018.

PAGOLA, J. *Jesus: uma aproximação histórica*. Vozes: Petrópolis, 2010.

RAMBLA, J. *No anticiparse al Espíritu*. Variaciones sobre el acompañamiento espiritual. Cristianisme i Justícia. Barcelona, 2010.

REGUILO Cruz, R. *Emergência de culturas juvenis*. Estratégias del desencanto. Buenos Aires: Ariel, 2000.

RIBEIRO, J. *Os Universitários e a Transcendência: Visão Geral, Visão Local*. REVER, *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, 2004.

ROSSO, S. “*A correspondence with Umberto Eco*”. Tradotto da Carolyn Springer: *Boundary 2*, 12. 1983.

RUFFINATO, P. *Educhiamo con il cuore di Don Bosco*. Note di Pastorale Giovanile, nº 6. Roma, 2007.

RUS, É. *Uma visão Educativa de Edith Stein*: Aproximação a um Gesto Antropológico Integral. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SANDRINI, M. *Dom Bosco: presente de Deus para as juventudes – Terra santa e lugar teológico*. São Paulo: Paulus, 2018.

SANTOS, P. *Juventude e Puebla*: aspectos teológicos pastorais na evangelização da juventude (Dissertação). São Paulo: PUC/SP, 2019.

SBERGA, Adair A. *Voluntariado Jovem – construção da identidade e educação sociopolítica*. São Paulo: Salesiana, 2001.

- SBERGA, A.; MASSIMI, M. *A formação da pessoa em Edith Stein*. In: MAHFOUD, M; MASSIMI, M. (org). *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013.
- SILVA, C. *Resenha de Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP V. 17, n. 2, 2005.
- SILVA, E. *Projeto de vida*. Brasília: Cisbrasil-CIB, 2008.
- SILVA, E. *Vida: um projeto em construção*. São Paulo: Canção Nova e Loyola, 2014.
- SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Documento Final. Trad. João Victor Gonzaga. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- SECRETARIA GENERALIS SYNODY. *Documento final da reunião pré-sinodal*. In. ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 15., 2018.
- SOUZA, Regina, M. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SOUZA, N. *História da Igreja na América Latina*. (Coleção Iniciação à Teologia). 1ª Edição, 2022.
- SOUZA, J. *O pobre de direita*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno Ensayo de una ascención al sentido del ser*. México: Fondo del Cultura Económica, 1996.
- STEIN, E. *Zum Problem der Einfühlung, Edith Stein Gesamtausgabe*. V.5. Freiburg – Basel - Wien; Herder, 2. Auflage, 2010.
- SOUZA Ney de e SBARDELOTTI E. (org.). *Medellin: memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- SOUZA Ney de e SBARDELOTTI E. (org.). *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência*. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- SPÓSITO, M. *Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação*. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, n. 13, 2000.
- SCHMITT, C., A. *Comunhão e participação: os jovens vivendo Puebla*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1980.
- SEÇÃO JUVENTUDE CNBB. *Projeto de vida*. Caminho Vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana. São Paulo: CCJ, 2004. Del Forum Mundial del Movimiento Juvenil Salesiano. Colle Don Bosco, 6-13 de agosto de 2000.
- SIGNOS Y PORTADORES DEL AMOR DE DIOS A LOS JOVENOS. Actas
- THOMPSON, A. (org). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Peirano, 2006.
- TEIXEIRA, P. *A formação integral da pessoa em Edhit Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas*. (Dissertação de mestrado), 2017.

TEIXEIRA, P. *Perspectiva de atuação com os jovens: impreteríveis alinhamentos*. Porto Alegre, RS, 1ª ed. ESTEF, 2024.

URBIETA, J. *Acompañamiento de los jóvenes: construir la identidad personal*. PPC, Madrid, 1998.

VECCHI, J. *Un proyecto de Pastoral Juvenil en la Iglesia de Hoy*, CCS, Madrid, 1990.

VARGAS, Aléxis R. *Os Jovens ao encontro com Jesus Cristo*. (Tradução). Coleção à luz de Aparecida, n. 11. Brasília: Edições CNBB, 2008.